

IGREJA DE SANTA MARIA DE LEBEÑA

Uma interpretação



SARA MARGARIDA DE MATOS PINTO BRONZE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA
Sob a orientação do Professor Doutor Rui Lobo

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS | UNIVERSIDADE DE COIMBRA
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA | Dezembro de 2011

IGREJA DE SANTA MARIA DE LEBEÑA

Uma interpretação



AGRADECIMENTOS

Aos meus avós.

Aos meus pais e às minhas irmãs,
por tudo aquilo que são e me ensinaram a ser,
pela força e apoio incondicionais.

Ao meu orientador, Prof. Rui Lobo,
pela disponibilidade e dedicação
ao longo da elaboração desta Dissertação.

Ao Jorge e aos amigos de sempre, Ana, Célia, Diogo,
Filomena e Márcia, pelo apoio, carinho e amizade,
por estarem presentes em todos momentos.

À minha família,
por todo o apoio, especialmente à Inês,
pela paciência e pela ajuda.

SUMÁRIO

Introdução	11
I. A Igreja de Santa Maria de Lebeña - a sua história	21
1. Contexto histórico-cultural	23
2. A Arquitectura Asturiana e a Arquitectura Moçárabe	33
3. A Igreja de Santa Maria de Lebeña	47
II. O restauro de 1897	71
III. Proposta de reinterpretação da Igreja de Santa Maria de Lebeña	99
Conclusão	137
Referências Bibliográficas	147
Fontes de Imagens	155
Anexos	167

No decorrer do percurso escolar deparámo-nos com várias disciplinas, umas mais marcantes que outras. A unidade curricular Projecto, que nos acompanha ao longo de todos os anos do curso, torna-se a mais importante, aquela a que invariavelmente dirigimos mais tempo e dedicação. Contudo, outros temas vão captando a nossa atenção. Foi o que aconteceu quando, no início do ano lectivo de 2008/2009, começámos a frequentar as aulas da unidade curricular de História da Arquitectura Portuguesa I. No entanto, o modo como se encontrava planeada e as aulas leccionadas pelo Professor Doutor Alexandre Alves Costa, prenderam-nos à matéria em estudo. Esta disciplina foi extremamente importante na escolha do tema a aprofundar na Dissertação. Foi nas aulas de História da Arquitectura Portuguesa I que tivemos um primeiro contacto com a arquitectura moçárabe e conseqüentemente com a igreja que escolhemos como caso de estudo: Santa Maria de Lebeña.

A realização de uma simples monografia sobre este edifício não era algo que só por si nos aliciasse, nem que tivesse pertinência, uma vez que existem já alguns autores que estudaram esta igreja.

Sabe-se da existência não só de duas monografias, unicamente sobre esta igreja, escritas por Torres Campos (1885) e Enrique Campuzano Ruíz (1998), mas também de outros documentos que referem e aprofundam os conhecimentos sobre este edifício escritos por Gómez Moreno (1919), Jacques Fontaine (1984), Gallego Fernández (2001), e pelo arquitecto José Urioste y Velada (1897), que publica a sua memória descritiva e justificativa do restauro por si executado à igreja de Lebeña. Contudo, tentar realizar algo que conjugasse de algum modo os ensinamentos aprendidos nas disciplinas de Projecto e de História da Arquitectura Portuguesa foi algo que pareceu interessante. A possibilidade de poder desenvolver um exercício teórico-prático, que incluía a história como ponto de partida, deu-nos mais determinação na escolha deste tema.

O objectivo deste trabalho é desenvolver uma ou mais propostas de reinterpretação, devidamente fundamentadas, de como terá sido a forma originária da igreja de Santa Maria de Lebeña. Para chegarmos a esta conclusão é necessário realizar não só um estudo pormenorizado sobre a história desta igreja e do período histórico-cultural em que foi erigida, mas também de vários edifícios da arquitectura moçárabe que chegaram até aos nossos dias.

O primeiro desafio com que nos deparámos surgiu ainda na fase de recolha bibliográfica. Sendo este um edifício situado em território espanhol não foi fácil encontrar no nosso país documentação para a realização desta tese. Assim, houve a necessidade de realizar não apenas uma, mas duas viagens a Espanha. Estas viagens visaram não só uma ida às diversas bibliotecas em que existiam documentos que nos interessassem mas também uma visita à própria igreja que nos propomos estudar.

Esta Dissertação fragmenta-se em três capítulos, cada um com sua problemática específica, que têm o objectivo de nos ajudar a perceber todo o percurso da igreja de Lebeña, e também o modo como esta terá sido aquando da sua concepção. Sem esta estrutura não teria sido possível organizarmos o nosso pensamento de modo a atingir o nosso objectivo.

Em *A igreja de Santa Maria de Lebeña - a sua história* (primeira parte) detemo-nos a perceber a época em que o edifício em estudo foi construído, o contexto histórico-cultural que se vivia na Península Ibérica e que deu posteriormente origem ao aparecimento

da denominada arquitectura moçárabe. Daí que o primeiro passo foi um estudo aprofundado desta arquitectura, feita em locais isolados, que tem características muito peculiares que variam de edifício para edifício, dando assim origem a obras singulares e extremamente belas. Ainda nesta conjuntura parece-nos adequado estudar um pouco mais aprofundadamente a igreja de Santa Maria de Lebeña de modo a percebermos a sua história, o porquê da sua construção e quem a mandou erguer. É sabido que a igreja de Lebeña se encontra em bom estado de conservação, no entanto para que assim seja foi necessário realizar várias intervenções ao edifício durante os seus mais de mil anos de existência.

Num segundo momento, em *O restauro de 1897*, esclarecemos tudo o que aconteceu após a elevação da igreja de Lebeña a monumento nacional espanhol a 27 de Março de 1893. O arquitecto José Urioste y Velada realizou uma proposta de intervenção que depois de aprovada deu origem às obras de requalificação do edifício. Esta proposta resume-se a uma consolidação do edifício não só estrutural mas também funcional. Este restauro apresenta-se como sendo a intervenção mais importante realizada na igreja até à actualidade pois as opções que o arquitecto tomou alteram o modo como hoje apreendemos este monumento.

Por fim em *Proposta de reinterpretação da igreja de Santa Maria de Lebeña* (terceira parte) elaboramos uma exposição de como pensamos que esta igreja terá sido no século X. Para a realização desta memória descritiva e justificativa da nossa proposta são muito importantes todos os dados recolhidos nos capítulos anteriores, que acabam por culminar neste último capítulo. Assim, aliada a esta memória encontram-se peças desenhadas e imagens realizadas por nós de modo a exprimir as conclusões a que chegámos. É nesta última parte que se encontra a relação desta pesquisa com a disciplina de projecto, uma vez que é através dos conhecimentos adquiridos no decorrer desta unidade curricular que vamos conseguir transmitir as nossas propostas.

Reconhecemos que a proposta que sugerimos realizar só tem sentido num ambiente académico, uma vez que, alterar a igreja de Santa Maria de Lebeña transformando-a naquilo que era aquando da sua construção, não faz hoje qualquer sentido. Ao retirarmos os elementos que foram acrescentados ao longo dos anos à igreja estamos a retirar-lhe a sua história, podemos mesmo afirmar

que estamos a desvirtuar o edifício, pois os edifícios são feitos disso mesmo, de acrescentos e de remoções, de restauros e de intervenções, de tudo o que é necessário para que sejam algo e não apenas uma construção que vai ficando, abandonada, até se transformar numa ruína. Contudo, procurar a forma original do edifício é algo que nos fascina, enquanto amantes da arte e mesmo da história. Descobrir como terá sido esta igreja aquando da sua construção, realizar uma reinterpretação nossa, é cativante e até mesmo estimulante. Podemos reconhecer que retirar todos os acrescentos desta igreja e procurar como é que ela era no século X pode ser algo contraditório, pois o edifício deve mostrar a sua história, porém nada nos impede de imaginar como terá sido no século X, e é a isso que nos propomos.

I. A IGREJA DE SANTA MARIA DE LEBEÑA - A SUA HISTÓRIA

1. CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

Ao longo dos tempos a Península Ibérica foi sempre um local por onde passaram muitos povos, não só devido à localização geográfica privilegiada mas também à sua riqueza natural, chegando mesmo a ser uma das zonas mais ricas e desenvolvidas do Império Romano Ocidental. Era estrategicamente uma região muito importante pois permitia controlar as embarcações que entravam e saíam do Mar Mediterrâneo. Assim, é compreensível que o povo muçulmano, que controlava o Norte de África, se interessasse também por este território.

Em finais do século VII a Península encontrava-se dominada por aristocracias guerreiras de origem germânica. Estas tinham conquistado o território aos romanos acabando por conviver com aqueles que permaneceram no território peninsular. Isto fez com que a Península Ibérica não fosse habitada exclusivamente por estes povos germânicos mas também por um importante substrato hispano-romano, resultado da permanência de populações



1

1 - Mapa da Península Ibérica após as invasões germânicas.

anteriores. De entre os povos germânicos, conheceram maior êxito os Suevos e os Visigodos. (fig. 1)

Os Suevos estabeleceram-se na região peninsular em 411, sob a orientação do Rei Hermigário, e fixaram-se na região compreendida entre o Douro e o Mar Cantábrico, fundando nesse local o reino dos suevos com capital em Braga. Viveram um período bastante conturbado, dividido entre constantes alianças e guerras com os visigodos e os hispano-romanos. No entanto, após este período, o reino passou por uma fase com alguma estabilidade, que coincidiu com a conversão dos suevos ao catolicismo e com acordos de paz, celebrados por via do casamento, com o reino visigodo. Contudo, nos reinados que se sucederam o povo suevo entrou em decadência. As guerras constantes contra Leogivildo levaram ao final do reino dos suevos, que a 585 se transformou numa província da Espanha visigótica.¹

Os Visigodos foram o povo germânico mais bem sucedido na invasão da Península Ibérica, encontrando-se nesta região desde o início do século V. Com a subida ao trono do rei Leogivildo, em 569, a Monarquia Visigótica entrou num período de estabilidade. Esta estabilidade na Península foi posterior ao fim do domínio visigodo a Norte dos Pirinéus, que levou à queda da capital Toulouse para os Francos, e à conseqüente fixação da capital no território da Península Ibérica, em Toledo. Para que a unidade do reino visigodo na Península Ibérica ficasse completa era necessário resolver um problema de cariz religioso, uma vez que os visigodos professavam o arianismo e os hispano-romanos o catolicismo. Porém, essa situação foi resolvida em 589 quando o rei Recaredo I proclamou o Cristianismo religião oficial da Hispânia visigótica.

A monarquia visigótica era electiva e como tal os reis eram eleitos, por bispos e nobres, nas Cortes, que se realizavam na capital. Só eram candidatos a tal cargo aqueles que fossem cristãos, de ascendência gótica e livres por nascimento, o que fazia com que apenas as famílias mais antigas pudessem exercer tal função. Contudo, houve períodos em que a monarquia visigótica foi simultaneamente electiva e hereditária, como aconteceu com Vitiza que reinou após o pai, Egica. Esta situação levou a que Akhila, filho de Vitiza, tentasse também alcançar o mesmo. Todavia, após a morte do seu pai, em 710, tal não aconteceu. Rodrigo foi rapidamente proclamado rei por um grupo de nobres, que

¹ [http://www.infopedia.pt/\\$reinos-germanicos-do-ocidente-peninsular](http://www.infopedia.pt/$reinos-germanicos-do-ocidente-peninsular) [consult. a 20 de Novembro de 2011]

provavelmente não desejava que o poder se mantivesse durante tantos reinados na mesma família. Na prática visigótica Rodrigo terá sido um rei legítimo, por eleição, mas as circunstâncias levaram a que uma série de pessoas influentes na Corte se sentissem lesadas.² Esta situação arrastou-se mesmo depois das eleições, fragilizando o reino com as consequentes crises políticas. Quando em 711 os muçulmanos chegaram à Península Ibérica, encontraram todas as condições para derrotar as forças de Rodrigo.

“A invasão muçulmana de Espanha e Portugal foi, sob muitas formas, a lógica e necessária extensão da conquista da África Setentrional.”³

Os Mouros, que ocupavam já o Norte do território africano, foram explorando e conquistando a Península, de Sul para Norte. Em Toledo as forças lideradas por Tarik não encontraram grande oposição pois a maior parte das pessoas tinha abandonado a cidade. O povo visigodo acaba por perder a força e sucumbir ao invasor. Assim o Império Muçulmano reunia todas as condições para conquistar a Península Ibérica, exceptuando uma pequena área no Norte, onde, desde o tempo dos Visigodos, a população era maioritariamente livre e utilizava a cordilheira montanhosa como elemento defensivo. Esta população livre era cristã e insurgiu-se contra o avanço islâmico, as suas imposições fiscais e religião.⁴

Após a invasão da Península, e durante algum tempo, muçulmanos e cristãos coabitaram em harmonia, sob o domínio do povo invasor. A estes cristãos, que viviam em território muçulmano ou em contacto com os muçulmanos, deu-se o nome de moçárabes - do árabe *mustá'rib* ou *mu'ahidun*, que significa “os que se ajustaram a um pacto”.⁵ Aos moçárabes foi permitido manterem as suas práticas cristãs, mas foram despojados das suas melhores igrejas e não podiam erguer novas. No entanto, podiam recuperar outras igrejas, de menor importância, que estivessem em condições precárias. Foi-lhes também permitido manterem os seus costumes, tais como a missa, a liturgia e rituais tradicionais. Todavia, aqueles que se convertessem ao Islamismo tinham benefícios, ficavam isentos de impostos e passavam a ter carta de cidadania e aos escravos convertidos era concedida a liberdade. Sob estas condições os cristãos acabaram por se manter nas suas casas, convivendo com o povo muçulmano, aprenderam os seus

² KENNEDY, Hugh - Os Muçulmanos na Península Ibérica. História Política do al-Andalus. 1999, p. 19 e p. 28.

³ ibidem. p. 21.

⁴ ARIAS, Lorenzo - Prerromânico Asturiano. El arte de la Monarquía Asturiana. 1999, p. 11.

⁵ RUIZ, Enrique Campuzano - Santa María de Lebeña: iglesia mozárabe del siglo X. 1998, p. 31.

usos, costumes e técnicas construtivas. Por volta do ano 756, com a chegada do chefe mouro Omeya, incorporaram-se novas correntes orientais e muitos moçárabes passaram a adoptar a forma de vida e crenças muçulmanas. Assim, e aos poucos, alguns cristãos foram cedendo e converteram-se à religião que o povo invasor praticava, enquanto outros ficaram cada vez mais descontentes com a situação, começando a haver uma convivência mais difícil entre os elementos das duas religiões.⁶

A meados do século IX, durante os mandatos de Abd-al Rahman II e do seu sucessor Muhamed I, surgiram dificuldades derivadas, mais que a uma agressão islâmica, a um ódio face às crenças muçulmanas, impulsionado pelo bispo Eulogio, que levou a uma vontade de enfrentar o povo islâmico e a um desejo de martírio.⁷ Muitos cristãos blasfemaram publicamente de Maomé e do Corão, sendo por isso perseguidos.⁸ Isto levou a que a convivência pacífica se perdesse totalmente. Iniciou-se uma política de intolerância e repressão violenta, expulsando os cristãos integrados na administração e aumentando os impostos. Alguns moçárabes converteram-se definitivamente ao islamismo enquanto outros, descontentes com a situação, decidiram ir embora, refugiando-se noutros países ou no Norte da Península Ibérica, na região das Astúrias, onde os cristãos livres se encontravam a organizar-se em Estados. Assim, por toda a Península assistimos a uma consolidação do poder Muçulmano, excepto na região das Astúrias, sob o domínio cristão.⁹

À população cristã do Norte juntaram-se os moçárabes vindos do Sul. Esta sociedade, carente de núcleos de entidade e com uma cristianização muito débil, começou então a defender os territórios que não haviam sido invadidos, acabando posteriormente, e sob a orientação de Pelágio, um chefe asturiano, por iniciar aquilo que hoje denominamos de Reconquista Cristã. Este processo de Reconquista iniciou uma política de expansão que propiciará a emigração dos cristãos que viviam nas zonas dominadas pelos Mouros para as Astúrias, elevando o número de resistentes cristãos no Norte. O povo cristão começou assim a estabilizar-se nas regiões que ainda não se encontravam ocupadas e a recuperar as terras que haviam sido conquistadas pelos Muçulmanos, aumentando o seu território. Nos reinados de Ordoño I e Alfonso III assistimos a uma consolidação do Reino Asturiano, que passou a ocupar uma

⁶ NUÑEZ, Manuel. - *Arquitectura Prerrománica*. 1978, p. 182.

⁷ YARZA, Joaquín - *Arte y Arquitectura en España 500-1250*. 1994, p. 91.

⁸ PIJOÁN, José - *Arte bárbaro prerrománico: desde el siglo VII hasta el año 1000*. 1966, p. 472.

⁹ RUIZ, Enrique Campuzano - *Santa María de Lebeña: iglesia mozárabe del siglo X*. 1998, p. 31.

posição destacada na geografia da Península.¹⁰ Assim, os colonos moçárabes começaram a repovoar as terras conquistadas aos Muçulmanos, porém, como havia o perigo de incursões árabes ao território recém conquistado, acabaram por se instalar junto às montanhas cantábricas de modo a terem uma localização privilegiada e ainda assim, poderem participar no processo de repovoação.¹¹ Esta população levou consigo para estes locais a sua cultura, e por conseguinte as técnicas que apreenderam da convivência com os muçulmanos, como explica Jacques Fontaine:

“A medida que progresaba la reconquista de toda la parte oriental del Norte de la meseta, era lógico que los intercambios culturales se intensificaran cada vez más en esta zona, entre los reductos montañosos y los territorios reconquistados al Sur de la cordillera.”¹²

É assim que a região de Liébana¹³ vai entrar em absoluto no processo da Reconquista, estando vinculada ao Reino Asturiano com capital em Oviedo, que mais tarde, com a transição da capital para a cidade de Leão, passará a ser Reino de Leão.¹⁴

¹⁰ ARIAS, Lorenzo - Prerrománico Asturiano. El arte de la Monarquía Asturiana. 1999, p. 23. e p. 24.

¹¹ RUIZ, Enrique Campuzano - Santa María de Lebeña: iglesia mozárabe del siglo X. 1998, p. 31.

¹² FONTAINE, Jacques - El Mozárabe. La España románica. 1984, p. 153.

¹³ Não confundir com a aldeia de Lebeña

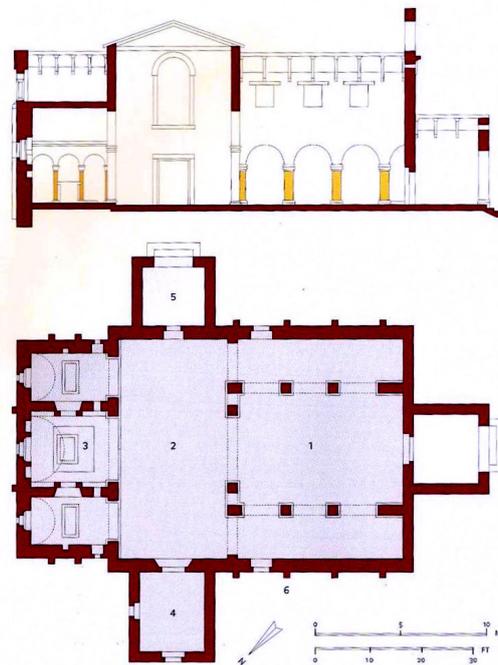
¹⁴ MOWINCKEL, Karen - Arte y arquitectura religiosa en el Valle de Liébana durante la edad moderna. 2007, p. 4.

“Pensar que la penetración de la arquitectura mozárabe en esta comarca es tal vez un puro azar desde un punto de vista geográfico e histórico sería un supuesto sin fundamento, a pesar de lo lejano de ese lugar arrinconado en el corazón de los Pirineos Cantábricos.”¹⁵

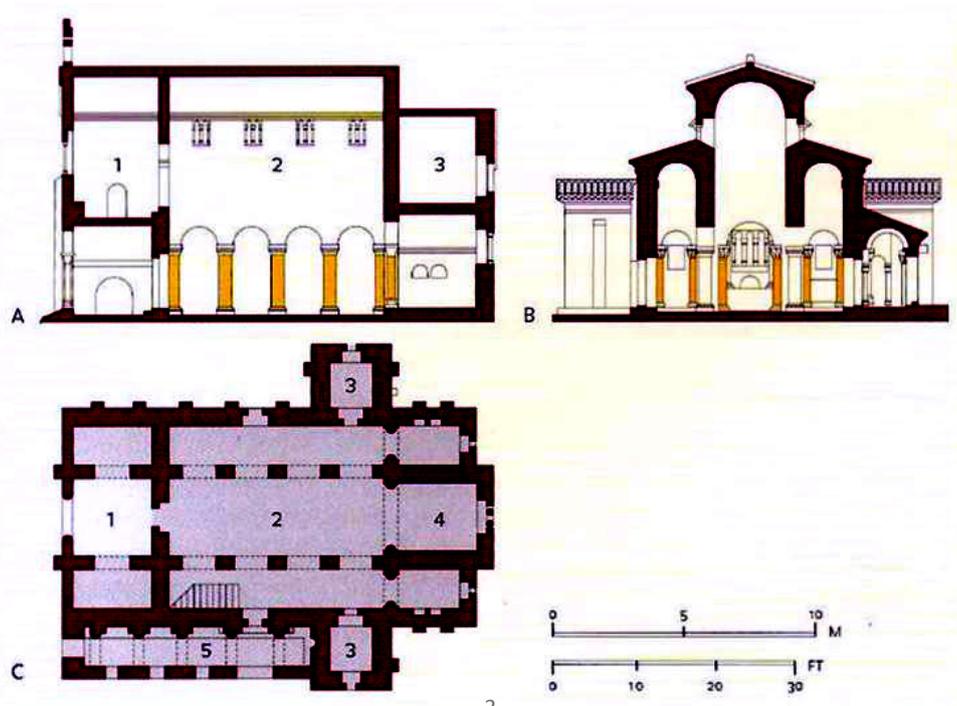
Os vales de Liébana encontram-se na zona de contacto entre as Astúrias e a primitiva Cantábria, nos limites das grandes regiões históricas de Leão e Castela. É uma região muito peculiar, delimitada por montanhas altíssimas e isolada do resto do território. Contudo, como Jacques Fontaine refere, não tem fundamento pensar que a penetração da arquitectura moçárabe neste território é pura coincidência, pois os moçárabes fixaram-se neste local precisamente porque era uma zona de difícil acesso onde acabavam por se encontrar em maior segurança. Como já enunciámos, este local abrigou muitos moçárabes que aqui se fixaram e construíram as suas casas e igrejas, tendo sido desde muito cedo um importante centro da cultura monástica.¹⁶ Contudo, estas construções têm características muito próprias. Como expõe José Pijoán:

¹⁵ FONTAINE, Jacques - El Mozárabe. La España románica. 1984, p. 153.

¹⁶ ibidem. p. 153.



2



3

2 - Planta e corte da igreja de San Julian de los Prados.
 3 - Planta e cortes da igreja de San Salvador de Valdedios.

“Lo singular es que el estilo de sus construcciones es de un tipo que llamamos mozárabe, que refleja la arquitectura de los árabes de Córdoba, pero que conserva, a nuestro entender, mucho más todavía de tradición visigoda.”¹⁷

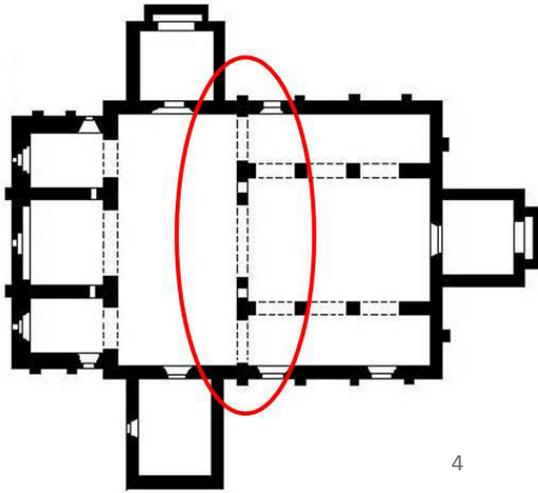
Os moçárabes, ao construírem as suas igrejas e mosteiros, não só utilizam técnicas e elementos muçulmanos, como também vão buscar características revivalistas, principalmente da arquitectura visigótica.

No Norte da Península passa a ser usual denominar aquilo que é construído nesta região de arquitectura asturiana. Esta é muito semelhante à arquitectura visigótica, todavia está relacionada com uma primeira fase do reino, em que este é mais pequeno e o poder se concentra nas mãos do monarca. Há uma aliança entre poder político e religioso que se reflecte na arquitectura, conferindo-lhe uma maior unidade estilística. É notório, nos edifícios deste período, a ruralidade da época, a falta de mão-de-obra e o isolamento a que a população estava sujeita. Assim, acaba por não ser tão exuberante como a arquitectura visigótica. Podemos afirmar que tem duas fases distintas. Uma primeira em que as igrejas têm: planta longitudinal, comumente com 3 naves, e um transepto importante; ábside e contra-ábside, que poderiam ser usadas pela família real, denotando a ligação entre poder monárquico e poder religioso; duas capelas laterais; tribuna; e usam o arco de volta inteira. Um dos melhores exemplos desta primeira fase é a igreja de San Julian de los Prados.¹⁸ (fig. 2) Na segunda fase encontramos igrejas como San Salvador de Valdedios, (fig. 3) com as mesmas características das da primeira fase. Porém, tem alguns elementos que as diferenciam: o arco utilizado passa a ser peraltado, havendo algumas janelas em que se visualizam arcos “visigodos”, há uma monumentalização da fachada, e começam a ser notórias influências islâmicas na decoração destas igrejas, bem como influências do estilo românico internacional, que chegam ao Norte da Península vindas principalmente de França.

Na arquitectura asturiana, em algumas das suas igrejas, aparece também um elemento muito importante: a iconostáse. Em determinados momentos da cerimónia os fiéis ficavam impossibilitados de visualizar o que se passava no altar. Crê-se que nesses momentos uma cortina, apoiada nos pilares que fazem

¹⁷ PIJOÁN, José - Arte bárbaro y prerrománico: desde el siglo VII hasta el año 1000. 1966, p. 472.

¹⁸ noções retiradas dos dados e conhecimentos adquiridos sobre a arquitectura asturiana nas aulas da unidade curricular de História da Arquitectura Portuguesa I, do ano lectivo 2008/2009, leccionada pelo Professor Doutor Alexandre Alves Costa.



4



5

4 - Iconostáse da igreja de San Julian de los Prados.

5 - Igreja de San Miguel de Escalada - janela em agimez com alfiz.

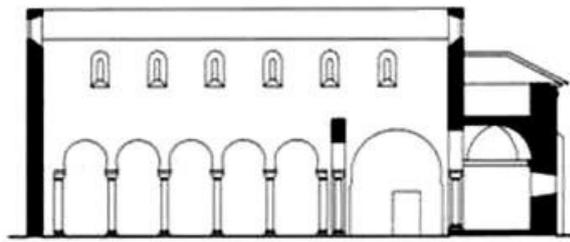
a separação entre o transepto e as naves, seria corrida. A este conjunto dá-se o nome de Iconostáse. Devido à importância que teve na liturgia durante muitos anos (passando depois a manter a sua importância apenas na liturgia hispânica) era uma característica de muitas igrejas da Alta Idade Média. A iconostáse localizava-se entre o cruzeiro e a nave central fazendo a separação entre estes dois espaços, entre espaço “privado” e espaço “público”.¹⁹ (fig. 4)

A arquitectura moçárabe tem muitas semelhanças com a arquitectura asturiana mas, em alguns pontos prima pela originalidade. Não se pode afirmar que há um estilo moçárabe, mas sim uma arquitectura moçárabe, realizada por moçárabes que se inspiram na cultura islâmica. Podemos mesmo afirmar que esta arquitectura corresponde à fase de maior criatividade entre estas comunidades. A arquitectura moçárabe é diversificada, sendo que as suas características próprias se encontram essencialmente nos elementos de influência islâmica. Como o território é mais disperso e diverso goza de uma certa independência dos colectivos religiosos, havendo uma multiplicidade de fontes de produção artística e de clientela, é uma arte mais rica em detrimento da unidade estilística.²⁰

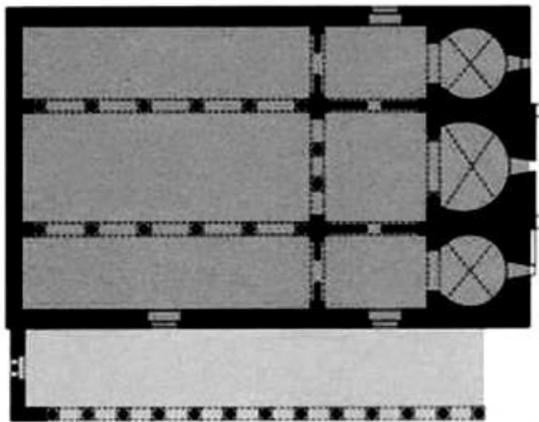
No entanto, e apesar de não haver cânones obrigatórios que levem à existência de uma unidade estilística, há elementos comuns aos edifícios moçárabes que nos permitem reconhecê-los e distingui-los como representantes da arquitectura moçárabe. Podemos mesmo afirmar que a sua unidade estilística é conseguida pelo uso dos elementos de influência islâmica, tais como, o arco ultrapassado, o alfiz e as janelas em agimez. (fig. 5) Para além destes elementos, um pouco mais decorativos que estruturais, ainda têm, usualmente, entrada lateral, podendo ter duas entradas distintas, uma a Sul e outra a Norte. Contudo, uma das características mais interessantes desta arquitectura está presente no interior dos seus edifícios, na noção de espaço labiríntico, de influência islâmica. Esta noção de espaço labiríntico, ou fragmentado, depreende que não há uma leitura global do edifício. Logo, é necessário um tempo e um percurso para entender a globalidade do projecto, o espaço é reconhecido através do percurso. É um espaço constituído por surpresas, uma vez que não sabemos o que se vai passar em seguida. O espaço labiríntico pode ser conseguido de dois modos diferentes: pela utilização de elementos estruturais, que

¹⁹ ibidem.

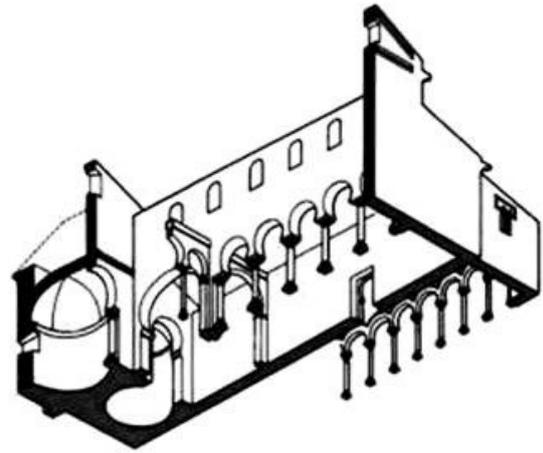
²⁰ noções retiradas dos dados e conhecimentos adquiridos sobre a arquitectura moçárabe nas aulas da unidade curricular de História da Arquitectura Portuguesa I, do ano lectivo 2008/2009, leccionada pelo Professor Doutor Alexandre Alves Costa.



NORTE



SUR

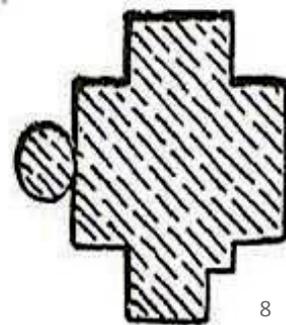


ESTE

6



7



8



9

6 - Planta, corte e axonometria da igreja de San Miguel de Escalada.

7 - Imagem do interior de San Miguel de Escalada - vista da nave principal.

8 - Coluna que faz a separação entre as naves.

9 - Imagem do exterior da igreja de San Miguel de Escalada.

difícultem a percepção espacial num espaço bem definido, ou pela adição de espaços e volumes distintos e sucessivos.²¹

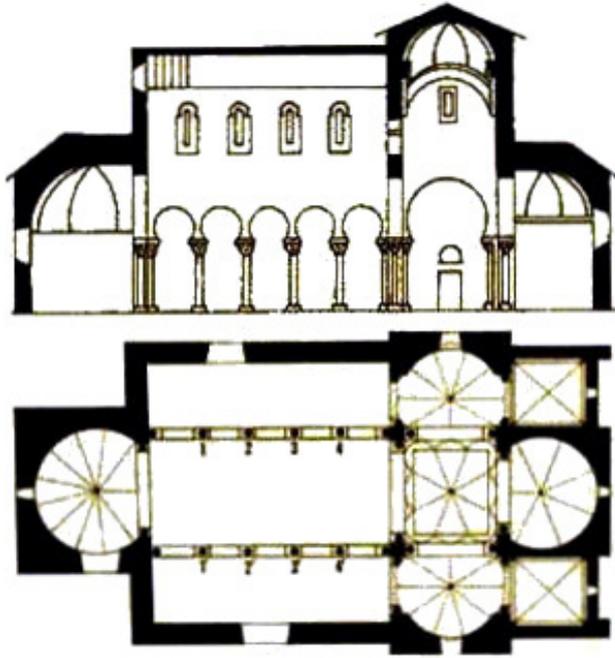
Na primeira situação estamos perante edifícios cuja planta se aproxima de um formato rectangular, podendo ter elementos de excepção a esta composição, como a contra-ábside. Nestes edifícios a sensação de espaço labiríntico é conseguida, por exemplo, pelo uso de várias colunas, ou pilares, e pelo acesso lateral. Os melhores exemplos desta composição são a igreja de San Miguel de Escalada e a de San Cebrián de Mazote.

A igreja de San Miguel de Escalada, que se situa perto de Leão, tem claramente um sentido longitudinal, encontrando-se perfeitamente inscrita num rectângulo. (fig. 6) Possui uma cabeceira tripartida em que cada capela apresenta, em planta, a forma de arcos ultrapassados. Esta situação, típica das igrejas moçárabes situadas no território leonês, é usual nas mesquitas andaluzes e africanas. O transepto não é saliente e existe neste local uma iconostáse para fazer a separação de espaço privado e público. Assim, o transepto encontra-se separado das três naves, cujo espaço constitui um quadrado perfeito. A nave principal tem um pé direito maior que as laterais, dando origem a uma igreja com corte basilical. (fig. 7) Esta igreja é constituída por uma densidade e diversidade de colunas, sendo que as menos usuais, que podemos observar também na mesquita de Córdoba, se encontram na separação entre o transepto e o corpo da igreja. (fig. 8) A entrada na igreja é feita lateralmente, tal como acontece nas outras igrejas moçárabes. Contudo, em San Miguel de Escalada encontramos duas entradas laterais uma a Sul e outra a Norte. Esta situação acontece geralmente em igrejas que se encontravam associadas a um Mosteiro, como é o caso da de San Miguel de Escalada. Assim, havia uma entrada para os fiéis, situada normalmente na fachada Sul, e uma outra para os monges, a Norte, que comumente tinha acesso directo para a zona do transepto.²² (fig. 9)

À semelhança da igreja de San Miguel de Escalada também a de San Cebrián de Mazote, localizada na província de Valhadolide, apresenta uma planta com claro sentido longitudinal. (fig. 10) Não podemos afirmar que se encontra completamente inscrita num rectângulo, uma vez que não só o seu transepto é saliente como também possui uma contra-ábside. No entanto, exceptuando esses pontos, é perceptível a aproximação que a planta desta

²¹ *ibidem*.

²² MORENO, Manuel Gómez - *Iglesias Mozárabes. Arte español de los siglos IX a XI.* 1919, p. 141-162.



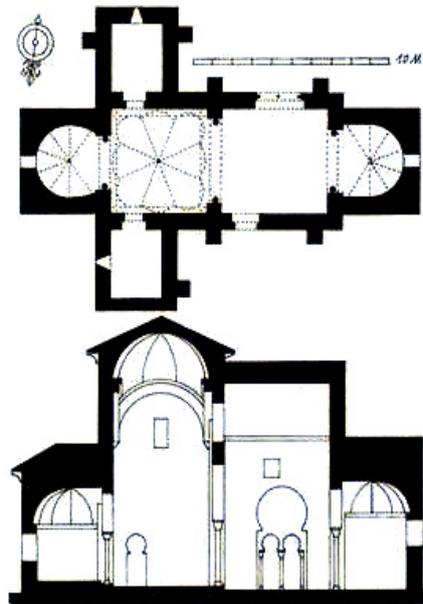
10



11



12



13



14

10 - Planta e corte da igreja de San Cebrián de Mazote.

11 - Imagem do interior de San Cebrián de Mazote - vista da nave principal.

12 - Imagem do exterior da igreja de San Cebrián de Mazote.

13 - Planta e corte da igreja de Santiago de Peñalba.

14 - Imagem do exterior da igreja de Santiago de Peñalba.

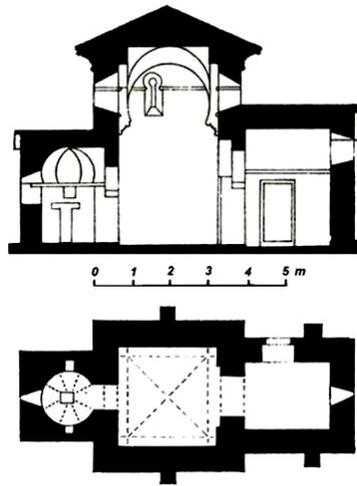
igreja tem à forma rectangular. É constituída por uma cabeceira tripartida, com forma rectangular e o transepto é, como já referimos, saliente. Possui três naves que, tal como acontece em San Miguel de Escalada, se encontram separadas por numerosas colunas. (fig. 11) Também neste edifício encontramos a entrada realizada lateralmente. Ao contrário do que acontece no caso anterior, em San Cebrián de Mazote visualizamos que existe um jogo de diferentes alturas, não só nas naves, cuja principal se encontra mais elevada que as laterais, mas também no transepto e na contra-ábside.²³ (fig. 12)

Observando estes dois edifícios percebemos que em ambos existe um espaço interior muito amplo e fluído. Porém isso não significa que o espaço seja facilmente apreendido. A verdade é que a densidade e diversidade de colunas que ambos têm, aliados ao facto de a entrada não ser realizada a eixo com o altar-mor, levam a que haja uma percepção de um espaço fragmentado. O visitante sente-se desorientado quando entra num destes edifícios, não percebendo claramente em que local da igreja se encontra. Na realidade percebemos que a composição e a sensação que estes dois edifícios transmitem no seu interior se assemelha muito às mesquitas islâmicas.

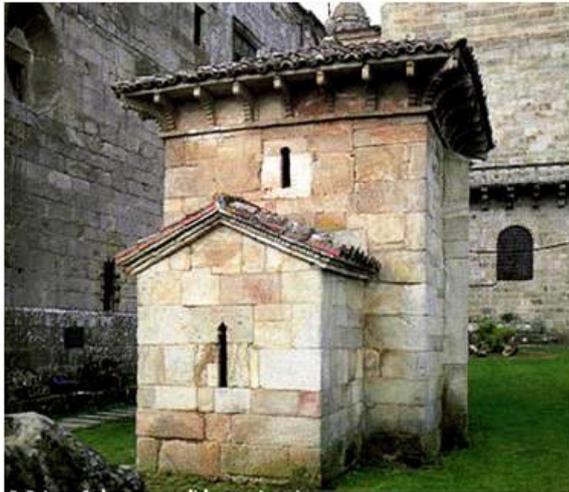
Na segunda situação, em que o espaço labiríntico é conseguido através da adição de espaços e volumes distintos, deparamo-nos geralmente com igrejas de pequenas dimensões ou mesmo capelas, como é o caso das igrejas de Santiago de Peñalba e San Miguel de Celanova.

A igreja de Santiago de Peñalba localiza-se perto de Pontferrada e é composta por seis volumes distintos, cada um com sua função, que associados compõem o espaço da igreja. (fig. 13) A ábside principal apresenta, em planta, a forma de um arco ultrapassado e encontra-se directamente relacionada com o espaço que podemos designar de cruzeiro, sendo através deste espaço que podemos aceder aos volumes que integram as capelas laterais. O volume que compreende o cruzeiro é o elemento deste edifício com maior altura e encontra-se encimado por uma cúpula de gorro, tradicionalmente islâmica. (fig. 14) Adossado a este encontra-se um outro, onde se localiza a entrada neste edifício, que podemos considerar como sendo a “nave” desta igreja. Este edifício possui ainda uma contra-ábside, cuja planta apresenta também a forma

²³ ibidem. p. 172-185.



15



16

15 - Planta e corte da igreja de San Miguel de Celanova.

16 - Imagem do exterior da igreja de San Miguel de Celanova.

de um arco, neste caso, de volta perfeita. O acesso para o interior da igreja é realizado lateralmente e a única orientação para o altar é dada pela abóbada longitudinal que cobre o espaço da «nave». Cada volume tem a sua função distinta e cada espaço tem a sua própria composição formal.²⁴

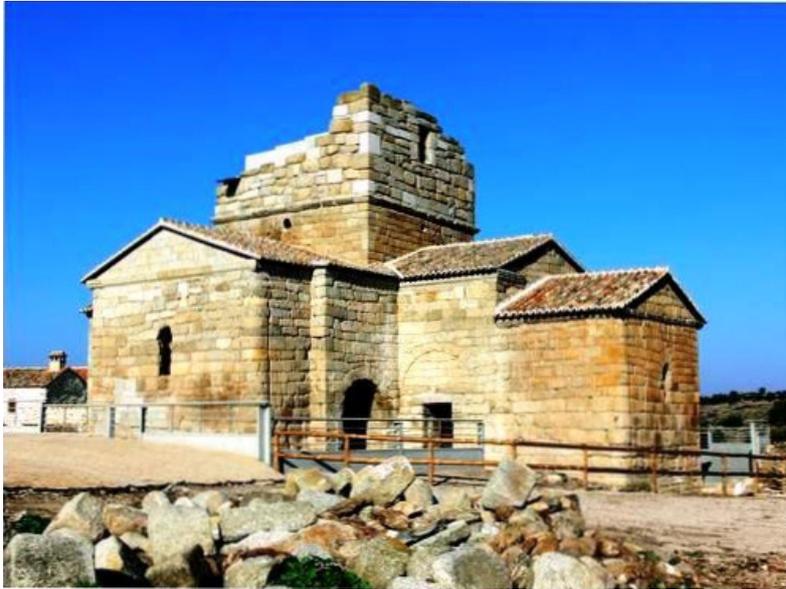
A capela de San Miguel de Celanova, localizada perto de Ourense, é, na sua composição, muito semelhante à de Peñalba, todavia, é ainda mais pequena. (fig. 15) É constituída unicamente por três volumes: ábside, cruzeiro e nave. A ábside tem dimensões muito reduzidas e assemelha-se, em planta, à ábside de Peñalba, uma vez que apresenta o desenho de um arco ultrapassado, é ainda encimada por uma pequena cúpula de gorro. O espaço do cruzeiro é o volume central desta igreja, e também o de maior dimensão, ao qual os outros dois se encontram adossados. (fig. 16) É o volume com maior dimensão e altura da capela e possui também uma cúpula de gorro. O terceiro espaço desta igreja compreende a nave e é o local onde se encontra a entrada da igreja, que é realizada lateralmente.²⁵

Estes dois edifícios têm áreas interiores muito pequenas em que quando passamos de um espaço para o outro percebemos claramente que estamos num local diferente, com características formais e mesmo decorativas distintas. Percebe-se perfeitamente que o espaço é conseguido pela associação dos diferentes volumes, não havendo grande continuidade entre eles. Esta adição de volumes é perceptível também no exterior que apresenta volumetrias e alturas diferentes consoante os vários espaços. Contudo é no interior que estes espaços são mais interessantes. O sistema de composição destas igrejas é conseguido pela adição de unidades formais autónomas e portanto o visitante ao entrar num destes edifícios fica desorientado, não só pelo facto de a entrada ser lateral mas também porque está sempre a passar de um espaço para outro espaço distinto, não havendo grande fluidez entre os diversos espaços que compõem a igreja.

Estas duas igrejas apresentam uma composição completamente diferente das de San Miguel de Escalada e San Cebrián de Mazote. Assim, percebemos que as igrejas moçárabes podem apresentar formas variadas, com uma nave só ou três naves. Podem ter um espaço mais contínuo e amplo, ou pelo contrário serem constituídas pela adição de espaços distintos e pequenos. No entanto apresentam elementos, de influência islâmica, como

²⁴ ibidem. p. 224-238.

²⁵ ibidem p. 245-250.



17



18

17 - Imagem do exterior da igreja de Santa Maria de Melque.

18 - Imagem do exterior da igreja de Santa Maria de Lebeña.

o arco ultrapassado e as janelas em agimez e com alfiz, que são comuns a todas as igrejas moçárabes, sendo quase como um fio condutor que leva a que todas estejam interligadas. A realidade é que as obras representativas da arquitectura moçárabe podem não ter uma unidade estilística muito regrada, porém, os elementos essenciais que distinguem esta arquitectura das restantes realizadas na Alta Idade Média encontram-se presentes em todas as construções denominadas moçárabes. Podemos assim afirmar que o que confere unidade a esta arquitectura é o facto de utilizarem características islâmicas e a grande delicadeza formal que todas apresentam.²⁶

A primeira vez que esta arte, do século X, aparece qualificada como arte moçárabe é no livro de Gómez Moreno, *Iglesias Mozárabes. Arte español de los siglos IX a XI*, todavia, há outros autores que se referem a esta arte, utilizando a denominação de “arte de repovoação”, como Camón Aznar. Segundo este último havia a arte moçárabe, que era realizada pelos cristãos que viviam no território muçulmano, em que podemos dar como exemplo a Igreja de Santa Maria de Melque, que se situa próximo de Toledo (fig. 17); e havia a arte cristã, realizada no Norte da Península, em território cristão, pelos homens que estão a repovoar o território que se encontrava desocupado, ou que tinha sido conquistado, sendo portanto uma arquitectura que pretende responder às necessidades da nova situação política e económica, a que preferia chamar de “arte de repovoação”, da qual um exemplar é a Igreja de Santa Maria de Lebeña.²⁷ (fig. 18) No entanto esta reflexão de Camón Aznar foi deixada um pouco de parte, pelos historiadores de arte, pois Gómez Moreno gozou de maior prestígio e reconhecimento do que Aznar não teve.

²⁶ noções retiradas dos dados e conhecimentos adquiridos sobre a arquitectura moçárabe nas aulas da unidade curricular de História da Arquitectura Portuguesa I, do ano lectivo 2008/2009, leccionada pelo Professor Doutor Alexandre Alves Costa.

²⁷ YARZA, Joaquín - Arte y Arquitectura en España 500-1250. 1994, p. 91.

Nos dias de hoje, na comarca de Liébana, poucas são as construções representativas da arquitectura moçárabe que encontramos bem conservadas, sendo o nosso caso de estudo, a Igreja de Santa Maria de Lebeña, uma das poucas excepções. Esta situa-se junto do Rio Deva, numa aldeia dos vales de Liébana, chamada Lebeña. Quando chegamos a esta aldeia, vindos do Norte de Espanha²⁸, após atravessar o “impressionante e interminável” Desfiladeiro da Ermida, chegamos a uma pequena abertura do vale em que a Igreja é um dos primeiros edifícios com que nos deparamos, mostrando-se envolta pela paisagem montanhosa e a alguns metros da aldeia que lhe dá nome.

“En las gargantas que, al atravesar el macizo de los Picos de Europa, ha formado el Rio Deva, antes de llegar á la Peña de Lebeña, y en una hondonada que dominan el Pico de Agero, el Cueto del Valle, la Corona y el Pico de Tundes, hay un pueblo de 30 ó 40 viejas y deterioradas casas, en las que tal qual piedra, alguna ventana, restos significativos para el que gusta de antiguallas, demuestran que aquel

²⁸ Visitámos a igreja de Santa Maria de Lebeña depois de termos ido à Biblioteca Municipal de Santander assim, ao contrário do que seria de esperar, chegámos à igreja vindos do Norte e não do Sul.

sitio ha representado algo en la historia, y dan origen ilustre á la pobre aldea de Liébana. Y, en efecto, una iglesia tan interesante como desconocida, cuyo estudio ha de ofrecer importantes datos para la arqueología española, y aun para la historia general del arte, revela que fué aquel lugar habitado desde los primeros siglos de la Reconquista.”²⁹

A Igreja de Santa Maria de Lebeña é, como já referimos, uma construção moçárabe. Terá sido mandada construir no século X pelo conde Alfonso e a sua mulher Justa. Não há grande consenso sobre quem seria ao certo este casal. Na memória escrita pelo arquitecto Urioste y Velada encontra-se referido que o conde Alfonso seria sobrinho do último rei de Oviedo, Alfonso, III o magno.³⁰ Já Gómez Moreno, no seu livro *Iglesias Mozárabes*, expõe que os condes não seriam oriundos da região, uma vez que não há documentação que refira bens herdados na comarca. Ao invés aparece uma referência a doações reais e de amigos que terão contribuído para o seu apogeu:

“El conde Alfonso no consignaba su filiación, haciendo suponer que no fuese castellano; además resulta como advenedizo, ya que debía sus propiedades a donación real, a contribuciones de amigos - de conlata amicorum - y a compras, sin aludirse a herencia de familia;...”³¹

Para além disto há ainda que ter em atenção que o nome Justa não era um nome comum da região, o que contribui para dar ênfase à ideia de que ambos podiam não ser daquela área.³² Para além de Gómez Moreno também Jacques Fontaine defende que eles podiam ser imigrantes moçárabes, chegando mesmo a referir que Alfonso e Justa teriam vindo da Andaluzia, fixando-se posteriormente nos vales de Liébana sob a protecção do rei de Leão.³³

A existência de uma igreja em Lebeña, aparece mencionada pela primeira vez num documento recolhido por Martín Mínguez, datado de 796. Este documento trata-se de um contrato de compra, venda e doação subscrito por Pruello e um grupo de monges e freiras:

“En el nombre del Señor, yo Pruello, com mis hermanos Persencio, monje, Aurelio, monje, Avito, monje (...) y todos cuantos se vengan a vos y habitaren en el lugar de Lebeña...”³⁴

²⁹ CAMPOS, R. Torres - La Iglesia de Santa María de Lebeña. 1885, p. 7.

³⁰ VELADA, José Urioste y - Restauración de la iglesia de Santa María de Lebeña: notas para la historia de este monumento nacional. 1897, p. 27.

³¹ MORENO, Manuel Gómez - Iglesias Mozárabes. Arte español de los siglos IX a XI. 1919, p. 269.

³² ibidem p. 268. e p. 269.

³³ FONTAINE, Jacques - El Mozárabe. La España románica. 1984, p. 154.

³⁴ MINGUEZ, Bernardino Martín - De la Cantabria : Santillana, San Martín y Santo Toribio y Santa María de Lebeña, Santa María del Puerto. 1914, p. 108.

Sabe-se ainda da existência de um outro documento em que aparece citada a existência de uma igreja em Lebeña denominada de San Salvador.³⁵ Porém, não podemos afirmar que a igreja que se encontra hoje em Lebeña tenha o mesmo assentamento destes.

No que concerne à Igreja de Santa Maria de Lebeña, podemos declarar que a primeira vez que aparece referenciada é num documento que se encontra no Cartulário do Mosteiro de Santo Toríbio, situado perto de Potes, em Liébana, que data de 925.³⁶ Segundo Gómez Moreno este documento terá sido redigido somente no século XIII, com falsa letra moçárabe, provavelmente por membros da ordem de Cluny, com o intuito de acreditar um milagre de Santo Toríbio.³⁷ O facto de o documento ser posterior à data em que supostamente foi escrito leva a que se tenham levantado questões quanto à sua veracidade. A verdade é que nele há algumas incoerências, como é o caso dos nomes do rei e do bispo da época, que não seriam Ordoño I nem Ópila, apesar de ambos terem existido, enquanto rei e bispo. Contudo, o mesmo acontece noutros documentos que datam outros edifícios importantes, como a Igreja de Santa Maria de Lara e o Mosteiro de São Quirce. Assim, e apesar de este ser um documento contestável, nada impede que se deixe de considerar este edifício como tendo sido erguido neste período da história. Qualquer que seja o ano da sua fundação ele pertence claramente ao grupo de monumentos dos finais do século IX e princípios do século X, uma vez que é neste período que vamos encontrar um maior influxo oriental.³⁸ Fica no entanto claro que terá existido um conde de Lebeña, com o nome de Alfonso e cuja esposa se chamava Justa, podendo assim ser também credível que o que se encontra escrito no documento sobre o motivo da construção da igreja, seja efectivamente verdade.

Este documento, intitulado *“Carta de la Yglesia de Sancta María et de Sant Roman de Levenna con sus pertencias et otrosi de Bodia et de Maredes que sont de Sancto Toríbio.”*, que se encontra no Archivo Histórico Nacional, em Espanha, permite, como já referimos, situar a obra em estudo no século X. Conforme se poderá observar no excerto que se segue:

“In Dei nomine. Notum sit cunctis ac manifestum quod ego Allefonsus comes et mea husor Iusta cometisa

³⁵ MOWINCKEL, Karen - Arte y arquitectura religiosa en el Valle de Liébana durante la edad moderna. 2007, p. 18.

³⁶ RUIZ, Enrique Campuzano - Santa María de Lebeña: iglesia mozarabe del siglo X. 1998, p. 23.

³⁷ MORENO, Manuel Gómez - Iglesias Mozárabes. Arte español de los siglos IX a XI. 1919, p. 268. e p. 269.

³⁸ CAMPOS, R. Torres - La Iglesia de Santa María de Lebeña. 1885, p. 41-50.

hedificauimus ecclesiam Sancte Marie de Flevenia ut transferrem corpus Santi Turibii in eam. (...) Facta scriptura donationis Era DCCCCLXIII die IIII None Decembris, su principe Ordonio in Legione et Comite Ferrant Gonçavet in Castellia. Ego Comes Alfonsus et mea husor cometissa Iusta hanc cartam, quam iusimus fieri, confirmamus et manibus nostris roboravimus....”³⁹

Nele encontramos mencionados os nomes de D. Alfonso e da sua mulher Justa como tendo sido os encomendadores da construção da igreja, tendo mandado erguer este edifício para que nele fossem colocadas as relíquias e o corpo de Santo Toríbio. No entanto, o propósito para o qual foi mandada construir acabou por não se verificar. A construção de uma nova igreja não foi suficiente para que os monges de San Martín de Liébana doassem as relíquias e o corpo do santo. Por conseguinte D. Alfonso decidiu apoderar-se das relíquias à força, o que, segundo reza a história, levou a que, não só ele mas também aqueles que a mando dele ajudaram neste roubo, ficassem cegos.⁴⁰ Não se sabe ao certo a que mestre de obras os condes terão recorrido. Sabe-se apenas que este não ignorava a Escola Leonesa, nem as influências meridionais, os diversos modos construtivos e decorativos, nem a irradiação da arte asturiana do reino de Oviedo. É precisamente por este motivo que podemos afirmar que esta igreja é muito rica e peculiar, pois demonstra uma conjugação entre estas artes.⁴¹

A ideia geral que se tem sobre a igreja de Lebeña varia consoante os vários autores. Segundo Gómez Moreno a composição deste monumento “no se explica fácilmente sino considerada como un aborto artístico”, pois não se encontra cumprido o plano original.⁴² Já para Campuzano Ruiz esta apresenta “unidad estilística” tendo possivelmente sido construída “en un periodo de tiempo relativamente corto, ya que no se observan cambios de planteamiento ni reformas del esquema original”.⁴³ Facto é que a sua composição é muito *sui generis* não havendo nenhuma igreja semelhante a esta na região da Cantábria.

Com o passar dos anos houve a necessidade de acrescentar e retirar elementos ao edifício, ou mesmo fazer apenas uma manutenção do existente. Isto porque era indispensável que a igreja correspondesse às alterações que se iam realizando, ao longo

³⁹ ibidem. p. 37-41.

⁴⁰ ibidem. p. 41.

⁴¹ FONTAINE, Jacques - El Mozárabe. La España románica. 1984, p. 154.

⁴² MORENO, Manuel Gómez - Iglesias Mozárabes. Arte español de los siglos IX a XI. 1919, p. 270.

⁴³ RUIZ, Enrique Campuzano - Santa María de Lebeña: iglesia mozárabe del siglo X. 1998, p. 35.



19



20



21

19 - Imagem do exterior da igreja de Santa Maria de Lebeña.

20 - Modilhões e friso da igreja de Santa Maria de Lebeña.

21 - Imagem exterior da cabeceira da igreja de Santa Maria de Lebeña.

dos séculos, à liturgia. Assim esta construção tinha de se manter actualizada para que fosse possível continuar a haver celebrações neste local. Isto faz com que a igreja que encontramos hoje ao visitar Lebeña não seja exactamente igual ao edifício que lá se encontrava primitivamente, no século X, uma vez que todas as alterações que sofreu acabaram por alterar algumas das suas características.

Ao deslocarmo-nos hoje à Igreja de Santa Maria de Lebeña a primeira coisa que apreendemos é a sua aparência exterior de composição piramidal. (fig. 19) O corpo quadrangular central da igreja sobressai, mais elevado que os restantes, e com cobertura de duas águas, remetendo-nos para igrejas como Santiago de Peñalba, que possuem cúpula, e cuja aparência exterior é semelhante à de Lebeña. Isto leva a pensar que a igreja de Lebeña poderia também ter o intuito de ter cúpula, mas que tal não foi conseguido, ou por falta de qualidade do material ou por falta de conhecimentos por parte do mestre de obras. Apercebemo-nos que os beirados das coberturas deste monumento terão sido apoiadas sobre modilhões, com alguma dimensão e riqueza, por baixo dos quais se encontra um friso que percorre todo o perímetro exterior da igreja. Estes modilhões encontram-se decorados com motivos castrenses, como estrelas e flores esquemáticas, já o friso tem representado caules ondulantes. (fig. 20) Na cabeceira, orientada para Este, a ábside principal apresenta-se mais saliente e elevada que as co-laterais, tendo cobertura de duas águas em contraste com as de uma água só das ábsides co-laterais. (fig. 21) Já na fachada Oeste, a zona central apenas se encontra mais elevada que as extremidades, não sendo saliente em relação a estas. A sua cobertura também tem duas águas, já as extremidades apresentam-se diferentes uma da outra: a cobertura da capela encerrada, a Sul, apresenta uma só água enquanto que a capela encerrada, a Norte, demonstra uma cobertura com duas águas. A Norte há um corpo saliente, que terá sido construído para servir de sacristia, sendo adossado a esta construção em 1794, não fazendo parte da sua forma primitiva. Todavia, pensa-se que neste local existia já uma porta, secundária, de acesso ao exterior. Já na fachada Sul deparamo-nos com um pórtico, que é claramente posterior à construção do edifício, encontrando-se datado de 1794. (fig. 22) Os modilhões e o friso continuam por baixo deste pórtico, ajudando-nos a perceber que deveria ser nesse local que a cobertura primitiva apoiava. É nesta



22

22 - Imagem do exterior da igreja de Santa Maria de Lebeña.

fachada, e por este pórtico, que se encontra a actual entrada para o interior da igreja.^{44 45}

O interior é um espaço muito peculiar e é onde se encontra grande parte da originalidade deste monumento. Ruiz Campuzano considera-a uma igreja onde *“se superponen la planta basilical y la de la cruz latina, al tiempo que se constata a tendencia al espacio centralizado”*,⁴⁶ Gómez Moreno⁴⁷ e Jacques Fontaine,⁴⁸ defendem que a planta representa claramente a cruz grega. Consideramos que esta igreja tem clara semelhança com plantas em cruz grega inscrita, ou mesmo dupla cruz grega, inscrita num retângulo, e dividida em tramos. Há uma repartição reticulada do espaço, que se encontra subdividido em doze quadriculas, e dos volumes. (fig. 23) A cobertura recorre ao uso de abóbadas de volta perfeita, independentes entre si, com as correspondentes às duas quadrículas centrais mais elevadas, numa alusão a um possível cruzeiro, tornando o edifício escalonado. Esta fragmentação do espaço interior, e as suas diferentes alturas, levam a que, ao entrarmos na igreja, não tenhamos uma percepção imediata do seu todo. Assim o espaço apenas é perceptível quando o percorremos, levando-nos a apreender o interior desta construção como sendo um espaço labiríntico. A noção de espaço labiríntico é, como já enunciámos, uma das principais características da arquitectura muçulmana, principalmente das mesquitas, e influenciou claramente o mestre de obras que construiu este edifício.^{49 50}

A igreja de Santa Maria de Lebeña parece-nos peculiar no modo como consegue transmitir esta noção de espaço labiríntico. Para conseguir este efeito são muito importantes os excepcionais pilares cruciformes que encontramos no interior desta igreja, pois a sua dimensão e riqueza ajuda à fragmentação do espaço interior. (fig. 24) No entanto, também os diferentes espaços que encontramos na igreja levam a que haja uma certa desorientação. Julgamos que esta igreja não pertence nem ao grupo das igrejas que transmitem a sensação de espaço labiríntico pela utilização de elementos estruturais, que dificultem a percepção espacial, nem ao grupo das igrejas que transmitem essa sensação através da adição de volumes, distintos e sucessivos. A igreja de Lebeña encontra-se entre estas duas situações uma vez que recorre a ambas para conseguir transmitir a fragmentação do espaço interior que tanto a caracteriza.

Observando esta igreja de Este para Oeste, ou seja, da ábside

⁴⁴ CAMPOS, R. Torres - La Iglesia de Santa María de Lebeña. 1885, p. 8-11.

⁴⁵ FERNÁNDEZ, P. L. Gallego - Restauración & Rehabilitación, n.52, p. 59.

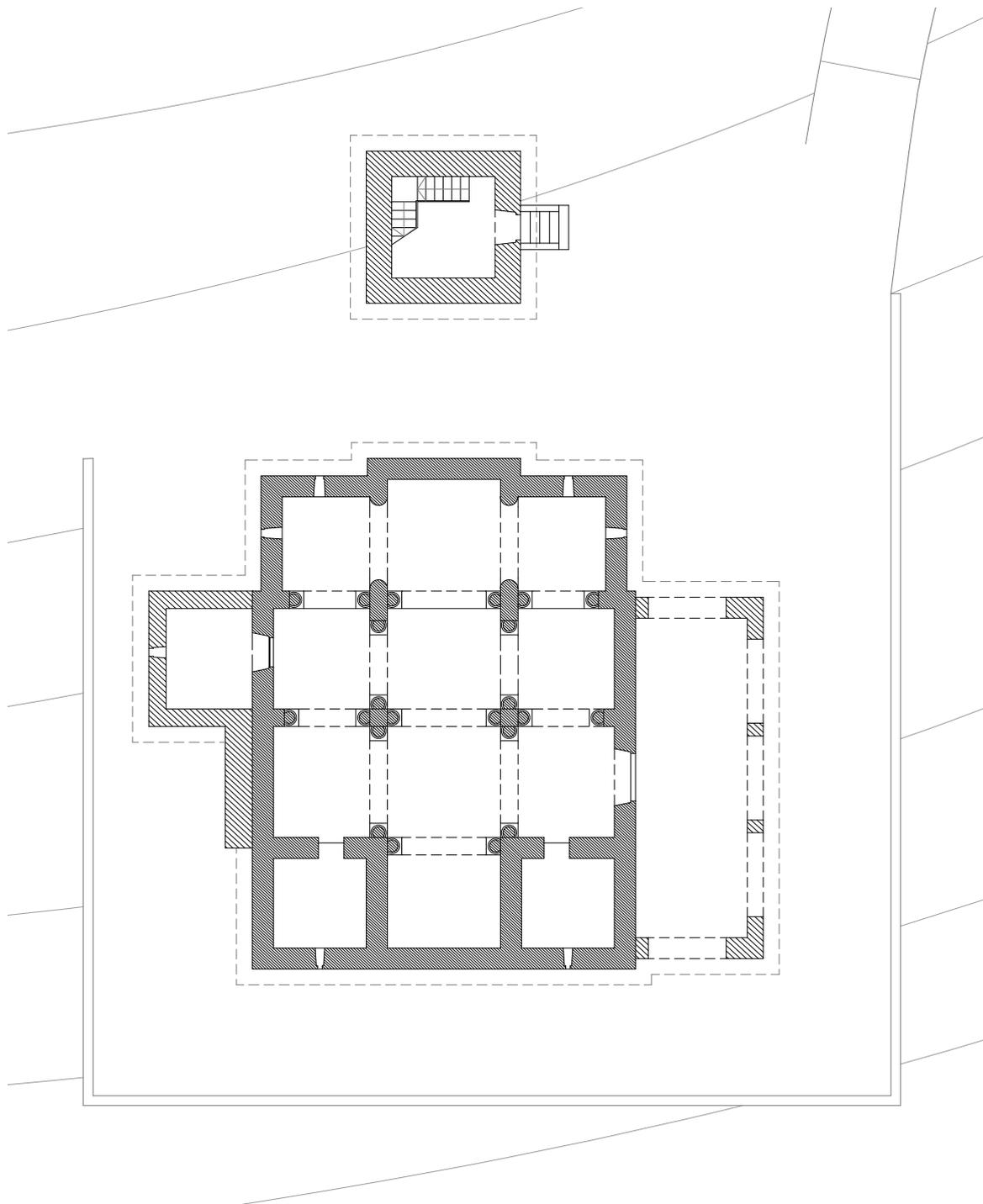
⁴⁶ RUIZ, Enrique Campuzano - Santa María de Lebeña: iglesia mozárabe del siglo X. 1998, p. 35 e p. 36.

⁴⁷ MORENO, Manuel Gómez - Iglesias Mozárabes. Arte español de los siglos IX a XI. 1919, p. 271.

⁴⁸ FONTAINE, Jacques - El Mozárabe. La España románica. 1984, p. 155.

⁴⁹ FERNÁNDEZ, P. L. Gallego - Restauración & Rehabilitación. 2001, p. 57.

⁵⁰ FONTAINE, Jacques - El Mozárabe. La España románica. 1984, p. 156.



23

23 - Planta actual da igreja
de Santa Maria de Lebeña -
escala 1/200.

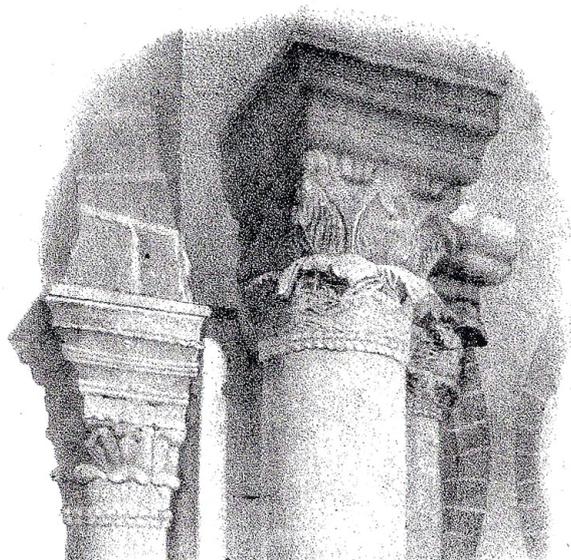
para e contra-ábside são notórias tanto as influências asturianas e bizantinas como as influências moçárabes. A cabeceira é tipicamente asturiana, tripartida, tendo cada uma das capelas que a compõe uma forma rectangular, com a ábside principal maior que as co-laterais. Actualmente, as capelas co-laterais encontram-se abertas para a ábside principal, abertura esta que é conseguida, no século XVI, recorrendo ao uso de arcos ultrapassados. Todavia a cabeceira nem sempre foi assim, ou seja, nem sempre houve comunicação directa entre as três ábsides. Inicialmente eram todas separadas umas das outras, como acontece em San Salvador de Valdedios. (fig. 3 - p.34) A ábside principal abria para o cruzeiro através de um arco ultrapassado enquanto as ábsides co-laterais se encontravam abertas para as naves da igreja, eram divisões independentes com a função de sacristia. Segundo refere Torres Campos, no século XVI, mais concretamente em 1566 um representante do bispado, que se encontrava a fazer uma visita a este monumento, propôs que fosse colocado no centro da igreja um altar portátil, elevado, para que os fiéis que estivessem a assistir às celebrações na igreja pudessem ver e ouvir a missa, independentemente do local onde se encontrassem no interior do edifício. Contudo, como em 1580 a situação ainda não tinha sido resolvida, optou-se, com o aval da diocese, por destruir as paredes que separavam a capela principal das capelas co-laterais e construiu-se no seu lugar arcos. Deste modo, aqueles que estivessem nas capelas co-laterais podiam ouvir e ver as cerimónias religiosas. Este foi também o motivo que levou a que fossem aumentadas as aberturas que faziam a comunicação entre as capelas co-laterais e as naves da igreja uma vez que este era o único modo de os fiéis poderem visualizar as cerimónias de qualquer ponto da igreja. Assim, as sacristias deixam de existir, passando a ter a função de capelas. Daí que, em 1794, tenha havido a necessidade de anexar um corpo no exterior da igreja, na fachada Norte, com o objectivo de servir enquanto nova sacristia.⁵¹

⁵² A zona do cruzeiro encontra-se separada da cabeceira pelos arcos ultrapassados e por uma pequena diferença de alturas, uma vez que o chão da cabeceira é o local mais elevado da igreja. Na liturgia hispano-visigoda, o cruzeiro estava destinado ao coro de monges e encontrava-se separado do espaço público das naves recorrendo, como já referimos, à iconostáse. Em Lebeña esta separação não era feita recorrendo à iconostáse, pois esta igreja não a possui.⁵³

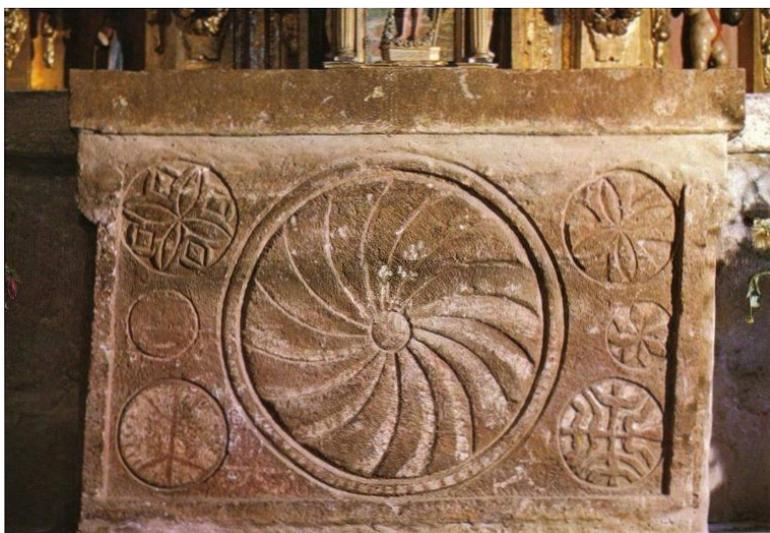
⁵¹ CAMPOS, R. Torres - La Iglesia de Santa María de Lebeña. 1885, p. 19-21.

⁵² VELADA, José Urioste y - Restauración de la iglesia de Santa María de Lebeña: notas para la historia de este monumento nacional. 1897, p. 32.

⁵³ noções retiradas dos dados e conhecimentos adquiridos nas aulas da unidade curricular de História da Arquitectura Portuguesa I, do ano lectivo 2008/2009, leccionada pelo Professor Doutor Alexandre Alves Costa.



24



25

24 - Imagem das pilares cruciformes existentes no interior da igreja de Santa Maria de Lebeña.

25 - Estela decorada da igreja de Santa Maria de Lebeña.

Era uma estela decorada, que se encontrava no chão, e mais uma vez uma diferença de cotas, que separavam estes espaços.⁵⁴ (fig. 25) A estela não é mais do que um bloco de pedra, decorada com suásticas pré-cristãs, que se pensa ser de origem Celta. Há duas versões sobre esta estela: uma que defende que esta comprova a origem pagã deste monumento, que devido à sua decoração nos leva a pensar que este deveria ser um local de culto Celta; e outra que defende que a estela reforça a origem cristã da igreja, pois para além da suástica ser um símbolo cuja origem primitiva se pensa estar associada ao Cristianismo há ainda que ter em conta que a pedra (Pedro) é o fundamento da igreja cristã. Imediatamente a seguir ao cruzeiro temos a zona dedicada aos fiéis, as naves, que têm grande articulação com o cruzeiro da igreja.⁵⁵ Pela observação dos pilares que se encontram no interior do edifício percebemos claramente que entre estes dois espaços deveria haver uma outra diferença de cotas, sendo as naves numa cota inferior à do cruzeiro. Contudo hoje essa diferença não se verifica. É neste ponto que nos encontramos quando entramos na igreja, pois o acesso actual deste edifício (que se pensa ter sido o seu acesso principal, podendo ter existido um secundário na fachada Norte) dá directamente para uma das naves. Por fim, no topo ocidental do edifício temos três divisões distintas. Duas destas divisões encontram-se encerradas para o corpo da igreja, sendo o seu acesso feito por duas portas. Estes dois espaços, numa igreja associada a um mosteiro, seriam provavelmente as celas dos monges.⁵⁶ Contudo, numa igreja como Lebeña, que não se pensa ter estado associada a um mosteiro, poderiam funcionar como duas capelas encerradas.⁵⁷ Porém, é o espaço que se encontra entre estas duas capelas que tem sido motivo de muita discussão ao longo dos anos. A sua existência leva a muitas conjecturas sobre a igreja, pois a sua função varia consoante a localização da entrada primitiva deste monumento. Assim, se a entrada tiver sido no mesmo local onde se encontra actualmente a entrada da igreja, a Sul, como defende por exemplo Gómez Moreno, este espaço poderia ser considerado, efectivamente, uma contra-ábside, onde seria suposto estar o túmulo de Santo Toríbio.⁵⁸ Todavia se a entrada fosse na fachada ocidental, como Urioste y Velada põe em questão, este espaço poderia ter como função ser o vestíbulo ou nártex da igreja.⁵⁹

Ao pesquisarmos sobre a história da Igreja de Santa Maria de Lebeña percebemos que este monumento sofreu muitas

⁵⁴ RUIZ, Enrique Campuzano - Santa María de Lebeña: iglesia mozárabe del siglo X. 1998, p. 37

⁵⁵ RUIZ, Enrique Campuzano - Santa María de Lebeña: iglesia mozárabe del siglo X. 1998, p. 36-43.

⁵⁶ *ibidem*. p. 37.

⁵⁷ informação retirada dos dados e conhecimentos adquiridos sobre a arquitectura moçárabe, mais especificamente sobre a igreja de Santa Maria de Lebeña, nas aulas da unidade curricular de História da Arquitectura Portuguesa I, do ano lectivo 2008/2009, leccionada pelo Professor Doutor Alexandre Alves Costa.

⁵⁸ MORENO, Manuel Gómez - Iglesias Mozárabes. Arte español de los siglos IX a XI. 1919, p. 272.

⁵⁹ VELADA, José Urioste y - Restauración de la iglesia de Santa María de Lebeña: notas para la historia de este monumento nacional. 1897, p. 28.

intervenções ao longo dos séculos. Estas intervenções tiveram o intuito de permitir que pudesse continuar a haver celebrações religiosas neste local, o que fez com que a igreja tivesse de se manter actualizada em relação às necessidades do culto. Contudo, a sua longa existência, e os processos de erosão a que esteve sujeita, levam a que também tenha sido necessário intervir para fazer uma manutenção do edifício, que ao longo dos anos se foi deteriorando, pois não só a pedra utilizada era de fraca qualidade como as técnicas construtivas do século X eram rudimentares.

Segundo se conhece é em 1580 que se dá a primeira grande intervenção neste edifício. Este restauro é consequência da opinião dada pelo representante da diocese aquando da visita a Lebeña em 1566. Como já referimos, é neste período que se realizam algumas das mais importantes alterações na igreja, principalmente no que concerne à cabeceira. Rompem-se as paredes que separam a capela principal das co-laterais, construindo-se de seguida, no lugar destas, arcos rebaixados, e é também nesta intervenção que se aumentam os arcos que separam as ábsides co-laterais das naves. Aparentemente, e pelo que Torres Campos e Urioste y Velada referem, esta alteração tinha o intuito de que os fiéis pudessem ver e ouvir a missa em qualquer lugar no interior da igreja.⁶⁰ Segundo Gallego Fernández terá sido também neste restauro que a porta da igreja deixa de ser na fachada ocidental e passa para a fachada meridional.⁶¹ As alterações que estas intervenções provocam no interior da igreja são grandes e isto levou-nos a pensar o que terá motivado tais modificações. Assim, pesquisámos estas datas e qual seria o seu significado para a Igreja Católica. A verdade é que a data da intervenção, 1580, não nos remete para nenhum acontecimento relevante que tenha levado a mandar executar estas reformas na igreja. Contudo, ao pesquisarmos a data da visita do representante do bispado, 1566, notamos que esta se encontra muito próxima da data final do Concílio de Trento, 1545-1563. Sabemos que durante muito tempo, na celebração da missa, era usual haver partes deste ritual que se encontravam vedadas aos fiéis, tais como a Consagração. Assim, e como enunciámos anteriormente, esta situação levava a que, no interior da igreja, os fiéis se encontrassem fisicamente separados dos monges, recorrendo para isso ao uso da Iconostáse. É do nosso conhecimento que o uso da Iconostáse é uma característica litúrgica que se prolonga durante muitos anos

⁶⁰ VELADA, José Urioste y - Restauración de la iglesia de Santa María de Lebeña: notas para la historia de este monumento nacional. 1897, p. 32.

⁶¹ FERNÁNDEZ, P. L. Gallego - Restauración & Rehabilitación, n.52, p. 60.

na liturgia hispano-visigoda, o que nos leva a colocar a hipótese de ter sido após o Concílio de Trento que esta situação se alterou. Na sessão XXII do Concílio de Trento, que se terá realizado no dia 17 de Setembro de 1562, encontra-se escrito:

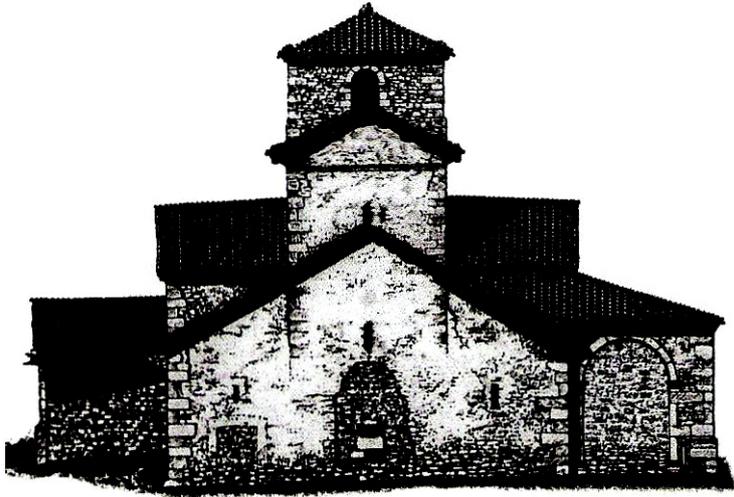
“Já que a natureza humana é tal, que não pode, facilmente e sem socorros exteriores, elevar-se a meditar as coisas divinas, por isso a Igreja, piedosa Mãe que é, instituiu certos ritos para se recitarem na missa, uns em voz submissa [cân. 9], outros em voz alta. Juntou a isto cerimónias [cân. 7], como bênçãos místicas, luzes, vestimentas e outras coisas congêneres da Tradição apostólica, com que se fizesse perceptível a majestade de tão grande sacrifício, e para que o entendimento dos fiéis se excitasse, por meio destes sinais visíveis da religião e da piedade, à contemplação das coisas altíssimas que se ocultam neste sacrifício.”⁶²

Na realidade em local algum aparece escrito que se deveriam realizar reformas nas cabeceiras das igrejas, mas podemos facilmente perguntar-nos se ao afirmarem que pretendem que os “fiéis contemplassem as coisas que se ocultam” no Sacrifício da Missa, não levaram a que se subentendesse que, a partir daquele momento, todos os presentes na celebração da missa tinham direito a visualizá-la em toda a sua plenitude, o que inclui, por exemplo, o momento da Consagração. É verdade que também podemos considerar que a sua intenção era apenas a de incluírem outros elementos no Sacrifício da Missa, tais como cânticos ou partes da missa que não existiam até então. Porém, existe não só a coincidência de datas mas também o facto de este restauro ter servido unicamente para melhorar a relação visual e auditiva entre os fiéis e o acto religioso que se praticava no altar principal.

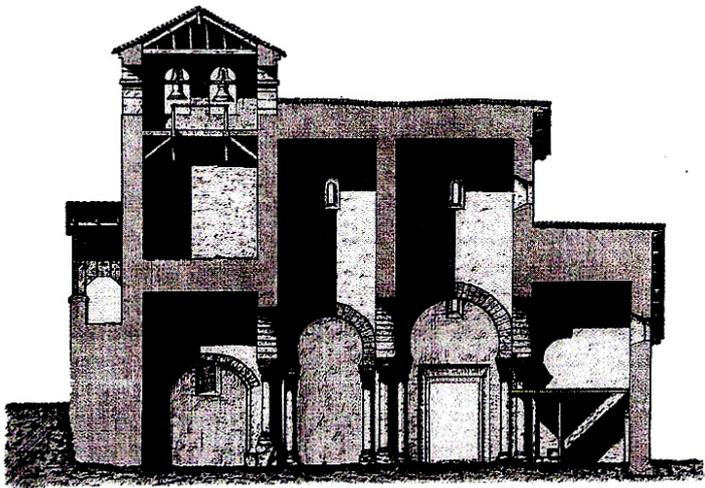
Em 1794 foi construído, no exterior da fachada Sul, o pórtico que marca a entrada na igreja. Segundo o que o arquitecto que realizou o restauro de 1897 publica, na sua memória descritiva, terá sido nesta data que se alterou a entrada da igreja, passando de Oeste para Sul, tendo sido posteriormente encerrada a antiga porta do templo.⁶³ Porém, quanto à data da construção desta porta levantam-se algumas dúvidas, uma vez que, como já referimos, Gallego Fernández afirma que esta transição da porta terá ocorrido em 1580. Não podemos afirmar que esta porta não existiu, uma

⁶² <http://www.montfort.org.br/old/index.php?secao=documentos&subsecao=concilios&artigo=trento&lang=bra> [Consult. 28 de Setembro de 2011]

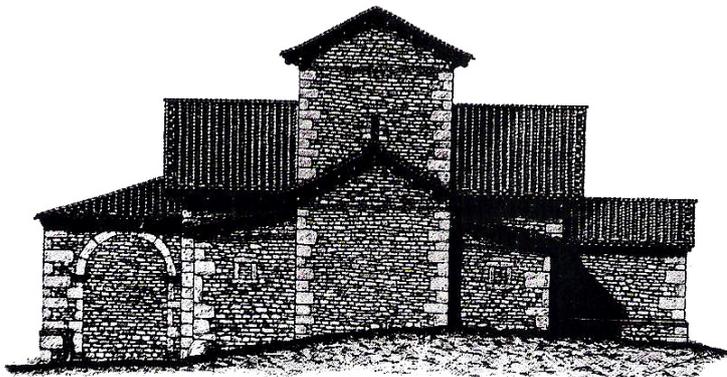
⁶³ VELADA, José Urioste y - Restauración de la iglesia de Santa María de Lebeña: notas para la historia de este monumento nacional. 1897, p. 33.



26



27



28

26 - Alçado Oeste (anterior ao restauro de 1897) - José Urioste y Velada.

27 - Corte longitudinal (anterior ao restauro de 1897) - José Urioste y Velada.

28 - Alçado Este (anterior ao restauro de 1897) - José Urioste y Velada.

vez que nas imagens, anteriores ao restauro de 1897, publicadas no documento escrito por José Urioste y Velada, é perfeitamente perceptível que terá existido uma porta na fachada Oeste. (fig. 26) Contudo, não há concordância nas datas declaradas por Fernández e Velada para a transição desta porta, o que nos leva a presumir que não existem factos que comprovem que a entrada tenha sido primeiramente a Este. Esta situação leva-nos a pensar na opinião, já apresentada, por Gómez Moreno, de que a porta terá sido inicialmente na fachada Sul, podendo ter sido modificada em algum dos restauros da igreja e ter, posteriormente, voltado a ser colocada na fachada Sul. A dar mais ênfase a esta hipótese encontra-se ainda o facto de que temos de ter em conta que uma das características da arquitectura moçárabe é precisamente a entrada ser realizada pelas fachadas laterais. Foi ainda nesta intervenção que se construiu, na fachada Norte, um corpo, aberto para o interior da igreja, cujo intuito era dotar o edifício de uma nova sacristia, uma vez que a antiga tinha sido destruída com a alteração das capelas co-laterais no restauro de 1580. Nesta intervenção ter-se-á ainda construído um coro alto, sobre o qual não existem muitos dados, sabendo-se apenas que se situava na zona ocidental do corpo da igreja, por cima da contra-ábside.⁶⁴ (fig. 27 e 28)

No ano de 1830 terá sido erguido um campanário sobre a capela-mor da igreja, que terá sido construído recorrendo a materiais de fraca qualidade uma vez que apenas 67 anos depois se encontrava em mau estado de conservação.⁶⁵ (fig. 29)

Em 1897 a igreja de Lebeña sofreu um novo restauro. Este restauro alterou significativamente a aparência exterior da igreja, pois o campanário, que se encontrava sobre a ábside principal, acabou por ser retirado. Esta torre, para além de se encontrar em mau estado colocava em risco a estrutura da igreja. Urioste y Velada optou por remover, não só o campanário mas também o coro. A pedido do pároco e dos fiéis, que dependiam do sino do campanário para saber o horário das celebrações religiosas, foi construída uma nova torre sineira num local um pouco mais afastado do templo.⁶⁶ O arquitecto projectou esta torre de modo a que esta apresentasse as mesmas características da igreja. Assim ao observarmos a torre vemos nela os mesmos arcos ultrapassados, frisos e modilhões.

O último restauro que se conhece desta igreja foi realizado em 1997 e teve apenas o intuito de limpar a igreja, reparar frestas e

⁶⁴ FERNÁNDEZ, P. L. Gallego - Restauración & Rehabilitación, n.52, p. 60.

⁶⁵ ibidem. p. 60

⁶⁶ ibidem. p. 60



29

pintá-la de novo, tudo isto sob a orientação do Arquitecto Luis Alberto Alonso Ortíz.⁶⁷

Em suma, este edifício foi construído por volta do ano 925 num período muito peculiar da Península Ibérica. Na sua longa existência foi sendo restaurado para que pudesse continuar a ser utilizado enquanto local de culto tendo sofrido até hoje cinco restauros de especial relevo. No entanto o restauro que melhor se conhece e que mais influenciou o edifício que hoje podemos visitar em Lebeña, devido às opções tomadas pelo arquitecto, foi realizado em 1897 por Urioste y Velada.

⁶⁷ RUIZ, Enrique Campuzano - Santa María de Lebeña: iglesia mozárabe del siglo X. 1998, p. 62.

II. O RESTAURO DE 1897

A Igreja de Santa Maria de Lebeña, construída em 925, passou grande parte da sua vida como uma igreja comum de qualquer paróquia, não sendo reconhecida como é hoje, enquanto monumento singular do século X. O “achado arqueológico” deste edifício aconteceu cerca de 1880, graças a um professor da *Institucion Libre de Enseñanza*, D. Joaquin Sama, numa das viagens de Verão que realizava com os seus alunos. Foi portanto um acaso que fez com que este edifício se tornasse objecto de interesse para os amantes da arte e arquitectura, já que até então não tinha sido reconhecido como tendo importância para a arte espanhola.⁶⁸

Após perceber a importância que este edifício poderia representar, não só para a aldeia em que se encontra, mas também para toda a cultura e arte espanhola, foi o próprio pároco de Lebeña, Sr. D. Santos Gutiérrez que, a 17 de Março de 1890, fez o pedido para que este edifício fosse considerado Monumento Nacional. Segundo consta o padre enviou ao Ministro do Fomento um documento intitulado “*Petición del Sr. D. Santos Gutiérrez, Parroco de Lebeña, de que fuera declarada su iglesia monumento nacional.*”. Neste testemunho pede para que a igreja de Lebeña

⁶⁸ CAMPOS, R. Torres - La Iglesia de Santa María de Lebeña. 1885, p. 8.

seja declarada Monumento Nacional pois terá sido construída nos primeiros séculos da Reconquista e merece conservar-se por ser “um sagrado objecto desta época tão remota” e “pelo seu estilo arquitectónico especial”. Depois de enviar este documento ao Ministro do Fomento enviou um outro à Real Academia de Belas Artes de San Fernando em que dá a conhecer a igreja, descrevendo-a, com o intuito de conseguir captar a atenção desta instituição para o edifício.⁶⁹ Todo este esforço de D. Santos Gutiérrez é recompensado quando a igreja de Santa Maria de Lebeña é declarada Monumento Nacional no dia 27 de Março de 1893.

Com a declaração de Monumento Nacional impõem-se obras de conservação do edifício, pois a igreja já tinha sido visitada anteriormente e era sabido que não se encontrava em boas condições. Assim, um arquitecto da Real Academia de Belas Artes de San Fernando, José Urioste y Velada, dirige-se a Lebeña para visitar a igreja e observar o real estado em que esta se encontrava.

“El templo, de pobre e sencillo aspecto, casi rayano en miserable, revela en sus fábricas la edad á que se remonta, lo primitivo de su construcción, los deterioros causados por la acción de los siglos y las diferentes transformaciones de que ha sido objecto en el curso de su vida.”⁷⁰

Nesta visita o arquitecto depara-se com uma igreja cuja aparência demonstra os maus tratos por que passou durante a sua vida. As paredes do templo comprovam o “respeitável número de anos” do edifício, demonstrando uma alvenaria feita com pouco cuidado e com argamassa de má qualidade, que se encontrava frágil e com falta de coesão; as juntas estavam “descarnadas” e existiam fendas em vários locais do templo. As abóbadas também se apresentavam em mau estado, em muitas encontravam-se grandes frestas que chegavam mesmo a pôr em causa a estrutura do edifício. Tudo isto é resultado não só da erosão que o templo sofreu durante todos os seus anos de vida, mas também das reformas que comportou, que alteraram as condições dos elementos construtivos do edifício.⁷¹ Após este primeiro contacto com a igreja é pedido a Urioste y Velada a realização de um levantamento pormenorizado de tudo aquilo que era imperativo restaurar. Seguidamente foi pedida a realização de uma proposta de restauro para a igreja de Lebeña, que viria posteriormente a ser enviada para que a realização das obras pudesse ser aprovada.

⁶⁹ VELADA, José Urioste y - Restauración de la iglesia de Santa María de Lebeña: notas para la historia de este monumento nacional. 1897, p. 9-15.

⁷⁰ ibidem. p. 27.

⁷¹ ibidem. p. 35.

Era terminante restaurar toda a estrutura da igreja, começando pelas paredes, pilares e abóbadas que, como referimos anteriormente, se encontravam em mau estado. No que concerne ao exterior do monumento eram vários os locais onde era necessário intervir. O arquitecto apercebeu-se desde logo da falta de modilhões em algumas das fachadas, ou mesmo do facto de, em alguns locais, estes se encontrarem partidos. Verificou também que na cobertura muitas das telhas se encontravam partidas, o que levava a que a água penetrasse frequentemente no interior do templo. No pórtico algumas das pedras que constituem os arcos encontravam-se desagregadas, provavelmente consequência da construção “muito descuidada” deste elemento. A torre sineira, construída sobre a ábside principal do templo, encontrava-se já em mau estado e portanto era necessário que alguma decisão fosse tomada em relação a este elemento. Assim, e após observar o interior do edifício, o arquitecto decidiu que a melhor solução passaria por retirar a torre deste local, pois as paredes em que este elemento assentava poderiam ceder a qualquer momento. Há que ter em atenção que as paredes em que assentava a torre tinham sofrido uma intervenção em 1580, altura em que se romperam as paredes para abrir arcos ultrapassados que fizessem a ligação entre a capela principal e as capelas co-laterais. Assim, estas paredes encontravam-se já limitadas, do ponto de vista construtivo, e ao assentarem sobre elas o campanário, em 1830, vão sofrer um esforço que não estavam preparadas para receber, acabando por colocar o edifício em risco de ruir. Urioste y Velada ficou a compreender quais as obras que era necessário executar neste monumento. A 23 de Fevereiro de 1895 uma ordem Real incumba este arquitecto de realizar um projecto em que constem as obras que eram necessárias para esta igreja, algo que o arquitecto realiza e submete à aprovação Real.⁷²

José Urioste y Velada escreve um documento com o seu projecto, que assina com a data de 20 de Junho de 1895, onde explica quais as obras que propõe para a Igreja de Santa Maria de Lebeña, bem como os materiais que devem ser utilizados e como devem ser utilizados, de modo a que não se desvirtue este monumento. A 26 de Novembro de 1895 o projecto e os pressupostos gastos para as obras de restauro e conservação do templo são aprovados por ordem Real permitindo assim iniciar

⁷² ibidem. p. 34-38.

as obras na igreja, que, devido ao mau tempo, apenas têm início em Maio de 1896.⁷³

De acordo com o que o arquitecto propunha na sua memória descritiva e justificativa, que acompanhava o projecto aprovado pela Real Academia de Belas Artes de San Fernando, a primeira intervenção a ser efectuada foi a remoção do campanário erguido em 1830. Depois de se retirar este objecto foi possível observar os reais prejuízos que esta carga tinha causado na abóbada e nos arcos em que se encontrava assente, arcos esses que como sabemos não datam da construção da igreja.⁷⁴ Urioste y Velada revela também que teve o cuidado de verificar se seria preferível reabilitar este elemento, ao invés de removê-lo. Contudo, após ponderar a questão optou por remover a torre, algo que ele explica:

“he desechado esta idea por dos razones: una, que aun cuando se pueda subir desde el plan terreno hasta el alero, se tendría que ir pisando en las tejas para llegar á la espadaña; (...) ha pesado en mi ánimo otra razón que ha hecho observar el Sr. Cura párroco, cual es que la torre fué impuesta por la necesidad de que las campanas se oyeran á gran distancia, pues la feligresía de Lebeña no comprende sólo el pueblo de este nombre que se ve en las fotografías tomadas desde la carretera, sino otros dos pequeños barrios ó aldeas situadas en vertientes opuestas de otras montañas, y sucede que, con los fuertes y encontrados vientos que allí reinan, no se percibe á grandes distancias el sonido de una campana de las dimensiones que es susceptible tenga la que se coloque en la espadaña.”⁷⁵

Refere ainda que colocou a hipótese de construir uma nova torre, por cima da sacristia que foi acrescentada ao edifício em 1794, todavia acabaria por acontecer o mesmo a essa nova torre, pois iria sujeitar as paredes da sacristia a excessos de carga e ocultaria outra das fachadas do templo. Assim optou por projectar a torre para um local afastado da igreja. A nova torre foi construída perto da igreja mas sem estar adossada ao edifício. Durante a sua construção recorreram, sempre que possível, aos materiais que se retiraram da antiga torre, tendo o cuidado de reproduzir os elementos característicos da igreja de modo a haver harmonia entre os dois edifícios. Utilizou-se o mesmo tipo

⁷³ ibidem. p. 37 e p. 59.

⁷⁴ ibidem. p. 59.

⁷⁵ ibidem. p. 38 e p. 59.

de pedra, arcos ultrapassados na entrada e friso e modilhões de dimensões e decoração idêntica aos da igreja.⁷⁶ Segundo a guia do monumento,⁷⁷ o cuidado que houve, em garantir que igreja e torre não estariam dissociadas uma da outra, no que concerne ao aspecto exterior, leva a que muitos turistas reconheçam esta igreja como pertencendo à arte moçárabe apenas por uma primeira observação da torre. No entanto, este elemento foi construído em finais do século XIX e não no século X.

Seguidamente procedeu-se ao registo de todos os tipos de argamassa utilizados na igreja, tanto no seu corpo principal como nos elementos a ele anexados. (Anexo 1) Isto permitiu “reparar convenientemente” as paredes de todo o templo, consolidando os pontos que se encontravam mais frágeis. Na fachada Este, com a remoção do campanário, ficou a descoberto a zona mais elevada da antiga fachada, correspondente no interior aos dois módulos centrais, que devido à torre tinha elementos parcialmente desfeitos, como os modilhões e o friso. Foi necessário não só refazer estes elementos como também consertar a cobertura e a fachada da capela principal, que, devido à torre, se encontrava parcialmente desfeita. Assim, restaurou a fachada Oriental, que tinha sido alterada para receber o campanário, para o seu estado primitivo. (fig. 21 - p.54) Ainda nesta fachada, houve a necessidade de remover a escadaria que se pensa que daria acesso ao campanário, uma vez que esta já não tinha razão de existir. Na fachada Oeste era apenas preciso reparar algumas fendas e buracos que se encontravam na parede, bem como colocar argamassa em alguns pontos. Porém o arquitecto considerou que as coberturas deste alçado se encontravam mal conseguidas e portanto deveriam ser alteradas. Assim, em vez de uma fachada de recorte triangular, cuja cobertura era conseguida com duas águas, (fig. 26 - p.66) passamos a ter a fachada como se fosse dividida em três partes, o que leva a que a cobertura também seja diferente. A zona central, mais elevada, mantém a cobertura de duas águas, já as laterais, com pé direito menor, diferem uma da outra. Como enunciámos anteriormente, a capela voltada a Sul tem uma cobertura com uma só inclinação enquanto que a que se encontra voltada a Norte apresenta cobertura de duas águas, apesar de essa diferença não ser perceptível quando nos encontramos junto à fachada Oeste. (fig. 30) Assim o arquitecto faz com que

⁷⁶ ibidem. p. 38 e p.39.

⁷⁷ Na igreja de Santa Maria de Lebeña existe uma pessoa que acompanha os turistas durante a visita da igreja, explicando a história, a arquitectura, a decoração e tudo o que for relevante em relação a este monumento.



30

30 - Imagem da fachada Oeste da igreja de Santa Maria de Lebeña.

fachada Este e Oeste tenham uma leitura muito semelhante, uma vez que a diferença nas coberturas das capelas encerradas só é perfeitamente visível de uma perspectiva mais elevada em relação à igreja. Assim, a maior diferença, pelo menos aos olhos do visitante que se encontra junto ao edifício, encontra-se no facto de na fachada Este o corpo onde se encontra a ábside principal ser mais saliente que os restantes. Já no pórtico da fachada Sul, que como referimos Urioste y Velada tinha desde o início notado que era necessário intervir, foram restaurados os arcos assim como a cobertura e o pavimento, que depois desta operação passa a ser em pedra. Ainda neste local foi necessário retirar a pedra e a argamassa que se encontrava a encerrar o arco voltado a Oeste, de modo a que o pórtico pudesse ser observado na sua plenitude. A Norte apenas houve a necessidade de reparar elementos que se encontravam desagregados ou em falta, tal como aconteceu na fachada Ocidental.⁷⁸

No interior a primeira preocupação recaiu sobre os pilares, arcos e abóbadas que sustentam o edifício, uma vez que algumas apresentavam grandes fissuras e havia algum receio que pudessem pôr em causa a estrutura do monumento. Os elementos que mais preocupavam o arquitecto eram os arcos que se encontravam a sustentar o campanário. Como anteriormente enunciámos estes arcos eram originalmente paredes que em 1580 se romperam, de modo a permitir que os fiéis pudessem ver e ouvir a missa em qualquer local da igreja, colocando-se no seu lugar arcos ultrapassados. Quando em 1830 se constrói o campanário sobre estes arcos não houve a preocupação de verificar se eles aguentariam tamanha carga e, aquando da visita de Urioste y Velada à igreja para efectuar o projecto para a realização das obras, verificou-se que estes elementos se encontravam bastante fissurados, o que levou a que o arquitecto temesse pela estrutura do templo. Contudo, no decorrer das obras de restauro, apercebeu-se que a estrutura não se encontrava assim tão fragilizada. Na realidade encontrava-se bastante fissurada mas nada que colocasse em causa a sustentação da igreja, o que levou o arquitecto a afirmar que:

“no se vió ningún género de señales que hicieran temer por su seguridad, como desde luego se hubieran acusado en caso contrario, pudiendo ser muy bien, ó un vicio original

⁷⁸ ibidem. p. 37-42 e p. 59-60.



31

31 - Vista do interior da igreja de Santa Maria de Lebeña - pormenor dos arcos e pilares cruciformes.

de construcción, ó quizá un efecto del rasgado de huecos hecho en 1580, agravado por la sobrecarga de la torre levantada en 1830.”⁷⁹

Assim, houve apenas a preocupação de reparar as fissuras de modo a que estas não fossem progredindo com o passar dos anos. Foi também necessário retirar a cal que se encontrava no interior das abóbadas e das paredes, bem como a pintura dos arcos ultrapassados e dos capitéis e pilares. Segundo o arquitecto este foi um trabalho bastante moroso mas que no final permitiu deixar a descoberto *“todo el sistema de construcción y los elementos de su decorado”*.⁸⁰ Após a limpeza destes elementos verificou-se que algumas das abóbadas, especialmente as que se encontravam na zona do coro e do altar principal, necessitavam de uma maior intervenção, chegando mesmo a ter de ser reforçadas. Optou-se por deixar a descoberto as pedras que compunham os arcos ultrapassados e os pilares. (fig. 31) Houve ainda o cuidado de dotar a igreja de pavimento em pedra, uma vez que este edifício não tinha qualquer tipo de pavimento, algo que o arquitecto refere como:

“una falta de aseo, le da un carácter de pobreza impropio de lugar tan sagrado como la Casa de Dios, donde lo humilde y sencillo puede ir unido á lo severo y digno, sin traspasar nunca el límite de lo miserable”⁸¹

Todavia tiveram o cuidado de não danificar as lápides ainda existentes no solo do templo. Por fim, no que respeita ao interior da igreja, e após conversar com o pároco, o arquitecto decidiu retirar o coro-alto, que se encontrava por cima do prolongamento da nave principal, junto à fachada ocidental.⁸²

Depois de realizar todas estas intervenções procedeu-se à recuperação dos elementos decorativos de todo o monumento. Os pilares, cruciformes, inspirados nas clássicas colunas coríntias, foram limpos de toda a pintura que tinham, deixando visível não só os detalhes da sua decoração como também uma capa de estuque que os revestia, possivelmente resultado de intervenções anteriores. O arquitecto ainda ponderou restaurar os elementos decorativos dos pilares, porém como esse restauro não era necessário para garantir as condições estruturais da igreja decidiu não o realizar. Os modilhões e o friso também tiveram de ser

⁷⁹ ibidem. p. 60 e p. 61

⁸⁰ ibidem. p.61

⁸¹ ibidem. p. 36

⁸² ibidem. p. 36 e p. 60-64.

reparados, por vezes tiveram mesmo de ser totalmente refeitos, com base nos elementos ainda existentes. Finalmente as coberturas foram restauradas e o ossário, existente a Norte do edifício, junto à sacristia, acrescentada no século XVIII, foi retirado. O ossário já não era utilizado há muitos anos e portanto o arquitecto propôs que fosse removido, pois, como era um elemento estanque, ajudava a que a água se concentrasse neste ponto, que por ser muito próximo da fachada levava a uma maior deterioração do edifício. Por fim requalificou-se toda a área exterior que envolve a Igreja de Santa Maria de Lebeña.⁸³

A localização da igreja, num local afastado de grandes povoações e com acessos difíceis, fez com que algumas das propostas que José Urioste y Velada tinha inicialmente efectuado para as obras de restauro desta igreja não tenham sido executadas. Era necessário transportar os materiais utilizados na obra, de locais significativamente afastados, para a aldeia de Lebeña e havia também dificuldade em conseguir contratar trabalhadores bons que se sujeitassem a ir trabalhar para este local. Assim, o arquitecto deteve-se mais nas obras de consolidação da igreja, acabando por dar menos relevo do que era suposto ao restauro dos elementos decorativos, o que, como o próprio revela no livro que subscreve, leva à diminuição dos custos da obra:

*“Esta disminución de trabajo en la restauración de detalles decorativos, y la economía obtenida en las obras ejecutadas, ha hecho que, en vez de las 32.272,23 pesetas á que ascendía el presupuesto aprobado, se hayan invertido sólo 20.226,56 pesetas...”*⁸⁴

Pela leitura do livro *Restauración de la iglesia de Santa María de Lebeña: notas para la historia de este monumento nacional* ficamos a perceber que no dia 30 de Outubro de 1897 a igreja já teria sido completamente restaurada, uma vez que é nesta data que se encontra assinado o documento em que o arquitecto descreve as obras que foram efectivamente executadas na igreja de Lebeña. O facto de estas obras se terem prolongado durante algum tempo, cerca de um ano e meio (desde Maio de 1896 a Outubro de 1897), pode estar relacionado não só com a demora no transporte dos materiais mas principalmente com o mau tempo que se faz sentir nesta região durante os meses de Inverno, que, tal como levou ao

⁸³ ibidem. p. 40 e p. 63-65.

⁸⁴ ibidem. p. 65 e p. 66.

atraso no início das obras, pode ter também levado a que estas tenham sido por vezes interrompidas.

“Entiende que, si tratándose de la verdadera restauración artística de un monumento, es decir, de retroceder éste á la forma y condiciones que se supone tuviera en la época de su fundación, es necesario acomodarse á la primitiva traza y á todos los detalles de estilo, prescindiendo en absoluto de cuantos agregados ó reformas se hubieren hecho en fechas posteriores, no puede llevarse esto, en casos como el presente, á un rigorismo exagerado.”⁸⁵

Como podemos perceber, pela descrição das obras realizadas por José Urioste y Velada no restauro de 1897, houve uma grande preocupação em manter as características construtivas da igreja. É sabido que ao longo da sua vida este monumento sofreu várias reformas, algumas das quais em que lhe foram acrescentados elementos com vista a melhorar o desempenho deste edifício enquanto local de culto. Referimos anteriormente as obras realizadas no século XVI, que fizeram com que a igreja perdesse as divisões que até então eram utilizadas como sacristia e levaram à conseqüente construção de uma nova sacristia, cujo acesso era conseguido pelo interior do edifício. Ainda nesta intervenção foi construído o coro alto sobre a contra-ábside que seria utilizado durante as celebrações na igreja. Aliado a estas intervenções houve ainda a construção da torre sineira no início do século XIX, que pretendia servir para avisar os fiéis da realização de celebrações na igreja. Estas alterações resultam da necessidade que a Igreja de Santa Maria de Lebeña tinha de se manter actualizada às reformas na liturgia. Tal como acontece nas várias intervenções que enunciámos, também em 1897 estamos perante uma liturgia diferente da do século X, o que leva o arquitecto a ter de decidir qual o significado que quer dar ao seu restauro.

Ao observarmos as reformas que o arquitecto realiza na igreja de Lebeña reconhecemos que não foi só a estrutura que o preocupou mas também a sua funcionalidade. Ao pretender que possam continuar a efectuar-se celebrações religiosas, o arquitecto tem de acautelar que todos os meios necessários para a sua realização estejam garantidos e é isso que acontece neste restauro. José Urioste y Velada repara e reforça a estrutura nos locais em que se encontrava mais danificada,

⁸⁵ ibidem. p. 36.

porém não deixa de fazer uma manutenção a todo o edifício. Fica clara a sua preocupação em tentar manter em harmonia a condição eclética e a funcionalidade do edifício. Como a liturgia era diferente da do século X exigia também que a igreja tivesse características diferentes, se não conseguisse permitir a continuidade da liturgia na igreja esta deixaria de ter funcionalidade.⁸⁶ É por esta razão que o arquitecto não faz uma intervenção profunda no edifício (sendo que o único elemento que remove totalmente da igreja é o coro alto), pois para a realização de missas era apenas necessário restaurá-lo, já que os elementos que a igreja primitiva poderia necessitar, para que nos finais do século XIX se pudessem realizar celebrações na igreja, já lhe tinham sido acrescentados durante a sua longa existência, não havendo necessidade de fazer mais acrescentos ao monumento. Assim é o próprio arquitecto quem afirma que estas obras tinham o intuito de *“consolidar el edificio”*, acautelando a sua função enquanto local de culto e garantindo que esta igreja do século X se mantivesse bem conservada permitindo *“ser admirada por las generaciones venideras”*.⁸⁷

Contudo, e apesar de saber que não eram necessárias grandes intervenções na igreja de Santa Maria de Labeña, o arquitecto entrou em contacto não só com os fiéis mas também com o pároco da igreja para saber a opinião deles acerca de alguns elementos do edifício, uma vez que eles melhor do que qualquer outra pessoa sabiam aquilo que a igreja necessitava. Foi depois de conversar com eles que Urioste decidiu que finalidade dar a alguns dos elementos deste monumento. Assim, optou por remover da igreja o coro alto, após perceber que este elemento não era de grande importância e retirava ambiência ao espaço em que se encontrava na igreja, por cima da contra-ábside. Como se poderá perceber pelo excerto que se segue:

*“Se estimó conveniente, después de oír la opinión del Sr. Cura, suprimir el coro que había á los pies de la iglesia, compuesto de unas cuantas piezas y tablonés de castaño colocados de cualquier modo, quitando ambiente á aquella parte de nave, cuyo espacio resulta ahora libre y desahogado.”*⁸⁸

Também o campanário foi retirado do local em que se encontrava. No caso deste elemento não foi a opinião dos

⁸⁶ FERNÁNDEZ, P. L. Gallego - Restauración & Rehabilitación, n.52, p. 60.

⁸⁷ VELADA, José Urioste y - Restauración de la iglesia de Santa María de Lebeña: notas para la historia de este monumento nacional. 1897, p. 36.

⁸⁸ ibidem. p. 64.

membros da paróquia que levou a que fosse retirado e sim o facto de a sua localização ser prejudicial para a sustentação deste monumento. Todavia, segundo os fiéis e o sacerdote a sua função era importante para a paróquia o que levou o arquitecto a ter de encontrar uma solução para a falta que esta torre fazia. Assim, e após algumas indecisões, já referidas anteriormente sobre a nova localização deste elemento, optou por construir uma nova torre que não se encontrasse em contacto com a igreja. Esta cumpria finalmente a sua função, uma vez que anteriormente os seus sinos não se faziam ouvir adequadamente.⁸⁹

São compreensíveis os motivos que levaram o arquitecto a manter a sacristia adossada em 1794, necessária para a realização de missas, a retirar o campanário e construir uma nova torre sineira junto à igreja, que permitia avisar os fiéis das cerimónias realizadas na igreja, e a retirar o coro, que não tinha grande importância litúrgica. Porém pode colocar-se em questão o que terá levado o arquitecto a manter a arcada junto à fachada Sul. A verdade é que para efeitos litúrgicos este elemento não apresenta qualquer utilidade, fazendo apenas a marcação da entrada principal da igreja, o que pode levar a que se questione este restauro. Se o intuito do arquitecto é garantir a função da igreja, enquanto local de culto, o pórtico poderia ser facilmente removido, tal como acontece com o coro, pois para além de não ter interesse para a liturgia é um elemento posterior à construção deste monumento. Todavia, contrariando essa situação, o pórtico é mantido no restauro de José Urioste y Velada. Poderíamos afirmar que o arquitecto cometeu um erro ao tomar esta decisão, que este elemento, não tendo qualquer utilidade e não pertencendo à constituição primitiva da igreja deveria ser removido. Contudo, se retirássemos a todos os monumentos que hoje conhecemos os elementos que lhes foram acrescentados durante as suas vidas não estaríamos a desvirtuá-los? Será que deveríamos remover os seus acrescentos e deixá-los na sua forma primitiva?

A verdade é que os edifícios são um produto da época em que foram construídos mas são também o resultado de toda uma evolução. Se hoje em dia facilmente se poderia transformar um edifício desta importância num museu e ele não seria deixado ao abandono, no século XVI a não construção de elementos que permitissem a continuação do edifício enquanto local de culto

⁸⁹ ibidem. p. 38.

poderia levar ao abandono total desta construção e até mesmo a que se deixasse chegar o edifício a um estado tal de degradação que ficaria em ruína e acabaria por ter de ser demolido. Para além disso se hoje, ao nos deslocarmos a Lebeña, nos deparamos com uma aldeia praticamente abandonada, onde a igreja pouco será utilizada, noutros períodos da história isso certamente não acontecia. Todas as casas que encontramos hoje abandonadas na aldeia estariam habitadas e a igreja seria muito provavelmente um local de reunião e festa, não havendo razão para que fosse negligenciada só por não ter os requisitos que a liturgia exigia. Logo, fazia todo o sentido que se realizassem intervenções, acrescentos ou remoções, desde que a igreja pudesse continuar a exercer a função para a qual tinha sido construída. O edifício deve mostrar nele a sua história, o resultado da sua evolução, e ao retirar o coro o arquitecto não desvirtua o edifício, muito pelo contrário, uma vez que este elemento é que se encontrava a deturpar a igreja, já que para além de não ter grande relevância ainda retirava a ambiência desejada ao local onde se encontrava. Porém, se o arquitecto decidisse remover o pórtico estava a retirar algo marcante na igreja, algo que, quer seja da forma primitiva da igreja ou não, já é um elemento inerente a ela, que não se pode extrair sem retirar uma parte da história deste monumento e portanto do seu “verdadeiro carácter”. O arquitecto chega mesmo a apoiar-se no exemplo da Catedral de Toledo para justificar a sua decisão:

“Nadie destruiria, por ejemplo, al restaurar la Catedral de Toledo, comenzada en 1227, la obra de Narciso Tomé, terminada en 1732, con fondos facilitados por el Arzobispo Astorga, para el rompimiento del ábside, con objecto de dar luz al Sagrario, y eso que su género de arquitectura y decoración no puede ser más distinto y opuesto al que predomina en aquel grandioso templo. Así, pues, si la iglesia de Santa María de Lebeña se dejara tal y como creemos se encontraba en los comienzos del siglo X, es probable que no pudiera utilizar-se para las necesidades del moderno culto; esto aparte de que al restaurar debe procederse con gran prudencia y mesura, porque hay restauraciones que desvirtúan el verdadero carácter de los monumentos.”⁹⁰

Todavía, se concordamos que o arquitecto realizou um restauro digno desta igreja, também julgamos que há um aspecto

⁹⁰ ibidem. p. 36.

que ele pode ter descurado. Preocupou-se em estabilizar todo o edifício e em não lhe retirar aquilo que lhe confere a sua história porém, não parece ter dedicado às coberturas do edifício a devida atenção. Aquando da visita ao edifício tentámos estar atentos aos pequenos pormenores, e ao observarmos a cobertura parecemos algo invulgar.

Aquilo que primeiramente chamou a nossa atenção foi o facto de as coberturas não terem a inclinação para o local que seria mais lógico. Já que uma vez que quanto menor for a distância para onde a cobertura tem de inclinar melhor é feito o escoamento das águas, pois não necessita de uma pendente tão grande. Seria presumível que algumas das coberturas, nomeadamente as que se encontram sobre as naves laterais, se encontrassem dispostas de outro modo. A dar ênfase a esta ideia é de realçar que no interior da arcada adossada à fachada Sul, se encontram alguns modilhões e parte do friso que percorre todo o perímetro da igreja. Isto pode significar que seria neste local que pousaria a cobertura original.⁹¹

Ficamos assim a perceber quais foram as intervenções que o arquitecto José Urioste y Velada realizou em 1897 à igreja de Santa Maria de Lebeña e o porquê dessas intervenções. Compreendemos que o arquitecto teve sempre em vista a manutenção deste edifício enquanto local de culto e que foi essa pretensão que o levou a encarar este restauro como uma obra de consolidação. Contudo, se por um lado concordamos com a maioria das decisões do arquitecto por outro também julgamos que houve aspectos que ele descurou que são importantes, como é o exemplo das coberturas.

⁹¹ ibidem. p. 33.

**III. PROPOSTA DE REINTERPRETAÇÃO DA
IGREJA DE SANTA MARIA DE LEBEÑA**

PROPOSTA DE REINTERPRETAÇÃO DA IGREJA DE SANTA MARIA DE LEBEÑA

101 | 102

CAPÍTULO III

A igreja de Santa Maria de Lebeña sofreu várias intervenções durante a sua existência que tiveram o intuito de permitir que nela se pudessem continuar a realizar celebrações religiosas e também, no caso do restauro de 1897, de proceder à conservação do edifício depois da sua elevação a Monumento Nacional Espanhol. Todavia estas intervenções alteraram a forma primitiva do monumento e actualmente, quando nos deslocamos à aldeia de Lebeña, deparamo-nos não só com um edifício do século X, mas também com uma construção que resulta dos vários restauros que lhe foram realizados.

O restauro de 1897, realizado por José Urioste y Velada, não é o último restauro conhecido realizado à igreja de Lebeña. Este edifício voltou a ser alvo de intervenção em 1997, através de um projecto do arquitecto Luis Alberto Alonso Ortíz. Contudo, este último restauro não alterou a composição formal do edifício, uma vez que apenas se procedeu a uma limpeza, reparação de frestas e pintura da igreja.⁹² Assim, percebemos que o restauro de 1997 não alterou significativamente a igreja. O arquitecto Alonso Ortíz não

⁹² RUIZ, Enrique Campuzano - Santa María de Lebeña: iglesia mozárabe del siglo X. 1998, p. 62.

modificou nada no edifício, limitou-se apenas a realizar as obras necessárias para que o edifício se mantivesse em bom estado de conservação. Esta situação leva-nos a considerar que o edifício que encontramos hoje em Lebeña continua a ser o resultado do que nos foi deixado pelo arquitecto Urioste y Velada.

Como pudemos perceber, pela descrição das obras realizadas por José Urioste y Velada no restauro de 1897, houve uma grande preocupação em manter as características construtivas da igreja e em consolidar o edifício na sua totalidade. O arquitecto deixou claro que pretendeu que esta construção continuasse a funcionar enquanto local de culto, ao optar por manter elementos que não pertenciam à forma primitiva mas sem os quais era impossível continuarem a existir celebrações na igreja, como é o caso da nova sacristia, adossada em 1794. É ainda visível o respeito que teve pela história deste monumento nacional ao preocupar-se em manter elementos, como o pórtico, acrescentado também em 1794, que, não sendo liturgicamente necessários, fazem parte da história da igreja de Santa Maria de Lebeña. Assim, manteve a maioria dos acrescentos que tinham sido realizados ao edifício retirando-lhe apenas o coro e o campanário. O coro alto, construído em 1794, foi definitivamente removido, já o campanário, construído em 1830, acabou por ser substituído por uma nova torre, que, não estando em contacto com a igreja, se situa nas suas proximidades.⁹³ José Urioste y Velada ao realizar a proposta de restauro deste monumento pensou nele como um todo: como local de culto, onde a população se reúne e pratica a sua religião; enquanto edifício singular do século X, que é necessário preservar; e como resultado de toda uma evolução, demonstrando na sua composição formal a sua história.

Consideramos que o restauro de 1897 correspondeu às expectativas daquilo que se pretendia para este monumento nacional e que Urioste y Velada foi bem sucedido na sua intenção em manter a igreja de Santa Maria de Lebeña enquanto edifício histórico e religioso do século X. Porém, pensar em como terá sido este monumento na época da sua construção, ou seja, no século X, é algo que nos suscita alguma curiosidade.

O edifício que encontramos hoje em Lebeña é resultado de todo um processo evolutivo. É verdade que a igreja é do século X, no entanto, é também o resultado de todas as intervenções que sofreu. Portanto, não fazia sentido, numa proposta de restauro

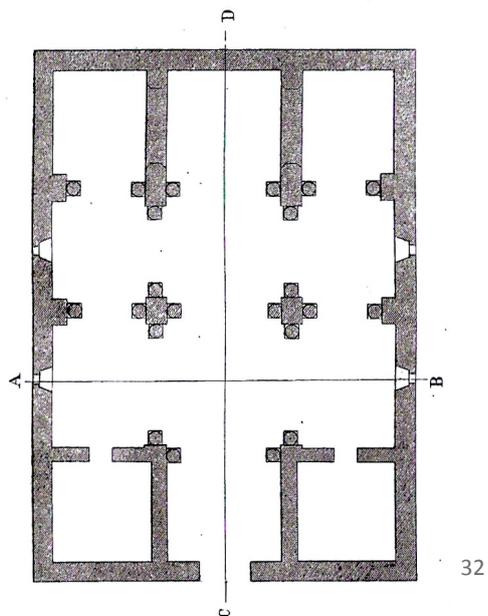
⁹³ VELADA, José Urioste y - Restauración de la iglesia de Santa María de Lebeña: notas para la historia de este monumento nacional. 1897, p. 59-66.

real, retirar todos os elementos que lhe foram acrescentados durante a sua vida, pois estaríamos a deturpar a igreja, como o próprio arquitecto Urioste y Velada refere ao dar o exemplo, que enunciámos no capítulo anterior, da Catedral de Toledo. Todavia numa proposta académica, ou seja, numa reinterpretação nossa sobre a igreja de Lebeña, podemos debruçar-nos sobre essa problemática, podemos pensar em como a igreja de Lebeña terá sido no século X. Uma proposta de reinterpretação da igreja de Santa Maria de Lebeña leva-nos a analisar os vários restauros que a igreja sofreu, bem como outras obras da arquitectura moçárabe, para podermos fundamentar as nossas opções.

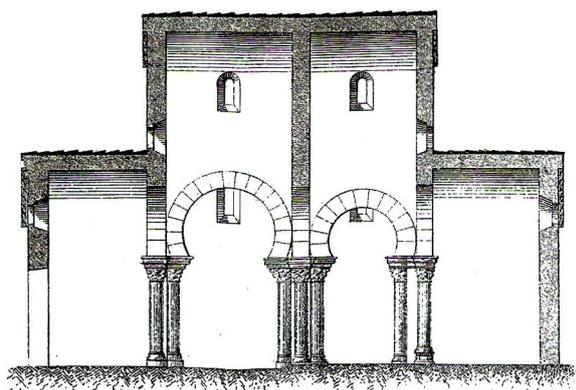
Na realidade aquilo a que nos propomos, reinterpretar a igreja de Santa Maria de Lebeña, é algo que já foi realizado por alguns autores. Existem pelo menos dois autores que publicaram as suas propostas de reinterpretação deste edifício: Torres Campos (1885) e Manuel Gómez Moreno (1919). Cada um tem uma ideia muito própria de como esta igreja terá sido aquando da sua construção no século X, e por isso mesmo cada um publicou a sua proposta.

Segundo se sabe a primeira monografia sobre a igreja de Santa Maria de Lebeña foi escrita em 1885 por Torres Campos e intitula-se *La Iglesia de Santa María en Lebeña*. Neste livro o autor realiza uma descrição muito completa, não só da história desta igreja mas também da sua composição formal, e do estado em que se encontrava em finais do século XIX. É também nesta obra que vamos encontrar aquilo que podemos definir como a primeira proposta de reinterpretação deste edifício, uma vez que os desenhos, realizados por Juan B. Lázaro, elucidam aquilo que, ao longo deste documento, Torres Campos refere como tendo sido a Igreja de Santa Maria de Lebeña no século X.

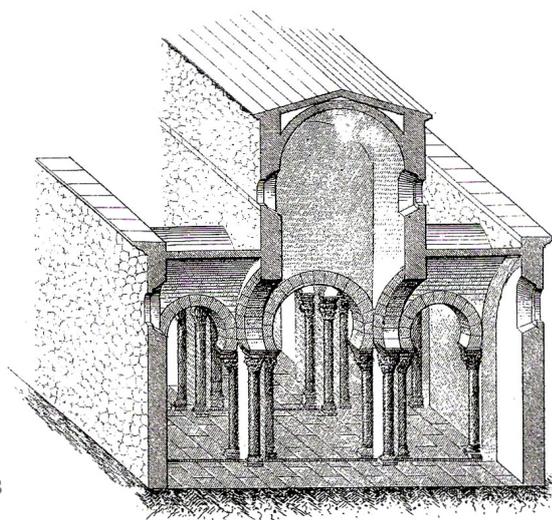
Após visualizarmos os desenhos realizados por Juan Lázaro torna-se evidente que uma das primeiras preocupações de Torres Campos foi deixar claro que os elementos anexados à igreja, nos seus vários restauros, não faziam parte da sua forma primitiva. Assim, nos desenhos representativos do exterior verificamos que não se encontra representado o pórtico na fachada Sul ou a sacristia adossada a Norte, enquanto que nas plantas que demonstram o interior a cabeceira aparece também representada como se pensa ter sido originalmente, tripartida. Percebemos também que Torres Campos defende que o acesso para o interior



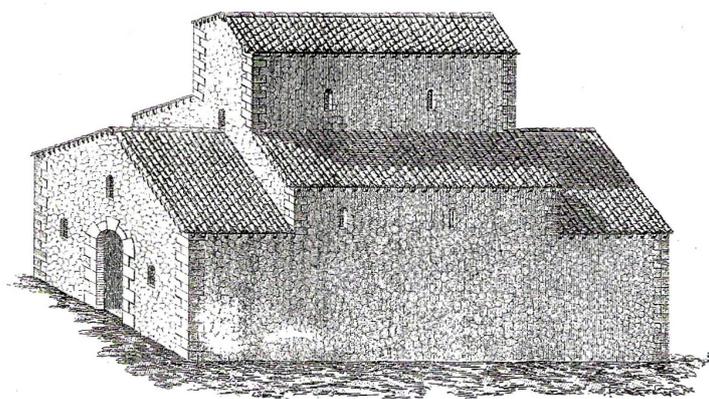
32



33



34



35

32 - Planta da igreja de Santa Maria de Lebeña - proposta de Torres Campos.

33 - Corte longitudinal da igreja de Santa Maria de Lebeña - proposta de Torres Campos.

34 - Corte con axonometria da igreja de Santa Maria de Lebeña - proposta de Torres Campos.

35 - Vista Sul da igreja de Santa Maria de Lebeña - proposta de Torres Campos.

da igreja seria realizado através de uma porta situada na fachada Oeste onde, segundo o arquitecto, existia “un hueco tapiado que debió ser la puerta antigua”.⁹⁴ (fig. 32, 33 e 34) Assim, o espaço entre as duas capelas encerradas, junto à fachada ocidental, que temos vindo a designar como sendo uma contra-ábside, seria um nártex da igreja, a seguir ao qual se seguiria um arco triunfal que marcava a entrada no corpo principal da igreja, como percebemos pela seguinte passagem:

“Había en las primitivas iglesias cristianas un atrio ó nartex destinado á los catecúmenos, los energúmenos y los penitentes á quienes se prohibía temporalmente la entrada en el templo. (...) Así sucede en Lebeña, donde, sin embargo, la prolongacion de la nave central más allá de las laterales conserva dentro del templo, entre las dos celdas mencionadas, un espacio que lo recuerda. Bastaría cerrar el gran arco de comunicacion, dejando solo puerta, para tener un nartex análogo á los de los templo mencionados.”⁹⁵

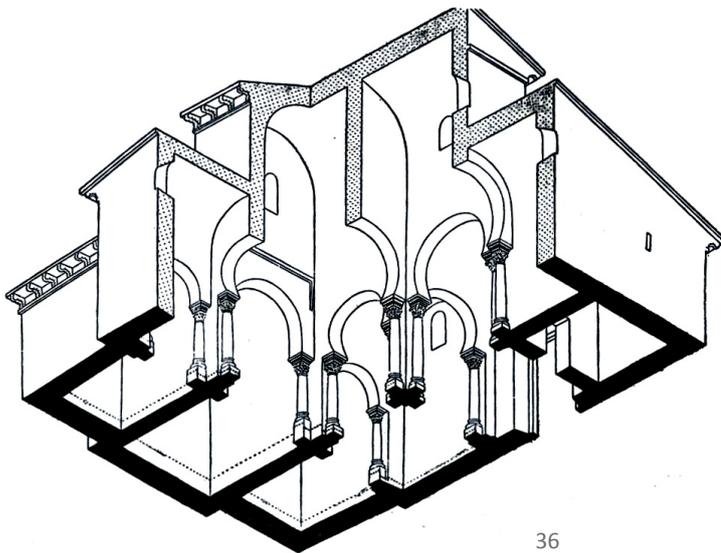
O autor baseia-se no facto de perceber que a fachada Oeste se encontrava alterada para fundamentar a sua decisão de colocar acesso ao interior da igreja a ser realizado a eixo com o altar. A característica mais interessante que observamos nesta proposta encontra-se na cobertura, uma vez que o autor propõe que esta seria significativamente diferente daquela que encontramos hoje no edifício. (fig. 35) Para Torres Campos as fachadas Este e Oeste teriam um recorte triangular, o que leva a que a cobertura da cabeceira e da zona do nártex e capelas encerradas seja conseguida através de uma cobertura de duas águas. Por outro lado a cobertura das naves laterais seria um pouco mais elevada e de uma água só, enquanto que nos dois módulos centrais, local mais elevado da igreja, voltamos a encontrar a cobertura de duas águas. As coberturas que Torres Campos defende para a igreja de Lebeña não se encontram referidas por mais nenhum autor e representam uma ideia muito interessante. Parece-nos no entanto invulgar que Torres Campos tenha mencionado que o interior do edifício teria diferentes cotas, sendo que a cabeceira seria o local mais elevado, e que essa ideia não se encontre representada nos desenhos de Juan Lázaro.⁹⁶

Gómez Moreno publica em 1919 uma das suas obras mais conceituadas *Iglesias Mozárabes. Arte español de los siglos IX a XI.*

⁹⁴ CAMPOS, R. Torres - La Iglesia de Santa María de Lebeña. 1885, p. 9.

⁹⁵ ibidem. p. 27-28.

⁹⁶ ibidem. p. 9-13 e p. 26-29.



36

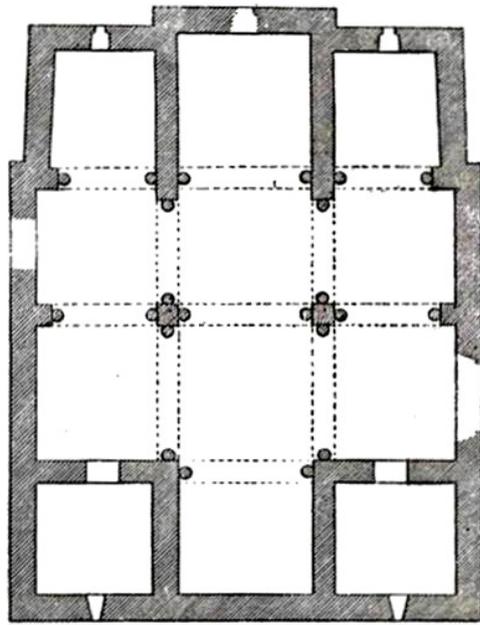
36 - Axonometria da igreja de Santa María de Lebeña - proposta de Gómez Moreno.

Neste documento o autor faz uma compilação de todas as igrejas moçárabes de que tem conhecimento, construídas entre os séculos IX e XI. É uma obra que abrange um vasto número de edifícios e uma grande área geográfica e por isso encontra-se subdividido consoante os vários reinos existentes naquela época. Dentro de cada região encontram-se referências às várias igrejas moçárabes desse local, havendo, consoante a sua importância, algumas sobre as quais o autor realizou uma maior exposição. A igreja de Santa Maria de Lebeña é um desses edifícios a que Gómez Moreno deu maior relevância e, após uma pequena referência histórica, realiza uma descrição da igreja bem como uma proposta de como pensa ter sido este edifício aquando da sua construção.

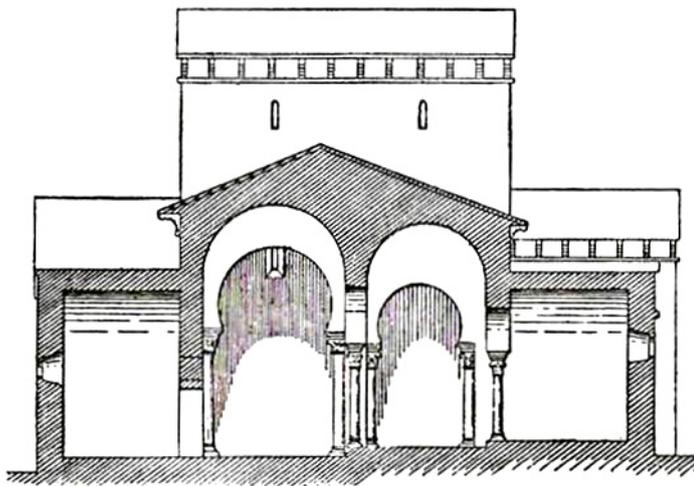
Pela leitura desta obra, e pelos desenhos que nela se encontram, percebemos que a proposta de reinterpretação de Gómez Moreno difere da de Torres Campos, exceptuando o facto de ambos retirarem os elementos resultantes dos vários restauros. No que concerne ao aspecto exterior da igreja, mais propriamente às suas coberturas, não há grandes informações que possamos referir, pois não há nenhuma imagem que represente claramente o modo como o autor pensa que o exterior possa ter sido, nem grandes referências ao longo do texto. Na realidade aquilo que percebemos, tanto pelo texto como pelas peças desenhadas, é que Gómez Moreno mantém as coberturas da cabeceira idênticas ao que podemos encontrar hoje no local, alterando as coberturas que se encontram sobre a contra-ábside e as capelas encerradas, colocando-as como se encontravam antes do restauro de 1897. (fig. 26 - p.66 e fig. 36) Assim, e pelo que conseguimos perceber pela axonometria apresentada pelo autor, a fachada Este teria um recorte triangular e consequentemente cobertura de duas águas. No que diz respeito ao interior percebemos que também este autor volta a colocar as capelas como se encontravam antes de 1580, ou seja, tripartidas. Gómez Moreno faz referência ao facto de o interior ter diferenças de cotas, mencionando ainda a separação entre espaço dedicado aos fiéis e espaço dedicado ao clero, como compreendemos pelo excerto que se segue:

“(...) un edificio totalmente cubierto con bóvedas, sobre disposición cuadrículada, reservando una mitad de su área para el clero, sin iconostasis, pero marcada con un escalón a todo lo ancho, más otros que anadían las capillas.”⁹⁷

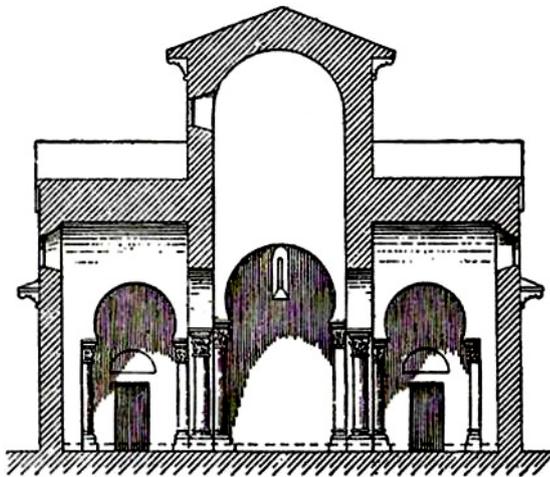
⁹⁷ MORENO, Manuel Gómez - Iglesias Mozárabes. Arte español de los siglos IX a XI. 1919, p. 271-272.



37



38



39

37 - Planta da igreja de Santa Maria de Lebeña - proposta de Gómez Moreno.

38 - Corte longitudinal da igreja de Santa Maria de Lebeña - proposta de Gómez Moreno.

39 - Corte transversal da igreja de Santa Maria de Lebeña - proposta de Gómez Moreno.

Contudo, nas peças desenhadas não é visível nenhuma diferença de cotas no interior. O acesso à igreja é aquilo que mais contrasta com a proposta de Torres Campos, uma vez que o autor de *Iglesias Mozárabes* afirma que existiriam duas entradas.

“Puertas primitivas serían, probablemente, las mismas actuales renovadas: la principal, hacia sur, con pórtico delante, fechado en 1979; la secundaria, en el lado opuesto, sirviendo para una sacristia, también moderna.”⁹⁸

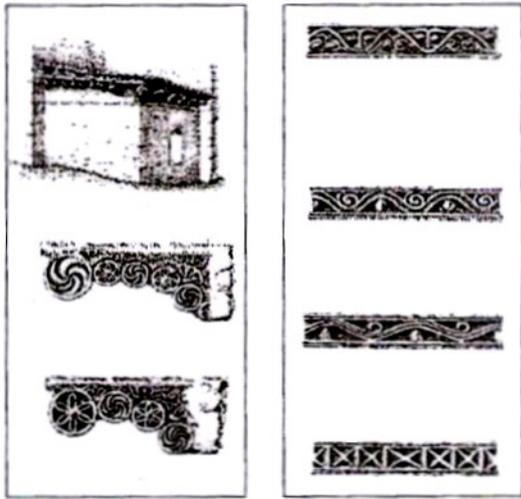
Assim, a entrada principal seria realizada pela fachada Sul e a secundária pela Norte, o mesmo local onde se encontra actualmente a entrada principal e a porta para a sacristia. (fig. 37, 38 e 39) Gómez Moreno compara esta igreja com as de Santiago de Peñalba e San Cebrián de Mazote, pois as três apresentam na sua composição formal uma contra-ábside. A existência de contra-ábsides em igrejas que tinham o intuito de receber relíquias ou restos mortais de santos ou pessoas importantes é um dos factores que levam Gómez Moreno afirmar que a porta de acesso a este edifício deveria ser originalmente na fachada Sul.⁹⁹

Percebemos que as grandes diferenças nestas propostas se encontram na cobertura e no acesso primitivo da igreja, e podemos ainda ter em consideração que nenhum dos autores expôs com clareza, nas peças desenhadas, as diferenças de cotas existentes no interior do templo. A realidade é que também nós temos uma convicção sobre a forma primitiva deste monumento, que não é igual a nenhuma das duas apresentadas mas que tem elementos de cada uma delas. A verdade é que estudámos aprofundadamente os livros destes dois autores, bem como muitos outros, e apreendemos algo diferente. Assim, temos uma ideia de como a igreja de Santa Maria de Lebeña poderá sido no século X que difere das duas enunciadas por Torres Campos e Gómez Moreno.

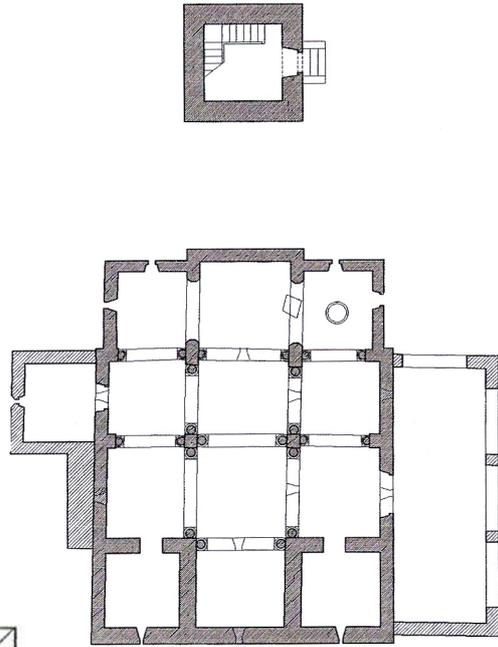
Sabemos ainda da existência de um outro estudo onde, não tendo sido realizada uma proposta de reinterpretação da igreja de Santa Maria de Lebeña, foi realizada uma análise aprofundada da composição primitiva deste monumento. Este estudo é um importante auxiliar para a nossa proposta de reinterpretação da igreja e encontra-se publicado numa monografia intitulada *Santa María de Lebeña: iglesia mozárabe del siglo X* escrita em 1998 por Enrique Campuzano Ruíz.

⁹⁸ ibidem. p. 273-274.

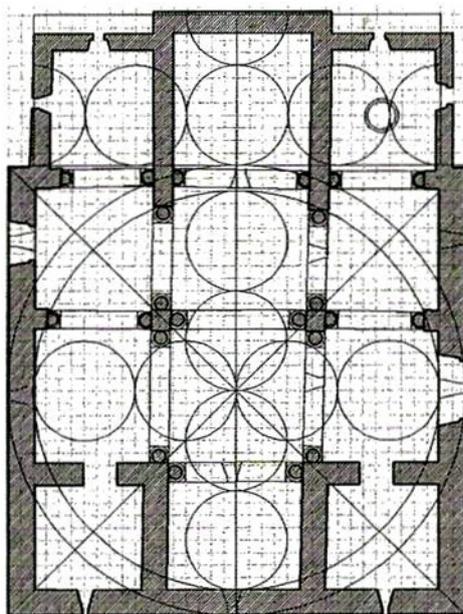
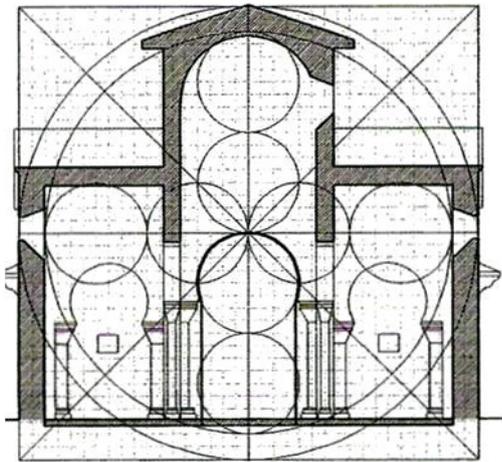
⁹⁹ ibidem. p. 270-275.



40



41



Módulo trama 33.33 cm.

42

40 - Modilhões e frisos.

41 - Planta actual da igreja -
E. Campuzano Ruiz.

42 - Planta e corte com a
métrica originária da igreja -
E. Campuzano Ruiz

Este documento, dedicado exclusivamente à igreja da aldeia de Lebeña, faz referência a toda a história deste monumento nacional, incluindo o seu contexto histórico-cultural, e à sua composição formal, detendo-se em interessantes pormenores sobre os elementos decorativos do edifício. (fig. 40) Segundo a informação que temos, fornecida pela guia do monumento, para a elaboração deste livro o autor visitou por diversas vezes a igreja de Santa María de Lebeña, realizando várias medições, não só ao edifício como também aos seus elementos decorativos. Assim, percebemos, antes mesmo de termos acesso a este documento, que as dimensões das peças que nele se encontrassem desenhadas seriam bastante fidedignas.

Para a elaboração deste estudo Campuzano Ruíz utiliza peças desenhadas muito semelhantes às de Gómez Moreno. Possivelmente o autor ter-se-á mesmo apoiado na proposta de Gómez Moreno para conseguir perceber qual a métrica utilizada para realizar a construção deste edifício. A realidade é que surgem-nos algumas dúvidas se efectivamente esta igreja terá sido construída consoante uma métrica tão rigorosa. Tendo em conta a localização geográfica e o modo rudimentar como esta arquitectura é realizada parece-nos algo peculiar que tenha havido essa preocupação construtiva. Porém, a verdade é que Campuzano Ruíz demonstra que poderá efectivamente ter existido um módulo originário, de 33.33 cm. A verdade é que para tentar descobrir a métrica primitiva da igreja o autor necessita de se fundamentar a sua forma primitiva, pois é na composição primitiva deste monumento que o autor consegue encontrar a métrica que deu origem à igreja. (fig. 41 e 42) Se tivesse como base a igreja actual poderia, devido aos elementos que hoje se encontram na igreja e que são posteriores ao século X, não conseguir encontrar essa métrica.¹⁰⁰

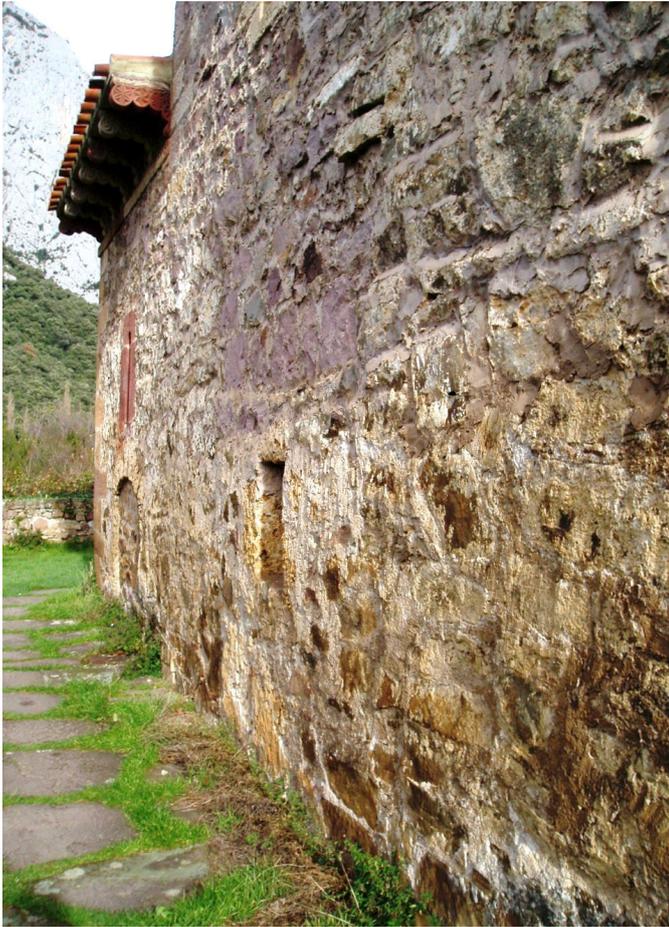
Após realizarmos toda esta pesquisa percebemos que há muitos aspectos a ter em conta. À partida há que perceber que a igreja que hoje podemos visitar em Lebeña está bastante alterada. Como referimos anteriormente, sofreu várias intervenções durante a sua vida e grande parte dos elementos que lhe foram acrescentados ainda hoje se encontram na igreja. Assim, no que concerne ao exterior, sabemos que temos de imaginar o edifício sem os volumes que se lhe encontram anexados e que não fazem parte da forma originária da igreja. Todavia é ainda

¹⁰⁰ RUIZ, Enrique Campuzano
- Santa María de Lebeña:
iglesia mozárabe del siglo X.
1998, p. 35-44.

do nosso conhecimento que o interior também foi alterado na zona da cabeceira que no século XVI deixou de ser tipicamente asturiana, tripartida, para passar a ser uma cabeceira cujas capelas se encontram todas interligadas. Assim sendo é necessário que na nossa proposta se altere essa situação, uma vez que, sendo a cabeceira original desta construção tipicamente asturiana, não fazia sentido representarmos-la como se encontra actualmente. Porém, pela nossa observação, e pelas propostas de reinterpretação que enunciámos anteriormente, percebemos que há dois aspectos nesta igreja que são imprescindíveis esclarecer: a entrada primitiva e o modo como as coberturas se encontrariam dispostas no século X. Compreendemos que esta igreja sofreu várias alterações, e que a maioria delas se encontram devidamente documentadas. Contudo, entendemos que não há grande segurança no que concerne à localização da entrada e à organização das coberturas da igreja. Assim sendo cabe-nos tentar clarificar esta situação, pois estes elementos são muito importantes para que possamos entender como era este monumento aquando da sua concepção.

Aparentemente uma entrada neste monumento sem ser a eixo com o altar principal, ou seja, na fachada ocidental, pode parecer um pouco estranha, porém a realidade é que esta era uma característica da arquitectura moçárabe.¹⁰¹ Se observarmos outras igrejas moçárabes como Santiago de Peñalba (fig. 13 - p.40), San Miguel de Escalada (fig. 6 - p.38) ou San Cebrián de Mazote (fig. 10 - p.40) percebemos que todas têm em comum a localização da entrada na igreja, que é realizada lateralmente. Directamente relacionado com esta problemática, da posição da entrada primitiva na igreja, encontra-se o espaço que temos vindo a designar de contra-ábside e a função que lhe estava destinada. Este local pode ter duas funções distintas numa igreja com esta composição: ser o nártex da igreja, ou a contra-ábside. Para este espaço ser o nártex era necessário que a entrada no edifício se situasse na fachada Oeste, como defende Torres Campos, pois o nártex é como um átrio de entrada na igreja, local de purificação, onde os cristãos tinham de se purificar antes de seguirem para o restante espaço da igreja. Todavia, para este espaço ser uma contra-ábside, a entrada na igreja teria de ser feita lateralmente. Assim, este espaço seria uma outra capela, geralmente utilizada para colocar os restos mortais ou relíquias de santos ou pessoas importantes.

¹⁰¹ ideias retiradas dos dados e conhecimentos adquiridos sobre a arquitectura moçárabe nas aulas da unidade curricular de História da Arquitectura Portuguesa I, do ano lectivo 2008/2009, leccionada pelo Professor Doutor Alexandre Alves Costa.



43

43 - Imagem da fachada Oeste de Santa Maria de Lebeña.

Efectivamente quando visitamos a igreja de Santa Maria de Lebeña apercebemo-nos que a fachada Oeste aparenta ter sido parcialmente reconstruída, contudo não há muito mais dados sobre esta situação. (fig. 43) A verdade é que algures na história deste templo, foi construído um acesso ao interior da igreja nesta fachada, acesso esse que é perfeitamente perceptível na fotografia que representa esta fachada antes do restauro de José Urioste y Velada. (fig. 26 - p.66) Assim, sabemos que existiu uma porta neste local. Contudo, esta porta pode ter sido construída no século X ou num outro período da vida do edifício em estudo. O único local em que encontramos uma afirmação explícita sobre esta entrada na fachada ocidental é, como já afirmámos anteriormente, no documento escrito por Torres Campos: *La Iglesia de Santa María de Lebeña*.¹⁰² Não havendo dados de maior sobre este assunto resta-nos reflectir na outra hipótese e verificar se seria verosímil a entrada original na igreja pela fachada Sul.

Usualmente a entrada nas igrejas é realizada a eixo com a capela-mor, contudo, há excepções. A verdade é que, como supra citámos, em Santiago de Peñalba, San Miguel de Escalada ou San Cebrián de Mazote, algumas das mais conhecidas igrejas moçárabes, entramos na igreja lateralmente, e não a eixo. Porém, podemos ainda enveredar por um outro caminho, o da comparação da igreja de Santa Maria de Lebeña com outra igreja do mesmo período e cuja função fosse a mesma, uma vez que o monumento que nos encontramos a estudar foi mandado erguer com o intuito de receber as relíquias e o corpo de Santo Toríbio, o que leva a que esta igreja possa ter algumas características diferentes de igrejas que não tinham esta pretensão.

A igreja de Santiago de Peñalba, construída no século X, é o exemplar da arquitectura moçárabe que melhor se adequa a estas condições. Ambas as igrejas foram construídas no século X, Santa Maria de Lebeña data de 925 e Santiago de Peñalba de 916, e ambas terão sido mandadas erguer para receberem relíquias e/ou restos mortais de santos ou pessoas importantes. A igreja de Santa Maria de Lebeña, foi mandada construir pelos condes Alfonso e Justa, com o intuito de nela serem colocadas as relíquias e restos mortais de Santo Toríbio, que se encontravam na posse dos monges de San Martin de Liébana, em Potes, como enunciámos anteriormente. Já a igreja de Santiago de Peñalba, mandada construir pelo monge

¹⁰² CAMPOS, R. Torres - *La Iglesia de Santa María de Lebeña*. 1885, p. 9.

Genádio, deveria receber as relíquias de Santiago e São Martinho. Todavia acaba também por ser sepultado nesta igreja o corpo do próprio Genádio, que morreu antes que a igreja estivesse concluída. Assim, ao observarmos as plantas das duas igrejas, percebemos que há um elemento que é constante em ambas: o espaço, aberto para o corpo da igreja, que se encontra junto às fachadas ocidentais das duas construções. Segundo Gómez Moreno a sua presença devia-se a razões litúrgicas, uma vez que este espaço serviria para conter os sepulcros de pessoas veneráveis.¹⁰³ Comparando as igrejas de Santa Maria de Lebeña e Santiago de Peñalba, esta ideia defendida por Gómez Moreno parece bastante plausível, já que, além dos elementos decorativos, este elemento da contra-ábside e a consequente entrada lateral na igreja, acabam por ser o que há em comum nestes dois edifícios. Assim, faz todo o sentido que em Santiago de Peñalba o espaço da contra-ábside tenha recebido o sepulcro de Genádio e as relíquias de Santiago e São Martinho. Já em Santa Maria de Lebeña este seria o local onde era suposto que tivessem sido colocadas as relíquias e o corpo de Santo Toríbio.

Assim, e por uma dedução lógica, torna-se exequível afirmar que a entrada da igreja de Santa Maria de Lebeña pode ter sido primitivamente na fachada Sul, havendo mais dados a confirmar esta localização do que aquela que Torres Campos propõe, a Oeste. Portanto podemos também considerar que esta igreja possui uma contra-ábside que, no caso deste edifício pode não ter servido o propósito que deveria servir, pois o corpo e as relíquias de Santo Toríbio acabaram por nunca ser depositadas neste local. A contra-ábside fazia parte do projecto inicial da igreja e por isso mesmo não deixou de ser construída, apesar de ter acabado por não ter a utilidade que inicialmente se tinha pensado que viesse a ter.

Após clarificarmos o modo como se processaria a entrada primitiva na igreja resta-nos tentar perceber de que forma se encontrariam dispostas as suas coberturas no século X. Sabemos que a cobertura que encontramos actualmente neste edifício resulta do restauro da autoria de José Urioste y Velada, em 1897. Neste mesmo ano o arquitecto publica o seu livro, *Restauración de la iglesia de Santa María de Lebeña: notas para la historia de este monumento nacional*, no qual ficamos a perceber, não só pelas imagens como por aquilo que nele se encontra escrito, que o arquitecto altera a cobertura existente junto às fachadas Este

¹⁰³ MORENO, Manuel Gómez - Iglesias Mozárabes. Arte español de los siglos IX a XI. 1919, p. 224-231. e p. 267-275.

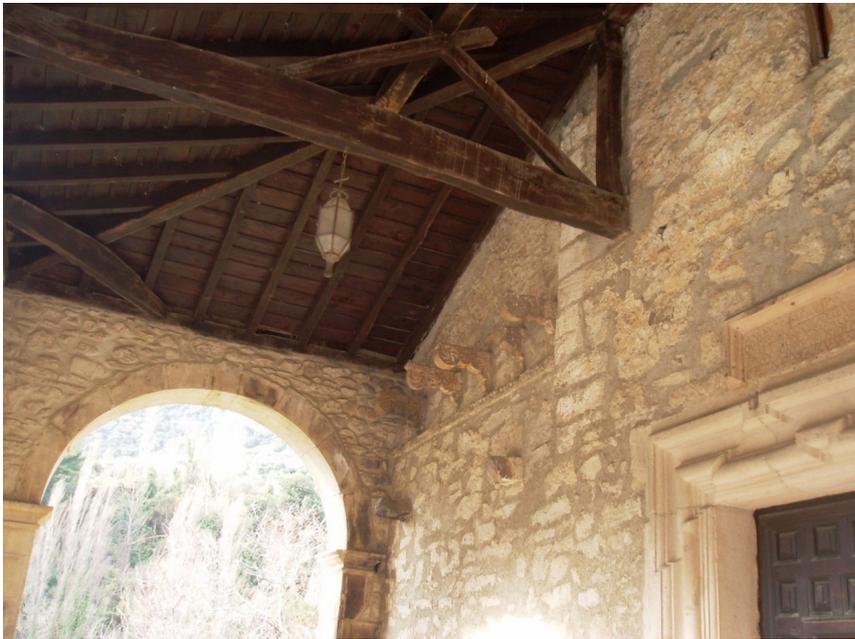


44

44 - Vista exterior da igreja de Santa Maria de Lebeña.

e Oeste. A construção do campanário no início do século XIX, sobre a ábside principal, vai modificar a fachada Este, que, após a remoção da torre, acaba por necessitar de uma maior intervenção. Já a fachada Oeste acaba por ser também intervencionada por se encontrar bastante degradada, sendo que o resultado final desta operação leva a que esta fachada fique muito semelhante à fachada oriental. José Urioste y Velada opta assim por reconstruir a cobertura nestes dois pontos, e, apesar de não a modificar na sua totalidade, acaba por alterar significativamente o modo como hoje apreendemos este edifício.

Quando nos deslocamos à aldeia de Lebeña, e observamos a igreja de Santa Maria, não nos surgem dúvidas em relação ao modo como as coberturas se encontram dispostas. Na realidade apercebemo-nos mesmo que todo o edifício se encontra em harmonia, e que parte dessa harmonia é conseguida devido ao modo como as coberturas se encontram. (fig. 44) Todavia, foi precisamente esta concordância, entre todos os elementos da igreja que observamos actualmente em Lebeña, que nos levou a perceber que algo poderia não se encontrar muito correcto. A realidade é que esta construção é, como já referimos, resultado de uma evolução, e tem na sua composição actual elementos que sabemos terem sido construídos muito depois da concepção da igreja. Assim, se pensarmos neste monumento sem alguns dos seus acrescentos, como a arcaria a Sul, ou a sacristia adossada a Norte, percebemos que as coberturas deixam de fazer tanto sentido. Como explicámos anteriormente, o arquitecto José Urioste y Velada preocupou-se essencialmente em consolidar a estrutura da igreja e em garantir que neste edifício continuassem a ser realizadas celebrações religiosas. Assim, percebemos que para ele não importava perceber a forma como as coberturas se deveriam encontrar no século X e sim de que modo é que elas se deveriam encontrar, em 1897, para garantir não só a funcionalidade do edifício como também a sua conservação. Talvez tenha sido esta a razão que o levou a não realizar mais alterações nas coberturas e até a não ter grande consideração pelos modilhões e parte de friso que podemos observar no interior do pórtico adossado em 1794. Estes dois elementos com que nos deparamos no exterior do templo fazem-nos pôr em causa o modo como as coberturas da igreja se encontram actualmente, levando-nos a considerar que a



45

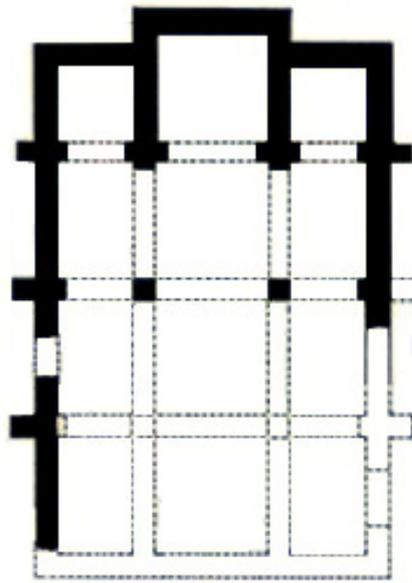
45 - Pormenor dos modilhões e do friso existentes no interior do pórtico.

cobertura que lá se encontrava no século X seria significativamente diferente daquela que visualizamos hoje. (fig. 45) É do nosso conhecimento que os modilhões e o friso percorriam todo o perímetro exterior da igreja e que, exceptuando as fachadas Este e Oeste, acompanhavam sempre o beiral da cobertura, logo, não faz sentido observarmos estes elementos no interior do pórtico, sem qualquer relação com a cobertura da igreja de Lebeña.

Compreendemos que as coberturas que encontramos hoje na igreja de Santa Maria Lebeña podem não representar as suas coberturas originárias o que faz com que estas sejam um elemento de grande importância para a realização da nossa proposta de reinterpretação. Percebemos que, à semelhança do que aconteceu com a problemática da entrada primitiva na igreja, temos de procurar nos edifícios do século X os princípios que, a par com a existência dos modilhões e do friso no interior do pórtico de 1794, nos permitam perceber como terá sido a disposição primitiva das coberturas deste monumento. Assim, vamos mais uma vez ter que ter em consideração outros edifícios representativos da arquitectura moçárabe.

Para compreendermos qual a composição originária das coberturas da igreja de Lebeña, devemos fundamentar-nos em outras igrejas moçárabes do mesmo período e com uma tipologia semelhante à da igreja em estudo. Sabemos que a igreja de Santa Maria de Lebeña é um monumento muito peculiar e que não existe nenhum outro igual a ela, o que poderá dificultar a nossa pretensão. Contudo podemos basear-nos não apenas em um mas em mais edifícios para tentar solucionar esta problemática.

No que concerne à composição interior a igreja moçárabe que mais se assemelha com a igreja de Lebeña é a de Santa Maria de Wamba, que se situa perto de Valhadolide. (fig. 46) Esta igreja, construída no século X, encontra-se também subdividida em doze quadriculas, apresenta uma cabeceira tripartida e entrada lateral. O que mais diferencia estas duas igrejas é o facto de uma possuir contra-ábside e a outra não. No que diz respeito às alturas há também algumas diferenças entre as duas igrejas, uma vez que em Lebeña são dois os módulos mais elevados, e em Santa Maria de Wamba apenas o módulo do cruzeiro se encontra mais elevado. (fig. 47) Porém, esta situação pode estar relacionada com o facto de na igreja de Lebeña estarmos, possivelmente, perante uma



46



47

46 - Planta da igreja de Santa Maria de Wamba.

47 - Vista exterior da igreja de Santa Maria de Wamba.

planta de dupla cruz grega, e portanto podemos considerar que o cruzeiro pode não se encontrar contido apenas num módulo mas em dois, os que se encontram mais elevados. Em Santa Maria de Wamba estamos perante uma igreja com corte basilical, em que a nave principal, com cobertura de duas águas, se encontra mais elevada que as naves laterais, com uma pendente única. A cabeceira apresenta-se escalonada, sendo a capela-mor mais elevada que as co-laterais, e portanto as coberturas de cada um destes elementos são independentes, tendo todas uma só inclinação.¹⁰⁴

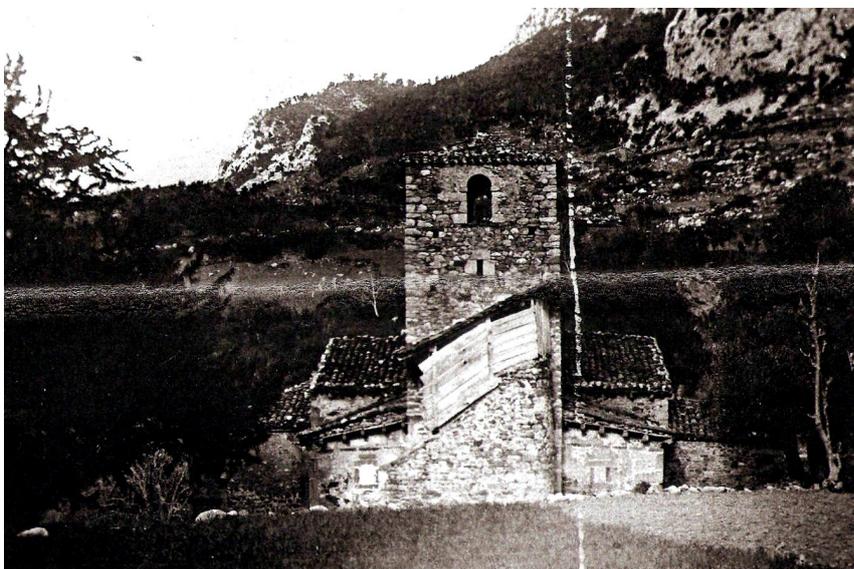
Há no entanto um elemento essencial, a contra-ábside, que a igreja de Santa Maria de Wamba não possui e que, com as características que se encontram em Lebeña, não encontramos em outros monumentos moçárabes. A verdade é que podemos enumerar várias igrejas moçárabes que possuem contra-ábside, como por exemplo a de Santiago de Peñalba ou a de San Cebrián de Mazote. Contudo, em nenhuma igreja encontramos a contra-ábside entre capelas encerradas, como acontece em Santa Maria de Lebeña. A realidade é que se observarmos igrejas asturianas, como San Adrian de Tuñon, San Salvador de Priesca ou mesmo Sal Salvador de Valdedios percebemos que esta composição é mais comum na arquitectura asturiana, no entanto, nestes edifícios não existe contra-ábside mas sim nártex, pois a entrada nas igrejas é realizada através do alçado Oeste. Assim sendo, não temos nenhum edifício do século X que nos auxilie a compreender ao certo o modo como a cobertura do conjunto, contra-ábside e capelas encerradas, terá sido aquando da concepção da igreja, pois seria contraproducente estarmos a fundamentar-nos em qualquer um dos edifícios deste período.

A originalidade desta igreja leva a que sejamos obrigados a fundamentarmo-nos nos registos bibliográficos existentes sobre este monumento espanhol. A realidade é que, como referimos anteriormente, há opiniões divergentes no que concerne às coberturas da igreja de Lebeña. Se visualizarmos as fotografias, que demonstram como a igreja se encontrava antes do restauro de 1897, que se encontram no livro da autoria do arquitecto José Urioste y Velada, percebemos que estas duas fachadas podem ter sido bem distintas, ao contrário do que acontece hoje. (fig. 48, 49, 50 e 51) A fachada ocidental apresentava um recorte triangular. Assim o conjunto, contra-ábside e capelas, encontrava-se coberto

¹⁰⁴ MORENO, Manuel Gómez - Iglesias Mozárabes. Arte español de los siglos IX a XI. 1919, p. 193-202.



48



49

48 - Vista Sul da igreja - imagem anterior ao restauro de 1897.

49 - Vista Este da igreja - imagem anterior ao restauro de 1897.

por um telhado de duas águas, já a fachada oriental estava, como referimos anteriormente, muito degradada devido não só ao campanário mas também às escadas, de acesso ao campanário, que se encontravam adossadas a esta fachada. Esta situação leva a que não seja perceptível o modo como se apresentava a cobertura da ábside principal, ao invés do que acontece com a cobertura das ábsides co-laterais, que apesar de se encontrarem muito degradadas apresentavam uma pendente única. Um outro aspecto que captou a nossa atenção foi a existência de elementos que aparentam ser modilhões, junto ao beiral da cobertura, nos topos Este e Oeste dos volumes correspondentes às naves laterais, bem como no alçado Sul. Se por um lado na primeira situação estes elementos se encontram exactamente onde se situa o beiral da cobertura, por outro na fachada Sul parecem não ter grande relação com a cobertura. Aparentam ter sido colocados sem qualquer regra e cuidado.

Por tudo isto julgamos que a cobertura da igreja de Santa Maria de Lebeña possa ter sido significativamente diferente daquela que visualizamos hoje. O arquitecto Urioste y Velada optou por alterar expressivamente a cobertura em alguns locais, como acontece na cobertura do conjunto contra-ábside e capelas encerradas. No entanto, noutras situações, como nas coberturas que se encontram sobre as naves laterais, decidiu não fazer qualquer alteração. Cremos que as coberturas que se encontram sobre a cabeceira possam ter sido, no século X, muito semelhantes a como se encontram hoje. A capela-mor, mais elevada, seria coberta por um telhado de duas águas e as capelas co-laterais teriam uma pendente só, à semelhança do que se visualiza nas imagens anteriores ao restauro de Urioste y Velada. Contudo, pensamos que, no século X, as restantes coberturas do edificio eram diferentes daquelas que hoje podemos observar em Lebeña.

Uma das principais diferenças que pensamos existir entre as coberturas da igreja actual e da igreja que existia em Lebeña no século X situa-se na zona da contra-ábside e capelas encerradas. Aquando do restauro de 1897 a cobertura existente neste local foi significativamente alterada, tendo em conta as fotografias existentes anteriores ao restauro, e parece-nos que esta alteração foi um pouco extrema. Como já enunciámos, existia neste local uma cobertura de duas águas que dava origem a uma fachada de recorte triangular



50



51

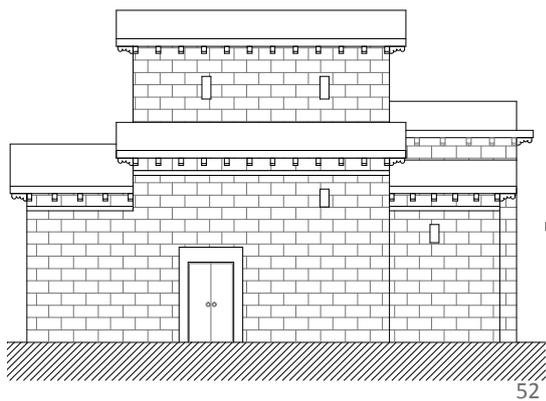
50 - Vista Oeste da igreja - imagem anterior ao restauro de 1897.

51 - Vista da igreja - imagem anterior ao restauro de 1897.

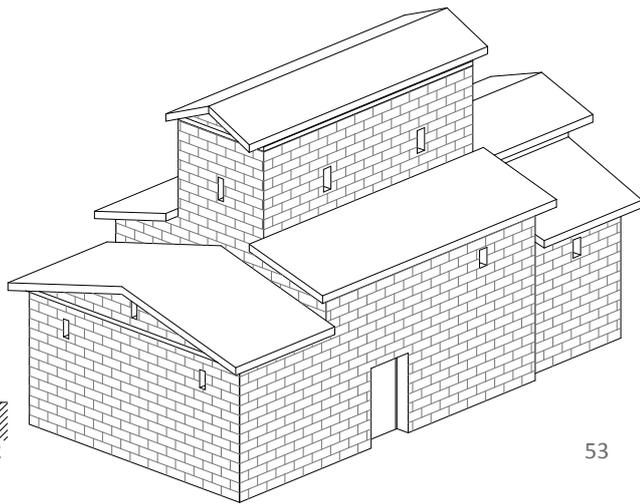
e Urioste y Velada alterou essa situação, dividindo esta fachada em três partes distintas. A parte central, correspondente à contra-ábside apresenta-se mais elevada e com cobertura de duas águas, a capela encerrada a Sul encontra-se coberta por uma pendente única enquanto que a capela encerrada voltada a Norte possui cobertura de duas águas. Esta opção do arquitecto poderia ser justificada pelo facto de este local não ser um simples nártex, e sim um espaço que teria um papel muito importante em todo o conjunto da igreja, pois era lá que deveria ser sepultado o corpo e as relíquias de Santo Toríbio. Se pensarmos nesta situação faz sentido que este espaço, e que o alçado do seu exterior, tenha sido tratado com tanto cuidado e importância como o alçado da cabeceira. Contudo, mesmo pensando deste modo a cobertura apresenta certas incongruências, como podemos observar nas coberturas das capelas encerradas, que são tratadas de modo diferente, não fazendo sentido quando observamos todo o conjunto da igreja. (fig. 19 - p.54) A realidade é que no que respeita a esta situação não podemos comparar a igreja de Lebeña a outro edifício do século X, pois como já referimos este edifício representa um caso único. De facto a cobertura que se encontra actualmente na igreja, sobre este conjunto, contra-ábside e capelas encerradas, é um pouco atípica, pelo que fará mais sentido que a cobertura da igreja tenha sido primitivamente muito semelhante à cobertura que podíamos visualizar no edifício antes do restauro de 1897. A verdade é que, pensando na composição que esta igreja teria no século X, faz mais sentido imaginarmos esta cobertura como sendo conseguida através de duas águas, dando origem a um recorte triangular, do que dividi-la em três partes, cada uma com sua cobertura.

As restantes coberturas da igreja levantaram-nos também algumas questões, levando-nos mesmo a ponderar duas hipóteses possíveis para a sua disposição. Julgamos que as coberturas da cabeceira e as do conjunto contra-ábside e capelas encerradas terão sido como acabámos de enunciar. No entanto, quanto ao resto da igreja pensamos que podem existir duas possibilidades, ambas plausíveis e fundamentadas.

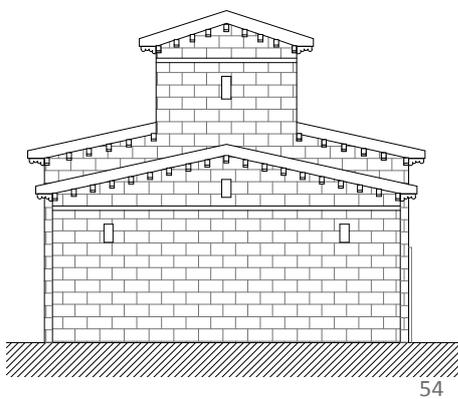
Numa primeira hipótese temos como base o facto de existirem modilhões e parte do friso no interior da arcaria adossada à fachada Sul. Estes elementos dão-nos convicção para defendermos que a cobertura desta igreja poderia ter dado origem a um corte basilical. (fig. 52, 53, 54, 55 e Anexo 3) Ou seja, a nave central, ou os dois



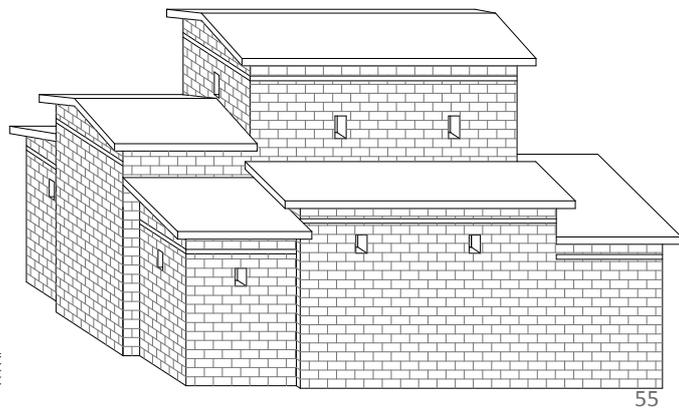
52



53



54



55



56



57

52 - Alçado Sul - primeira proposta (escala 1/250).

53 - Axonometria, vista de Sudoeste - primeira proposta (escala 1/250).

54 - Alçado Oeste - primeira proposta (escala 1/250).

55 - Axonometria, vista de Nordeste - primeira proposta (escala 1/250).

56 - Imagem, vista de Sudeste - primeira proposta.

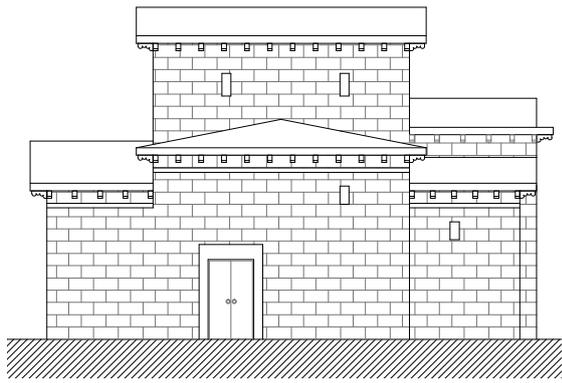
57 - Imagem, vista de Noroeste - primeira proposta.

módulos correspondentes ao cruzeiro, estaria mais elevada que as laterais e teria uma cobertura de duas águas, enquanto que as naves laterais teriam uma pendente só, cujo beiral se encontraria, na fachada Sul, imediatamente acima dos modilhões e do friso que referimos anteriormente. Assim, a cobertura da igreja seria mais harmoniosa e fluida do que se encontra actualmente. (fig. 56 e 57)

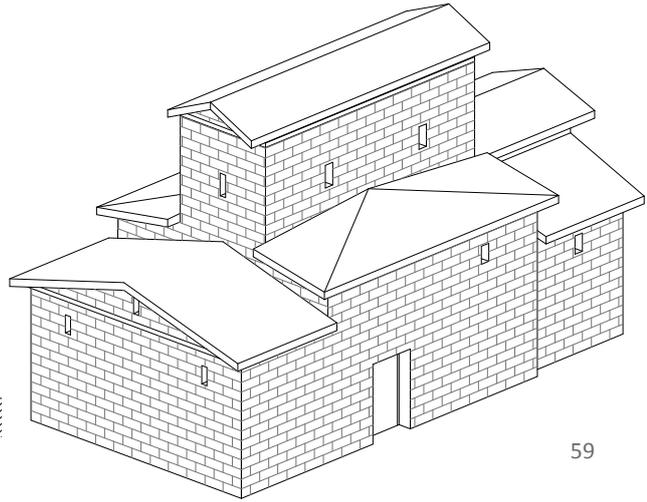
A segunda hipótese baseia-se não só nesses modilhões e friso existentes na fachada Sul, mas também nas fotografias da igreja, antes do restauro, e na observação de outras igrejas moçárabes. O friso e os modilhões levam-nos, como já enunciámos, a perceber que a cobertura das naves laterais deveria ter o seu beiral junto a estes elementos. No entanto, é perceptível, quando observamos as fotografias anteriores ao restauro de Urioste y Velada, que existiam eventuais modilhões e friso também nos alçados Este e Oeste das naves laterais. Estes elementos podem ser posteriores à concepção da igreja, mas podiam também já existir nessa altura. Assim, poderíamos, no século X, ter sobre as naves laterais uma cobertura de três águas. (fig. 58, 59, 60, 61 e Anexo 4) A apoiar esta ideia encontram-se as coberturas de outras igrejas moçárabes, como a de San Cebrián de Mazote (fig. 12 - p. 40) ou a de Santiago de Peñalba. (fig. 14 - p.40) Já as coberturas dos dois módulos mais elevados da igreja seriam conseguidas através de duas águas. (fig. 62 e 63)

Após esta análise pormenorizada dos vários elementos que compõem a igreja de Santa Maria de Lebeña pareceu-nos que seria possível passarmos à fase seguinte: a elaboração dos desenhos da planta, cortes e alçados que representassem as nossas duas propostas desta igreja no século X. Porém, antes que começássemos a realizar estes elementos houve um aspecto que prendeu a nossa atenção, o facto de não encontrarmos, em elementos bibliográficos, uma planta de implantação deste edifício. Na realidade deve existir um mapa militar da região, certamente a uma escala muito afastada da real. Contudo, não encontramos uma planta mais pormenorizada deste edifício em que aparecesse a igreja associada à sua envolvente próxima, usualmente o edifício é representado isoladamente, ou então aparece em conjunto com a torre sineira, como acontece na obra de Campuzano Ruíz.¹⁰⁵ (fig. 41 - p.112) Assim, pareceu-nos interessante tentar realizar uma planta de implantação deste edifício, em que mostrássemos não só a relação do edifício com a envolvente próxima, como também com a aldeia de Lebeña, da

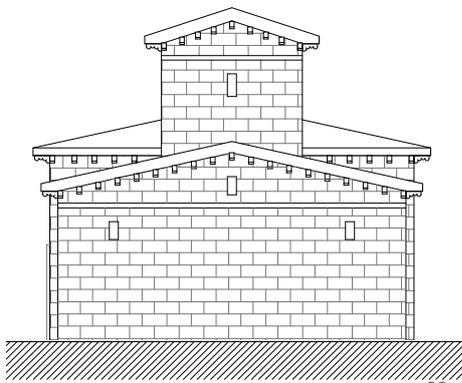
¹⁰⁵ ibidem. p. 44.



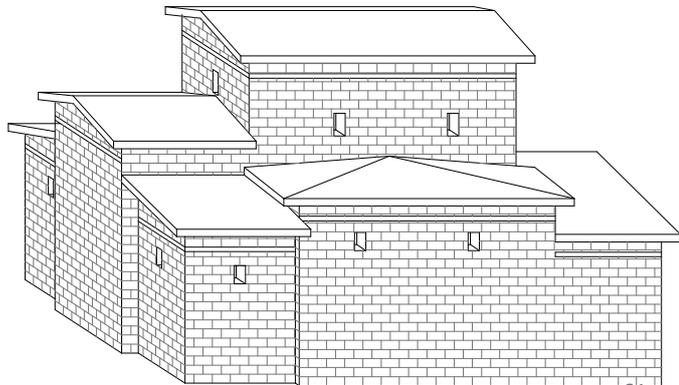
58



59



60



61



62



63

58 - Alçado Sul - segunda proposta.

59 - Alçado Oeste - segunda proposta.

60 - Axonometria, vista de Sudoeste - segunda proposta.

61 - Axonometria, vista de Nordeste - segunda proposta.

62 - Imagem, vista de Sudeste - segunda proposta.

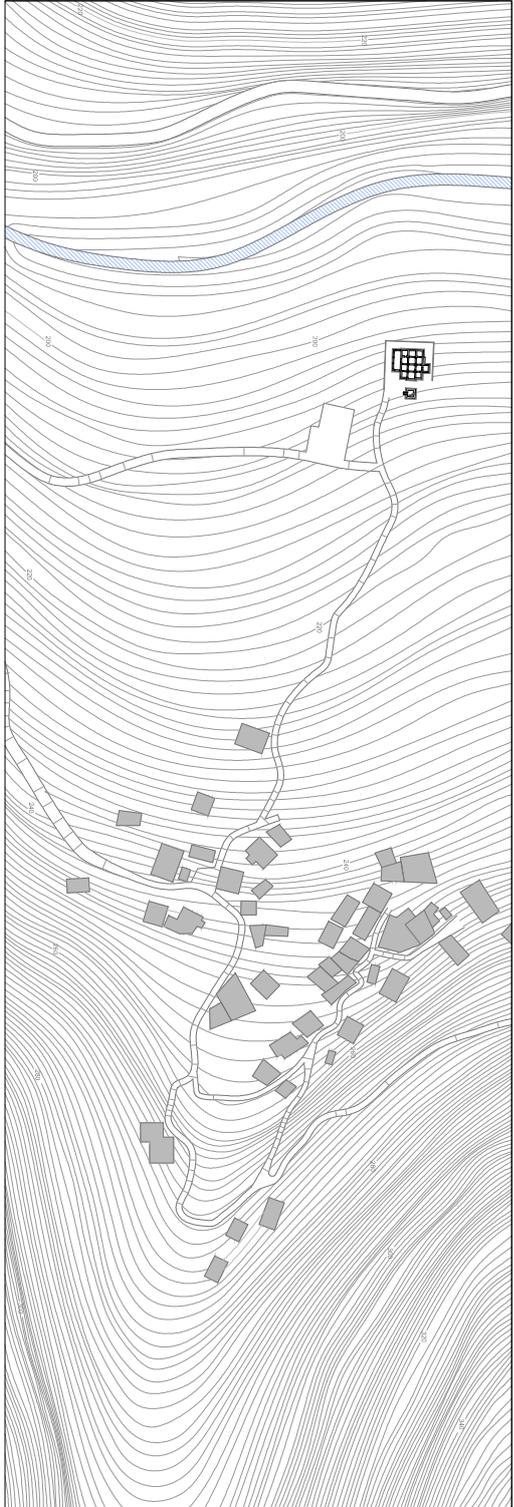
63 - Imagem, vista de Noroeste - segunda proposta.

qual a igreja se encontra um pouco afastada. Julgamos que seria pertinente realizar esta planta de implantação tanto para o edifício como se encontra actualmente como para as nossas propostas de como ele seria no século X, pois assim conseguimos perceber a sua relação com o espaço que a rodeia. (fig. 64, 65 e Anexo 2)

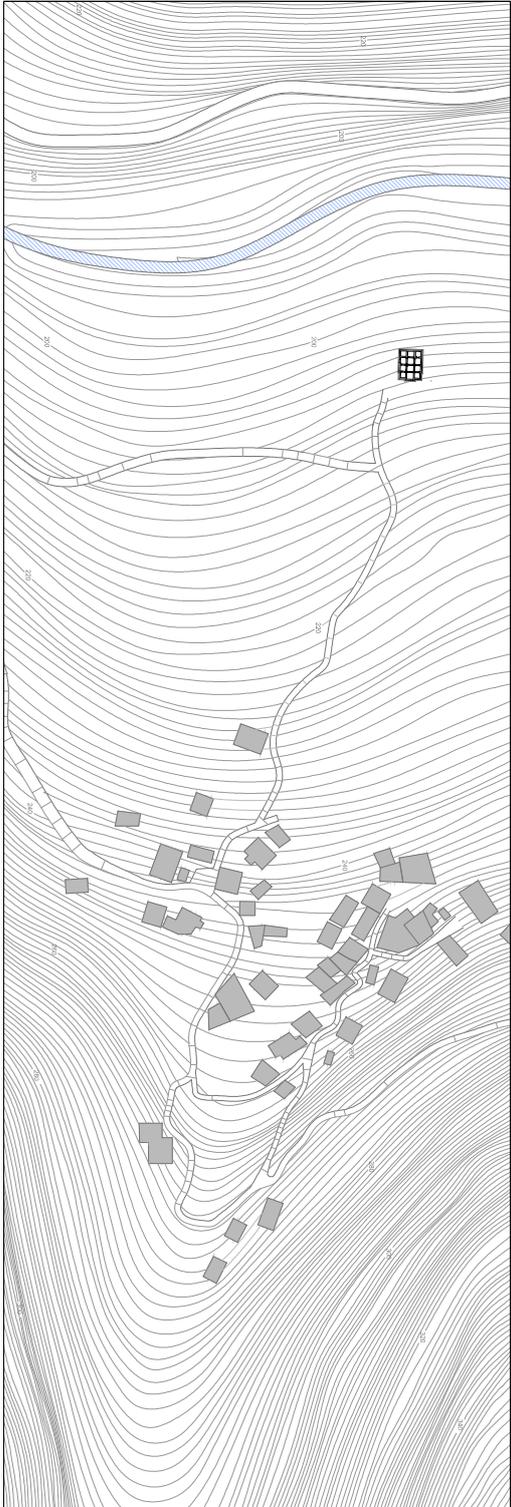
Seguidamente dedicámo-nos ao desenho da planta da igreja de Lebeña,¹⁰⁶ e dos cortes e alçados necessários para demonstrar qual a composição que pensamos que este edifício tinha aquando da sua concepção. Assim, apresentamos uma igreja que, como já enunciámos, não contém nenhum dos elementos resultantes das suas várias intervenções. Este monumento seria constituído por uma cabeceira tipicamente asturiana, tripartida, tendo a capela-mor uma maior dimensão e altura que as capelas co-laterais. A separação entre a cabeceira e o corpo principal da igreja seria realizada por três aberturas encimadas por arcos ultrapassados. O corpo principal compreenderia três naves, a principal mais larga e elevada que as laterais, que se encontravam separadas por pilares cruciformes, inspirados nas clássicas colunas coríntias, que suportavam arcos ultrapassados. A contra-ábside teria um pé direito menor que a capela-mor e a passagem para a nave principal seria conseguida através de um arco ultrapassado. As capelas encerradas teriam aberturas mais pequenas que as capelas co-laterais que compõem a cabeceira da igreja, e teriam mesmo uma porta a fazer a separação com o espaço das naves, ao contrário do que acontece nas capelas co-laterais. O acesso ao interior deste monumento seria conseguido lateralmente, uma vez que a porta se situaria na fachada Sul. O exterior seria escalonado, fazendo um jogo com diferentes alturas. A cabeceira seria também escalonada, com a ábside principal mais elevada que as co-laterais e com cobertura em duas águas, ao contrário do que acontece com a cobertura das ábsides co-laterais que têm uma só inclinação. O conjunto contra-ábside e capelas encerradas teria uma cobertura de duas águas. Já as coberturas das naves laterais poderiam apresentar uma das duas formas distintas que enunciámos anteriormente. (fig. 66, 67 e Anexos 3 e 4)

¹⁰⁶ A verdade é que realizamos duas propostas de reinterpretação desta igreja. Contudo, as propostas só diferem nas coberturas, não havendo necessidade de repetir os elementos que, como a planta, são iguais nas duas propostas.

Pareceu-nos ainda pertinente que, nas nossas propostas de reinterpretação da igreja de Santa Maria de Lebeña, não constassem unicamente elementos desenhados em duas dimensões e portanto realizámos também axonometrias e



64

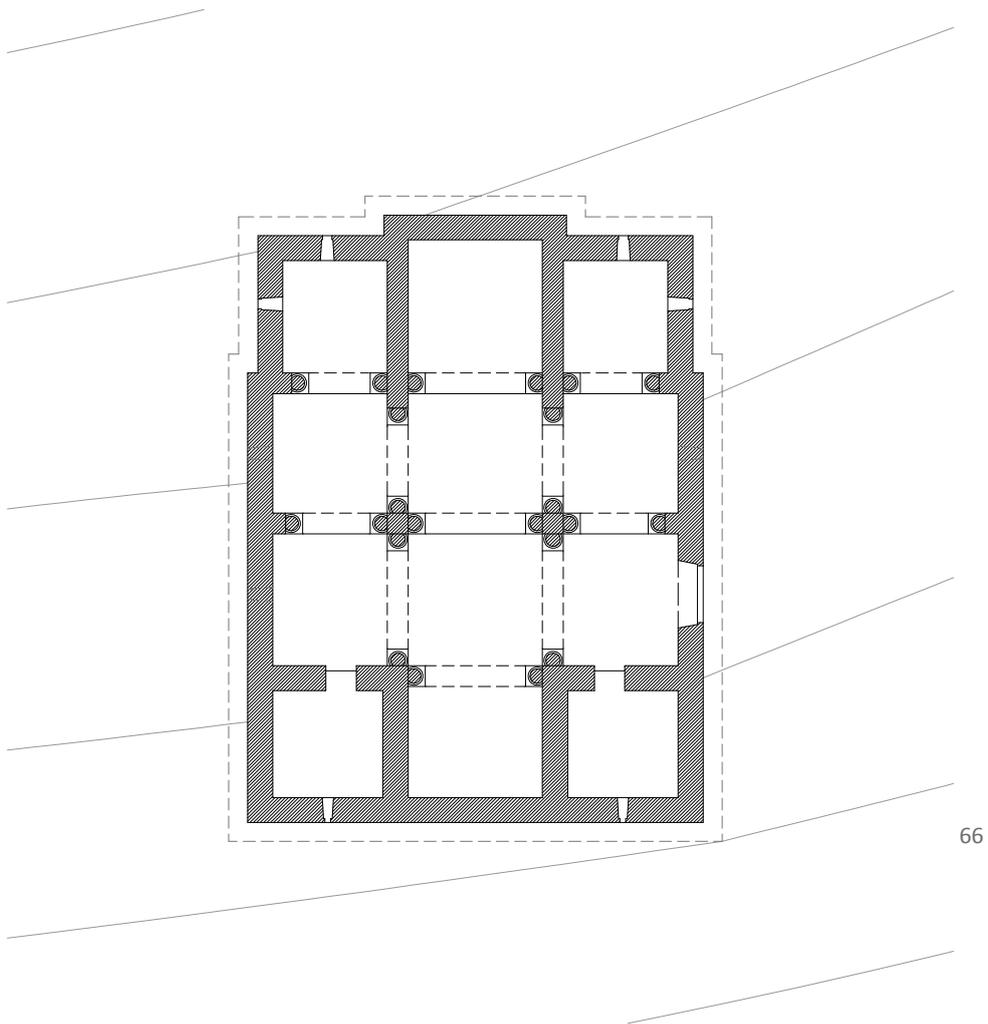


65

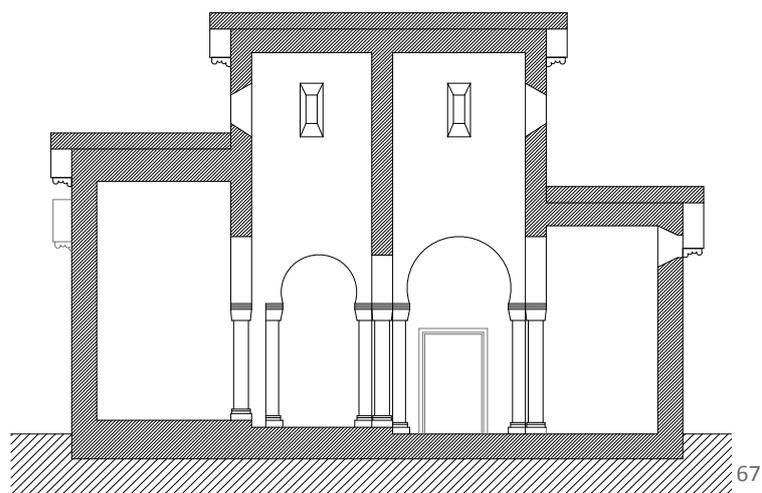
64 - Planta de Implantação actual.
65 - Planta de Implantação da proposta.

imagens da igreja de modo a demonstrar melhor as nossas propostas.

Como referimos anteriormente, sabemos que a igreja que hoje podemos visitar em Lebeña é um local de culto, que continua a funcionar como tal. E que realizar as propostas que projectámos seria algo que iria alterar a funcionalidade do edifício. Pareceu-nos contudo importante que se percebesse como pode ter sido a forma inicial deste monumento nacional espanhol, e qual a evolução que sofreu até chegar à sua composição actual.



66



67

66 - Planta - proposta - escala 1/200.

67 - Corte longitudinal com vista para a entrada - proposta - escala 1/200.

CONCLUSÃO

No decorrer da execução deste projecto houve sempre um objectivo que conduziu toda a investigação, a procura de elementos que nos permitissem perceber qual terá sido a composição originária da igreja de Santa Maria de Lebeña. Com o intuito de encontrar uma resposta para a resolução desta problemática necessitámos de compreender as condições que deram origem à construção deste edifício e todo o percurso que ele sofreu.

Este edifício, construído no século X, foi mandado erguer pelos condes de Lebeña, D. Alfonso e a sua esposa Justa, para que nela fossem colocadas as relíquias e o corpo de Santo Toríbio. Pertence a um período muito peculiar da história da Península Ibérica, a fase da Reconquista Cristã, em que os povos cristãos do Norte tentavam recuperar o domínio das áreas conquistadas pelos muçulmanos. É um exemplar de uma arquitectura muito própria, a arquitectura moçárabe, em que há pouca unidade estilística e falta de mão de obra qualificada, é construída recorrendo a poucos recursos e a técnicas rudimentares, que se inspiram na arte e decoração que era realizada em território islâmico.

Este monumento nacional espanhol tem uma existência que conta com mais de mil anos e ainda hoje se encontra em bom estado de conservação. Para isto muito contribuíram os vários reformas e restauros executados à igreja. Sabe-se que a igreja sofreu cinco importantes intervenções. A primeira aconteceu em 1580 e alterou essencialmente o modo como se encontrava a cabeceira da igreja. Este elemento até então tripartido, não existindo relação visual entre a capela-mor e as capelas co-laterais, passa a ter as suas capelas todas ligadas, pois as paredes que as separavam foram removidas nesta intervenção, e no seu lugar ergueram-se arcos ultrapassados. A reforma seguinte ocorreu em 1794 e vai alterar essencialmente a composição exterior da igreja. É nesta altura que são adicionados ao templo a arcaria, que marca o acesso para o interior do edifício, a nova sacristia e, no interior, o coro alto, sobre a contra-ábside. Seguidamente, sabe-se que em 1830 a igreja é dotada de uma torre sineira que na intervenção seguinte, em 1897, acaba por ser removida e construída noutra local. Na intervenção de 1897 foi ainda removido definitivamente o coro alto e foi reformada parte da cobertura da igreja. O último restauro conhecido foi executado em 1997 e teve o intuito de conservar a igreja e de averiguar se a estrutura se encontrava estável, não alterando a composição formal da igreja de Santa Maria de Lebeña.

Todas estas intervenções foram muito importantes para compreendermos a evolução do edifício até aos dias de hoje. Contudo, o restauro de 1897 pareceu-nos o mais interessante, pois as opções tomadas pelo arquitecto que o projectou, José Urioste y Velada, são bem visíveis no edifício que hoje podemos visitar em Lebeña, e alteraram o modo como hoje apreendemos a igreja. O arquitecto podia ter restaurado este edifício de dois modos distintos: optando por retirar todos os elementos que não fazem parte da forma originária da igreja, recuperando assim a forma primitiva do edifício; ou mantendo os elementos necessários para garantir formal e estruturalmente a funcionalidade do edifício. O arquitecto decidiu-se pela segunda situação. Manteve a igreja como ela se encontrava, removendo apenas o coro alto e o campanário, consolidando a estrutura e a forma do edifício e permitindo que nele se continuassem a realizar cerimónias religiosas.

No caso de ter optado pela primeira solução o edifício teria possivelmente de deixar de funcionar como local de culto, pois poderia haver dificuldade em garantir as condições necessárias para que tal acontecesse. Nessa situação deixaria de ter a funcionalidade que sempre teve, e ainda hoje tem. A realidade é que hoje um restauro dessa magnitude não seria tão maligno como em 1897. A mentalidade das pessoas é diferente e o edifício poderia até funcionar única e exclusivamente como um museu, sem que fosse deixado ao abandono. Contudo, a opção do arquitecto no final do século XIX foi a mais acertada, pois naquela época esta resolução de transformar a igreja num museu da arquitectura moçárabe não seria certamente vista com bons olhos. Após nos termos dedicado a estudar esta situação percebemos que hoje já não era viável executar tamanha alteração na igreja. Pois este edifício tem a sua história, apresenta-a tanto no seu interior como no exterior, e não deve ocultá-la ou disfarçá-la.

Por tudo o que enunciámos concluímos que seria interessante demonstrarmos a nossa posição relativamente à forma primitiva da igreja de Santa Maria de Lebeña, realizando para isso duas propostas de reinterpretação da mesma. Pela comparação com outros edifícios do mesmo período, pela observação das imagens que recolhemos de obras de vários autores e pelos conhecimentos que adquirimos chegámos a duas conclusões de como julgamos que este edifício terá sido no século X, e procurámos mostrá-lo com toda a clareza. Assim, propusemo-nos a desenhar elementos que ilustrassem as nossas propostas: planta de implantação, plantas, cortes e alçados, axonometrias e imagens que ajudem a exemplificar as nossas propostas. É do nosso conhecimento que existem outras propostas e que já existem peças desenhadas sobre essas mesmas. Porém, as nossas propostas divergem das que já foram apresentadas e propomos ainda elementos que, para este edifício, ainda não tinham sido realizados, uma vez que não existe uma planta de implantação que mostre a relação deste monumento com a aldeia de Lebeña, nem imagens a três dimensões que exemplifiquem essas propostas.

Em suma, a primitiva igreja de Santa Maria de Lebeña terá sido algo diferente da igreja que hoje encontramos junto à aldeia de Lebeña, principalmente no que concerne às suas coberturas. No entanto, sabemos que as propostas que expusemos, de como

pensamos que esta igreja foi aquando da sua construção, resultam de opções baseadas nos dados que se conhecem até hoje sobre a igreja. Sabemos que outras propostas de reinterpretação se encontram já realizadas, tanto por Torres Campos como por Gómez Moreno. Contudo, sendo as nossas propostas diferentes das duas realizadas por estes dois autores, e incluindo elementos que ainda não tinham sido realizados para este edifício, considerámos pertinente expormos as nossas próprias ideias sobre o edifício em estudo. Sabemos também que o conhecimento de novos dados sobre esta igreja pode fazer com que outras pessoas venham a desenvolver este tema e possam chegar a conclusões diferentes das nossas. No entanto, a evolução é feita disso mesmo e não podemos afirmar que nada mais será descoberto sobre este edifício, pois novos dados poderão vir a dar origem a novos trabalhos e novas conclusões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTET, Xavier Barral I – **The early Middle Ages. From late Antiquity to A. D. 1000.**

Koln [etc.] : Taschen, cop. 1997. ISBN: 3822882615. 237p.

ARIAS, Lorenzo – **Prerrománico Asturiano: el arte de la monarquía asturiana.**

2ª ed. Gijón : Ediciones Trea, 1999. ISBN: 8495178397. 293p.

Arteguias: Rutas del Románico y Arte Medieval - Arte mozárabe en el antiguo Reino de León y Condado de Castilla

[em linha]. [Consult. 20 de Dezembro 2010]. Disponível em
www: URL: <http://www.arteguias.com/mozarabeleon.htm>

CAMPOS, R. Torres – **La iglesia de Santa María de Lebeña.**

Madrid : Imprenta de Fortanet, 1885. 53p.

FONTAINE, Jacques – **El mozárabe. La España románica.**

Madrid : Encuentro, 1984. ISBN: 84-7490-061-1 Vol. 10, 470p.

MATOSO, José – **Os moçárabes.**

Lisboa : [s.n.], 1985. Vol. 6, p. 5-24.

MINGUEZ, Bernardino Martín – **De la Cantabria : Santillana, San Martín y Santo Toribio y Santa María de Lebeña, Santa María del Puerto.**

Madrid : [s.n.], 1914. 308p.

MONFORT, Associação Cultural - Concílio Ecumênico de Trento
[em linha]. [Consult. 28 de Setembro de 2011]. Disponível em
www: URL: <http://www.montfort.org.br/old/index.php?secao=documentos&subsecao=concilios&artigo=trento&lang=bra>

MORENO, Manuel Gómez – **Iglésias mozárabes. Arte español de los siglos IX al XI.**

Ed. Facsímil. Granada : Universidad de Granada, 1919. ISBN: 8433824961 407p.

MOWINCKEL, Karen Mazarrasa - *Arte y arquitectura religiosa en el Valle de Liébana durante la Edad Moderna.*

Santander: Universidad de Cantabria, 2007. Tese de Doutoramento em História da Arte. 553p.

NUÑES, Manuel – **Arquitectura Prerománica.**

Madrid : COAG, 1978. ISBN: 8440054181 326p.

OTERO, Gloria – **El Prerrománico asturiano.**

[Madrid] : Turespaña: Secretaria General de Turismo, 1986. ISBN: 8450524059 35p.

PIJOAN, José – **Arte bárbaro y prerrománico: desde el siglo VII hasta el año 1000.** In Summa Artis : historia general del arte.

5ª ed. Madrid : Espasa-Calpe, 1966. Vol. 8, 570p.

Reinos Germânicos do Ocidente Peninsular. In Infopédia

[Em linha]. [Consult. 2011-12-05]. Disponível em
www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$reinos-germanicos-do-ocidente-peninsular](http://www.infopedia.pt/$reinos-germanicos-do-ocidente-peninsular)>

“Restauración & Rehabilitación”. Valencia. 2001, n. 52. ISSN: 1134-4571.

RUIZ, Enrique Campuzano – **Santa María de Lebeña: iglesia mozárabe del siglo X.**

Santillana del Mar : Museo Diocesano, 1998. ISBN: 84-923924-1-X 67p.

Turismo Prerrománico Español

[em linha]. [Consult. 8 de Dezembro de 2010]. Disponível em
www: URL: <http://www.turismo-prerromanico.es/arterural/lebena/lebenaficha.htm>

VELADA, José Urioste y – **Restauración de la iglesia de Santa María de Lebeña: notas para la historia de este monumento nacional.**

Madrid : Imprenta del Asilo de Huérfanos del Sagrado Corazón de Jesús, 1897. 66p.

YARZA, Joaquín – **Arte asturiano, arte “mozárabe”**. In Cuadernos de historia del arte.

Salamanca : Servicio de Publicaciones, Universidad de Extremadura, 1985. ISBN: 8460041743 Vol. 5, 38p.

YARZA, Joaquín – **Arte y arquitectura en España 500-1250.**

7ª ed. Madrid : Cátedra, 1994. ISBN: 8437602009 385p.

FONTES DE IMAGENS

Capa. Fotografia tirada por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2010

1. <http://gdiasf.blogspot.com/>
2. ALTET, Xavier Barral I – The early Middle Ages. From late Antiquity to A. D. 1000. Koln [etc.] : Taschen, cop, 1997, p. 200.
3. ALTET, Xavier Barral I – The early Middle Ages. From late Antiquity to A. D. 1000. Koln [etc.] : Taschen, cop, 1997, p. 209.
4. <http://www.1romanico.com/004/foto.asp?codf=00007016&prov=005&monumen=000015&hoja=4>
5. http://astragalonet.blogspot.com/2008_10_01_archive.html
6. <http://www.jdiezarnal.com/sanmigueldeescalada.html>
7. http://www.panageos.es/fotos/san-miguel-de-escalada_3164/san-miguel-de-escalada-leon_148624.html
8. MORENO, Manuel Gómez - Iglésias mozárabes. Arte español delos siglos IX al XI. Ed. Facsímil. Granada: Universidad de Granada, 1919, p.146.
9. <http://www.foro-ciudad.com/leon/san-miguel-de-escalada/fotos/141811-monasterio-de-san-miguel-de-escalada.html>
10. <http://www.turismo-prerromanico.es/arterural/Mazote/Mazoteficha.htm>

11. http://flickrriver.com/places/Spain/Castille+and+Leon/San+Cebri%C3%A1n+de+Mazote_/search/
12. http://es.wikipedia.org/wiki/Archivo:San_Cebri%C3%A1n_de_Mazote_iglesia_mozarabe_ni.jpg
13. <http://www.turismo-prerrománico.es/arterural/PENALBA/PENALBAFicIng.htm>
14. http://www.spainisculture.com/en/monumentos/leon/iglesia_de_santiago_de_penalba.html
15. http://sonsabela.blogspot.com/2008_12_01_archive.html
16. <http://www.arteguias.com/oreense/celanova.htm>
17. <http://www.panoramio.com/photo/5755588>
18. Fotografía tirada por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2010
19. <http://www.soydeliebana.es/fotografia/fotos-ramosjl55/santa-maria-lebena-854681.html>
20. RUIZ, Enrique Campuzano - Santa María de Lebeña: iglesia mozárabe del siglo X. Santillana del Mar : Museo Diocesano, 1998, p.42.
21. <http://www.medieval-spain.com/Santa%20Maria%20de%20Lebena/Santa%20Maria%20de%20Lebena%20joya%20mozarabe.htm>
22. Fotografía tirada por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2010.
23. Planta realizada por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2011.
24. CAMPOS, R. Torres - La iglesia de Santa María de Lebeña. Madrid : Imprenta de Fortanet, 1885, Anexos.
25. <http://www.iglesiaenliebanaypeñarrubia.es/lebena.html>
26. RESTAURACIÓN & REHABILITACIÓN. Valencia. 2001, n. 52, p.59.
27. RESTAURACIÓN & REHABILITACIÓN. Valencia. 2001, n. 52, p.60.
28. RESTAURACIÓN & REHABILITACIÓN. Valencia. 2001, n. 52, p.60.
29. Fotografía tirada por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2010.
30. Fotografía tirada por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2010.
31. <http://www.jdiezarnal.com/santamariadelebena.html>
32. CAMPOS, R. Torres - La iglesia de Santa María de Lebeña. Madrid : Imprenta de Fortanet, 1885, Anexos.
33. CAMPOS, R. Torres - La iglesia de Santa María de Lebeña. Madrid : Imprenta de Fortanet, 1885, Anexos.
34. CAMPOS, R. Torres - La iglesia de Santa María de Lebeña. Madrid : Imprenta de Fortanet, 1885, Anexos.
35. CAMPOS, R. Torres - La iglesia de Santa María de Lebeña. Madrid : Imprenta de Fortanet, 1885, Anexos.

36. MORENO, Manuel Gómez - Iglésias mozárabes. Arte español de los siglos IX al XI. Ed. Facsímil. Granada : Universidad de Granada, 1919, p.274.
37. MORENO, Manuel Gómez - Iglésias mozárabes. Arte español de los siglos IX al XI. Ed. Facsímil. Granada : Universidad de Granada, 1919, p.273.
38. MORENO, Manuel Gómez - Iglésias mozárabes. Arte español de los siglos IX al XI. Ed. Facsímil. Granada : Universidad de Granada, 1919, p.273.
39. MORENO, Manuel Gómez - Iglésias mozárabes. Arte español de los siglos IX al XI. Ed. Facsímil. Granada : Universidad de Granada, 1919, p.273.
40. RUIZ, Enrique Campuzano - Santa María de Lebeña: iglesia mozárabe del siglo X. Santillana del Mar : Museo Diocesano, 1998, p.42.
41. RUIZ, Enrique Campuzano - Santa María de Lebeña: iglesia mozárabe del siglo X. Santillana del Mar : Museo Diocesano, 1998, p.44.
42. RUIZ, Enrique Campuzano - Santa María de Lebeña: iglesia mozárabe del siglo X. Santillana del Mar : Museo Diocesano, 1998, p.44.
43. Fotografía tirada por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2010.
44. Fotografía tirada por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2010.
45. Fotografía tirada por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2010.
46. <http://www.turismo-prerromanico.es/arterural/wamba/wambaficing.htm>
47. <http://forums.catholic.com/showthread.php?p=7202236>
48. VELADA, José Urioste y - Restauración de la iglesia de Santa María de Lebeña: notas para la historia de este monumento nacional. Madrid : Imprenta del Asilo de Huérfanos del Sagrado Corazón de Jesús, 1897, Anexos.
49. VELADA, José Urioste y - Restauración de la iglesia de Santa María de Lebeña: notas para la historia de este monumento nacional. Madrid : Imprenta del Asilo de Huérfanos del Sagrado Corazón de Jesús, 1897, Anexos.
50. VELADA, José Urioste y - Restauración de la iglesia de Santa María de Lebeña: notas para la historia de este monumento nacional. Madrid : Imprenta del Asilo de Huérfanos del Sagrado Corazón de Jesús, 1897, Anexos.
51. VELADA, José Urioste y - Restauración de la iglesia de Santa María de Lebeña: notas para la historia de este monumento nacional. Madrid : Imprenta del Asilo de Huérfanos del Sagrado

Corazón de Jesús, 1897, Anexos.

52. Desenhos realizados por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2011.
53. Desenhos realizados por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2011.
54. Desenhos realizados por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2011.
55. Desenhos realizados por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2011.
56. Imagem realizada por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2011.
57. Imagem realizada por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2011.
58. Desenhos realizados por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2011.
59. Desenhos realizados por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2011.
60. Desenhos realizados por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2011.
61. Desenhos realizados por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2011.
62. Imagem realizada por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2011.
63. Imagem realizada por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2011.
64. Desenhos realizados por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2011.
65. Desenhos realizados por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2011.
66. Desenhos realizados por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2011.
67. Desenhos realizados por Sara Margarida de Matos Pinto Bronze, 2011.

VIII

Pliego de condiciones facultativas que acompañaba al proyecto de obras de restauración propuestas.

I. — Condiciones que han de reunir los materiales.

1.^a La cal crasa deberá ser de la mejor que se fabrique en la localidad, procedente de piedra dura, sin hueso, en terrones fuertes y pesados, no hidratada y bajo ningún concepto en polvo.

2.^a La cal hidráulica será procedente de Zumaya, de fabricación reciente, seca y que en modo alguno se halle en principio de hidratación.

3.^a La arena cuarzosa, lavada por el río, de grano regular, zarandeada y pasada por tamiz fino.

4.^a La piedra arenisca para sillarejos será de la que en aquellos sitios llaman de grano, de igual clase que la que tiene el edificio, cuajada, compacta, sin defectos que disminuyan su resistencia, y extraída del punto que se indique, para que no desdiga de la que existe colocada en el antiguo templo.

5.^a La piedra arenisca para mampostería reunirá iguales condiciones que la de sillarejo, y se empleará también de diversos colores, como la que hay en las fábricas existentes.

6.^a La piedra para canecillos será arenisca, elegida entre la más dura y limpia, sucediendo lo mismo con las losetas de igual clase que han de formar el vuelo de los aleros.

Las dimensiones de unos y otras serán análogas á las de los que hoy existen colocados.

7.^a Las losas de piedra calcar ó caliza para el pavimento de la iglesia serán de grano fino y duro, exentas de pelos y blandones, de estructura compacta, sacadas á un ancho y de dimensión libre en sentido de la longitud, no bajando su grueso de catorce centímetros (0^m,14) después de labradas.

8.^a La toba que se emplee para el enjutado y sobrecarga de las bóvedas será porosa, sacada de una estribación que hay á la izquierda de la carretera yendo en dirección á Potes, por ser la más esponjosa y de menos peso que se encuentra en aquellas inmediaciones.

9.^a La madera que se emplee en los elementos constructivos de la obra será del país, de roble ó castaño, de buena clase, cañiza, limpia, vetiderecha, sin nudos saltadizos, ni fibras irregulares ni vetisesgadas.

La que se use para andamiajes ó medios auxiliares, así como la de tablones, será de alisa y reunirá las debidas condiciones de escuadría y resistencia al objeto que se destina, para evitar cualquier accidente á los obreros.

10. La clavazón será de buena fábrica, de hierro dulce y grano fino y compacto.

11. La teja de buen barro, bien cortada, sonora y sin alabeos ni caliches.

12. Las varillas que han de ir recercando la tela metálica de los huecos de ventana serán de hierro, de quince milímetros (0^m,015) de diámetro, y á ellas irá tejida la malla de la alambarrera.

13. Todos los medios auxiliares, como barras, trócolas, tiros, etc., reunirán las debidas condiciones de resistencia, y el herramental y demás accesorios serán adecuados á sus diferentes usos.

II.—Manipulación y empleo de los materiales.

14. El mortero común se hará apagando la cal por inmersión en tinajas, mezclándola luego con arena silícea zarandeada en noques de madera, en proporción de dos partes de arena por una de cal crasa, batiéndolas perfectamente hasta que la mezcla resulte suave y encerada.

15. El mortero hidráulico se formará con dos partes de arena cuarzosa, lavada, de río, y una de cal hidráulica de Zumaya. Esta mezcla se hará en pequeñas porciones y se batirá con la paleta en artesas á propósito, con objeto de que no fragüe ni se endurezca antes de emplearla.

16. El mortero semihidráulico se compondrá de dos partes de arena, por dos tercios de cal hidráulica de Zumaya, batido con lechadas de cal crasa. También se mezclará en noques de madera no muy grandes, y no se dejarán masas sobrantes de un día para otro.

17. El estuco para enfoscado ó tendido interior se hará con tres partes de arena fina tamizada y dos partes de cal, bien batido, y al emplearla se arrojará de golpe con la paleta y fratasará después al remolino.

18. El barro para el sentado de la teja será molido y sin terrones, ablandándole con lechadas de cal, á fin de que, una vez puesto en obra y seco, adquiera alguna consistencia y resista la acción de las lluvias.

19. El hormigón se hará con piedra arenisca machacada y detritus de los sobrantes de la parte vieja que se reforma, y se mezclará y batirá con mortero común, apisonándole después y regándole con lechadas claras de agua de cal.

20. La mampostería se careará á martillo, sacando sus frentes planas, de dimensiones adecuadas para las buenas trabas, es decir, de piedras que atizonen todo el grueso del muro para

las hiladas de llaves, de otras intermedias para los mampuestos comunes, y de cantos más reducidos para enripiar entre los anteriores.

21. Los sillarejos se sacarán de las dimensiones de los que hay en el templo, y se desvastarán sus lechos y sobrelechos para formar planos á nivel, escuadrando sus paramentos y labrándolos á escoda.

Lo mismo se hará con las losetas que se empleen para el vuelo de los aleros, y con las losas del pavimento de la iglesia.

22. La madera que se destine á la construcción irá en toSCO, pero labrada en sus asientos, empalmes, ensambles, barbillas y esperas, para que ajusten unas piezas con otras y produzcan el efecto mecánico necesario.

23. La teja se sentará sobre el barro á escantillón, con un tercio de entrega, y en los caballetes ó cumbres se recibirá con mortero hidráulico.

III.—Modo de ejecutar las obras.

24. Todas las juntas de piedra ó mampuestos en los paramentos de fachadas, así como las quiebras que las mismas presentan en diferentes sitios, se desllagarán y franquearán quitando el mortero repasado que hoy tienen, y después de recibir las con otras piedras menudas y regarlas bien, para que la nueva argamasa se adhiera y forme cuerpo con ellas, se recibirán y enlecharán con mortero hidráulico, repretando después la llaga para que resulte rehundida y los frentes de los mampuestos completamente limpios.

25. En los arcos del pórtico de Mediodía, cuya desunión y movimiento de dovelas lo hace preciso, se pondrá una cimbra de madera ó apeo provisional, que se irá corriendo de uno á otro, con objeto de acuñar sus juntas con rajadas de piedra arenisca, contrapeándolas y templándolas con un mazo, sin dar

golpes fuertes, para recibir después dichas juntas con mortero hidráulico, á fin de consolidar los mencionados arcos, evitando el progreso de su ruina.

El actual tabicado que tienen los arcos de Oriente y Occidente, ya desprendido y desplomado, se demolerá y sustituirá por otro análogo, buscando terreno firme y guardando sus aplomos.

En aquellas partes de cornisa en que, por efecto de haberse movido los arcos, están desunidas las piedras, se meterán tacos bien recibidos, para labrarlos en tosco, como el resto de las referidas cornisas.

26. Los canecillos serán de iguales dimensiones y labra que los existentes en los diferentes cuerpos del edificio, atizorando el grueso del muro y recibéndolos con mortero hidráulico.

27. Las fajas de imposta que faltan se colocarán en los huecos que existen para las mismas, casando sus dibujos y labra y dándoles el mismo tizón que las antiguas, recibéndolas también con cal hidráulica.

28. Los tejados se irán levantando por secciones ó zonas de bóvedas, para evitar el que éstas puedan sufrir perjuicios por las lluvias. Se destejará, apilando convenientemente toda la teja que pueda ser utilizada. Se quitará toda la tierra que forma el enjutado y carga de las referidas bóvedas, hasta dejar descubierto el trasdós de éstas, el que, una vez limpio, barrido y regado con agua, se tenderá con una capa de mortero hidráulico, de tres centímetros (0^m,03) de espesor, con objeto de hacerlos impermeables, dejando una superficie áspera, á la que se repellará con mortero semihidráulico la toba del nuevo enjutado y carga que ha de formar las vertientes de los faldones.

Estos planos inclinados se maestrearán y guarnecerán con mortero hidráulico, para hacer otra capa impermeable, y sobre ella se colocará el barro que ha de constituir el asiento de las canales y cobijas, recibiendo con cal hidráulica los cabaletes y boquillas, y colocando sobre éstas las piedras que em-

plean en la localidad para contrarrestar el efecto de los huracanes. En estos trabajos se llevará gran método y cuidado, y no se procederá á descubrir una bóveda sin que esté tejada la inmediata.

Las bóvedas y arcos que, como los correspondientes á la crujía de Oriente, ó sea á la capilla mayor y laterales, se encuentran resentidos, se acuñarán y enlecharán convenientemente así que se hayan franqueado sus trasdoses, haciendo después en ellos la operación que se ha descrito para las bóvedas y tejados anteriores.

29. La demolición de la torre se hará con las mayores precauciones, sin dar golpe alguno, sino empezando por bajar las campanas, para lo que se establecerá un castillejo de madera de alisa, convenientemente empuentado y arriestrado, con altura suficiente para el amaine, buenos durmientes para soporte de la barra de las trócolas, y tiros resistentes de cáñamo, adoptando las medidas necesarias con objeto de evitar cualquier percance. Se destejará después la cubierta de la mencionada torre, levantando los cabrios y mampuestos con barra, en evitación de golpes y de que caigan sobre los tejados inferiores, apilando aparte todos los materiales utilizables, para emplearlos en la construcción de la nueva torre. Una vez desmontada por completo la antigua, se limpiarán las bóvedas, repretando por el trasdós sus hiendas, según se ha dicho, procediendo á completar los canecillos y trozos de imposta, y tejándolo después como se propone para el resto del edificio, á fin de que la fachada Este resulte como aparece en el plano de restauración.

30. En el interior del templo se establecerán andamios compuestos de almas, puentes, riostras y tablones de alisa para levantar el encalado que tienen sus paramentos verticales y bóvedas, dejando al descubierto la mampostería, y cogiendo con mortero hidráulico las quiebras que presentan algunos arcos y bóvedas, resanando las juntas. Una vez hecho esto se enfoscarán todos los paramentos con estuco fino de cal y arena tamizada, fratasada al remolino, para que quede de su color.

Toda la capa de pintura que tienen los arcos, capiteles, columnas y guarniciones de las puertas se hará desaparecer, empleando hierros finos y bien afilados, para que no pierdan su detalle iconístico y resulte la piedra de su tono, sin embadurnado alguno. En esta operación se empleará gran cuidado, lavando la piedra, en aquellos puntos en que fuese suficiente, para quitar la capa de pintura que hoy la recubre. También se pondrán rejillas en los huecos de ventanas en la forma que se detalla en el lugar correspondiente.

31. En los plintos de las basas de las columnas que están más deteriorados se pondrán piezas de igual clase de piedra arenisca, haciendo las cajas que sea posible con colas ó lazos, y recibiendo las piezas nuevas á la piedra antigua con mortero hidráulico. Esta operación debe también practicarse con especial esmero, empleando herramientas finas en la apertura de cajas y evitando el dar fuertes golpes.

32. El pavimento de la iglesia se formará dando una ligera cava á la tierra que hoy tiene y quitando los rastreles de las sepulturas, que están en su generalidad completamente podridos, nivelando bien los banqueros que se describen en la Memoria, y separando uno de otro por una línea de batientes ó adoquines.

Después se echará una capa de hormigón de piedra machacada y mortero, bien apisonada, para que forme clavo, y encima se pondrá la losa de piedra calcar, cuyo despiezo se estudiará oportunamente, recibida con mortero, haciendo que éste rebose por las juntas, las que serán labradas, y el paramento, visto repasado á escoda.

Se conservarán las cinco losas que hay delante del altar mayor, pero se recibirán igualmente con mortero.

33. En la armadura del pórtico se echarán las piezas y cabrios nuevos que sea preciso, así como en el coro, puertas, etc.; es decir, las obras complementarias de las descritas que por su escasa importancia no se pueden enumerar, pero todas conducentes á dejar el templo en buenas condiciones.

34. La cerca del osario se demolerá, empleando la piedra en la construcción de la nueva torre. Los restos humanos que allí existan se dejarán en aquel sitio, ó serán trasladados al cementerio.

35. Para la construcción de la nueva torre se empezará por abrir las zanjas para cimientos, hasta encontrar terreno completamente firme. Dichos cimientos se harán con mampostería de piedra arenisca bien trabada con mortero común, apisonándola por bancos á nivel, cuya altura no pase de cincuenta centímetros (0,50^m), enrasando dichos bancos con los detritus de la teja que resulte sobrante del antiguo edificio. Una vez enrasado el cimiento, se colocarán las hiladas de sillarejo que formen el zócalo, guardando las trabas en sus frentes y tizonas, á fin de que todas las juntas vengan contrapeadas. Se continuará después el resto de mampostería irregular concertada, hecha por hiladas á nivel en todo el aro de contorno, formando en los ángulos las cadenas de sillarejo de mayor y menor que el plano indica. Esta mampostería se sentará á martillo con mortero común, y se guardarán las trabas poniendo llaves ó perpiaños que atizonen todo el espesor del muro. Dispuesta la correspondiente cimbra, se armará también el arco con dovelas de sillarejo irregular y de forma de herradura como los que hay en el interior de la iglesia, acuñando sus juntas y recibéndolas con mortero hidráulico. También se hará el recerco de piedra arenisca de la tronera ó ventana de luces.

Al llegar al cuerpo de campanas, y una vez enrasado éste á la altura del antepecho, se continuará con las cadenas, recerco y pilastras de sillarejo que se ven en el plano, colocando las cimbras para los arcos de herradura de dicho cuerpo, que serán análogos al de la puerta de entrada.

Encima de los referidos arcos se pondrá una hilada de losa formando la imposta, cuyo frente será decorado como las restantes del antiguo monumento, y los canecillos de idénticas dimensiones, clase y labra; sobre los canecillos las losetas del

vuelo, y á los haces interiores del muro se colocará su estribo, en el que embarbillen los cabrios, sobre los que irá clavada la tabla de la cubierta. Debo advertir que para ésta se piensa utilizar la de la actual torre, reponiendo alguna pieza que pueda estropearse al desarmarla. Las campanas se montarán en la nueva torre tal y como se hallan en la existente. En el interior se formará la escalera que el plano de planta y sección representa, armada con zancas de roble de diez centímetros por veinticinco centímetros ($0,10^m \times 0,25^m$), pilarote de diez por diez centímetros ($0,10^m \times 0,10^m$), puentes de diez y seis por veinticinco ($0,16^m \times 0,25^m$), maderos de mesilla de diez por diez centímetros ($0,10^m \times 0,10^m$), tornapuntas de diez y siete por trece centímetros ($0,17^m \times 0,13^m$), huellas de tabla de alisa de cinco centímetros ($0,05^m$) de grueso, que por un lado irán recibidas en el muro y por el otro cajeadas con espigas á las zancas, y pasamanos de cabrio alomado en toscó. Todas estas piezas irán convenientemente engatilladas con hierro y tornillos.

La cubierta será de teja, á cuatro aguas, recibida con barro, y los caballetes con cal.

Toda la mampostería llevará retundidas las juntas, tanto interior como exteriormente, dejando los mechinales descubiertos.

En el hueco de entrada se pondrá la correspondiente puerta de madera de roble con su herraje y accesorios.

36. En toda la zona exterior al templo se arreglará el terreno disponiendo vertientes para dar salida á las aguas, á cuyo efecto se harán ligeros desmontes en unos sitios, cuidando siempre de que los cimientos no queden caballeros, y se terraplenará en otros, agregando una reducida faja del cementerio, según indica el plano de planta, y haciendo una pequeña escalerilla para entrar en aquél. La cerca de esta zona se formará con mampostería en seco, trabada y concertada, y se la dará un metro de altura sobre la rasante que resulte más alta. Las tierras se moverán y extraerán con carretillas.

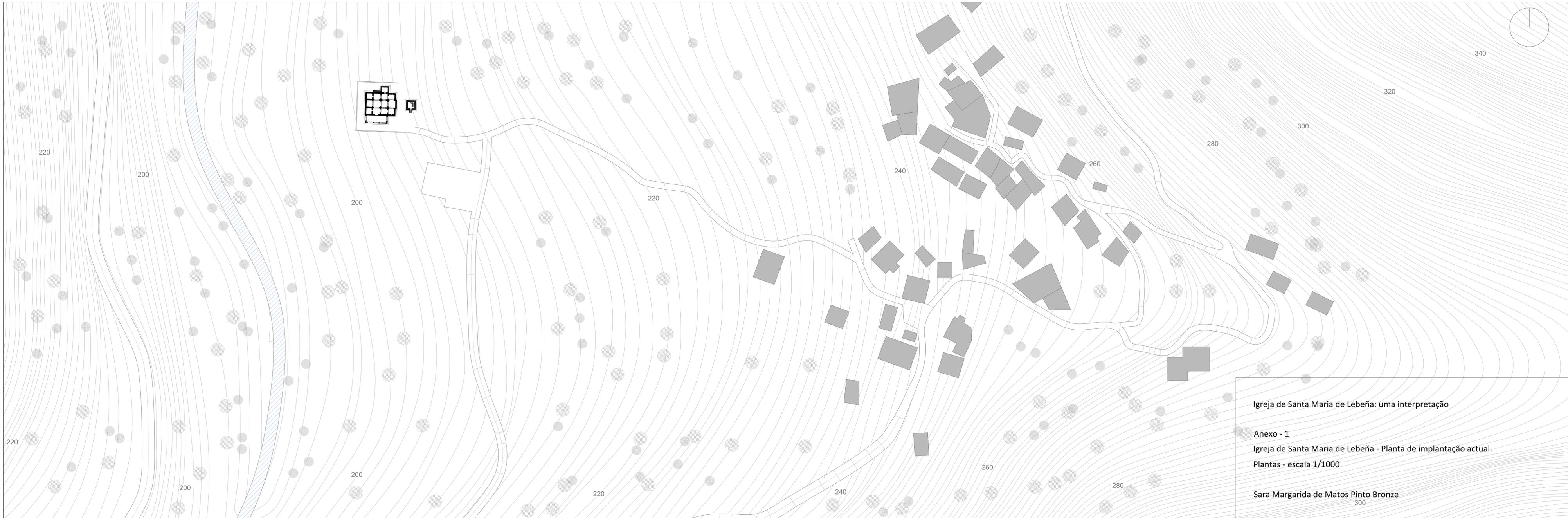
37. Las portilleras para impedir el paso á los ganados se formarán con pilarotes de madera, puentes y tablas espaciadas á hueco por macizo, con clavos remachados y su correspondiente herraje de bisagras y picaporte tosco de madera.

Los pilarotes irán clavados en tierra y sujetos á los muros de la cerca, para que resulte una barrera sólida.

38. Las obras empezarán á los veinte días de dictarse por la Dirección general de Instrucción pública la Real orden para su ejecución, y se calcula el plazo racional de ocho meses para darlas terminadas.

Al frente de los trabajos deberá ponerse una persona práctica, de la confianza del Arquitecto, conocedora de la localidad y de la manipulación y empleo de los materiales que han de entrar en la confección de la presente obra.

Madrid, 20 de Junio de 1895. — *Arquitecto*, JOSÉ URIOSTE Y VELADA.



Igreja de Santa Maria de Lebeña: uma interpretação

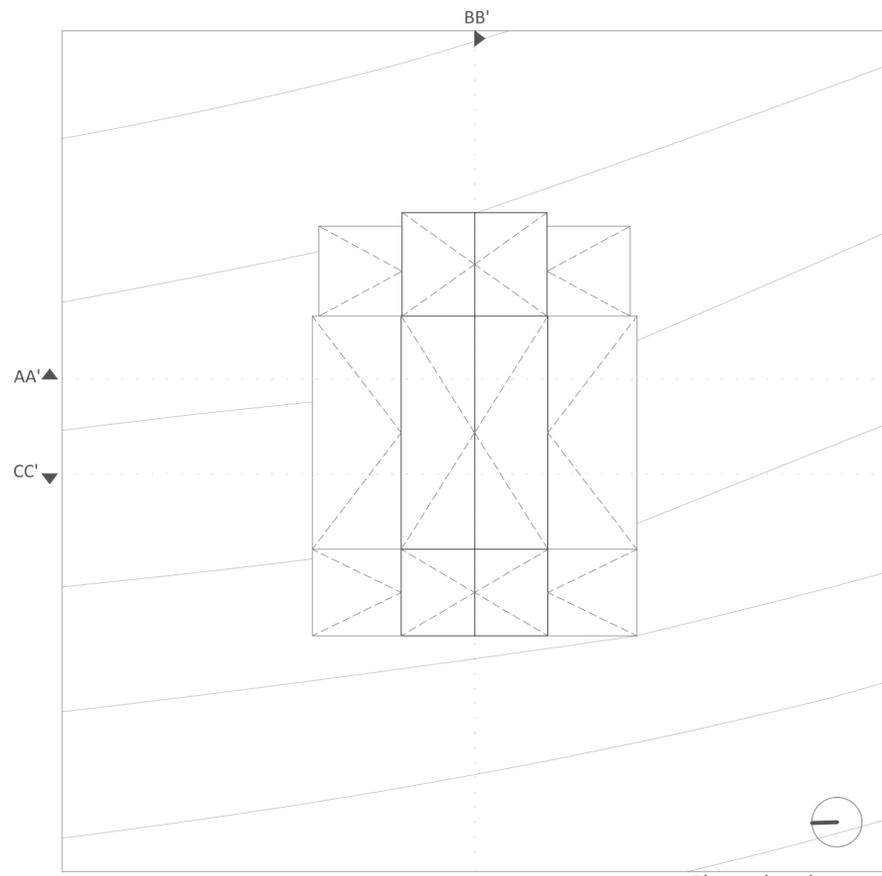
Anexo - 1

Igreja de Santa Maria de Lebeña - Planta de implantação actual.

Plantas - escala 1/1000

Sara Margarida de Matos Pinto Bronze

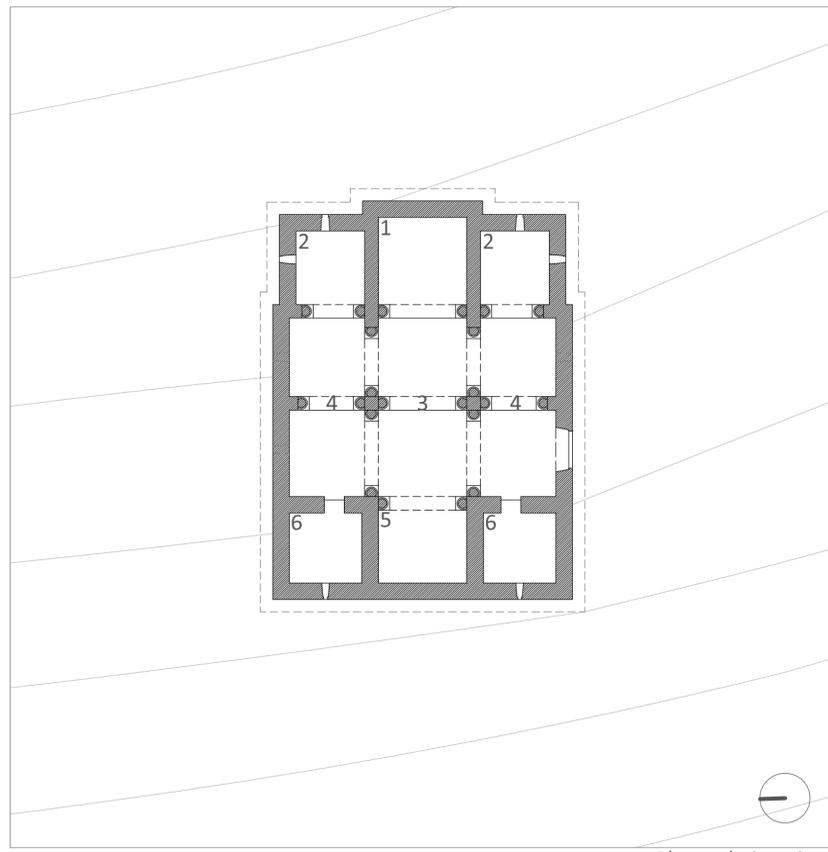
300



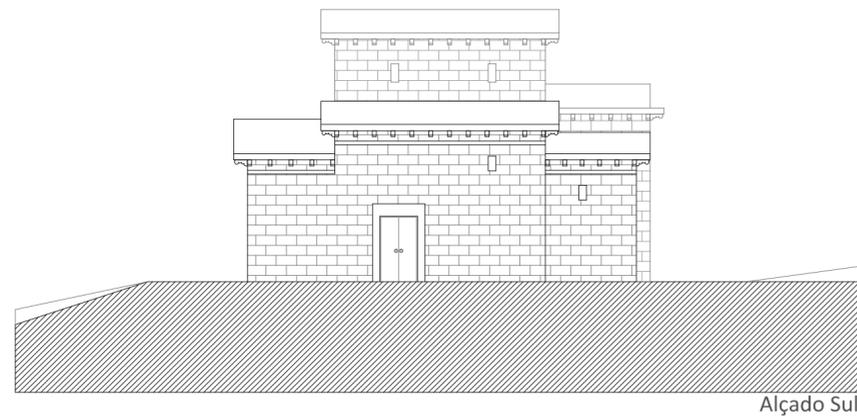
Planta da cobertura

LEGENDA:

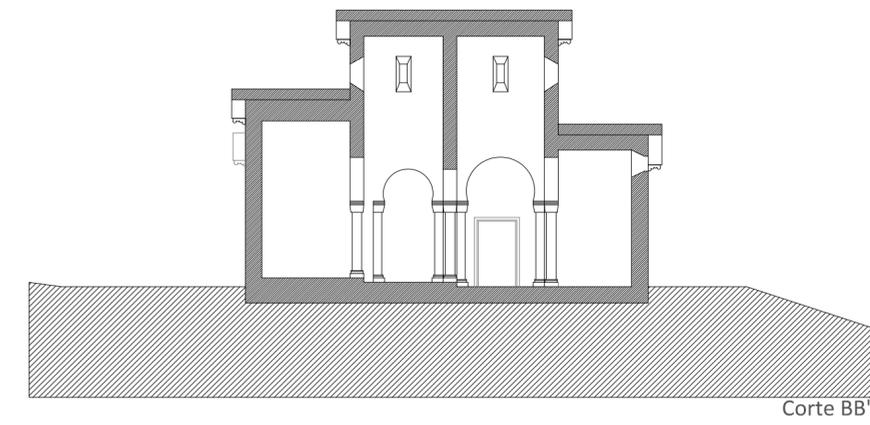
- 1 - Ábside principal
- 2 - Ábside co-lateral
- 3 - Nave principal
- 4 - Nave lateral
- 5 - Contra-ábside
- 6 - Capelas encerradas



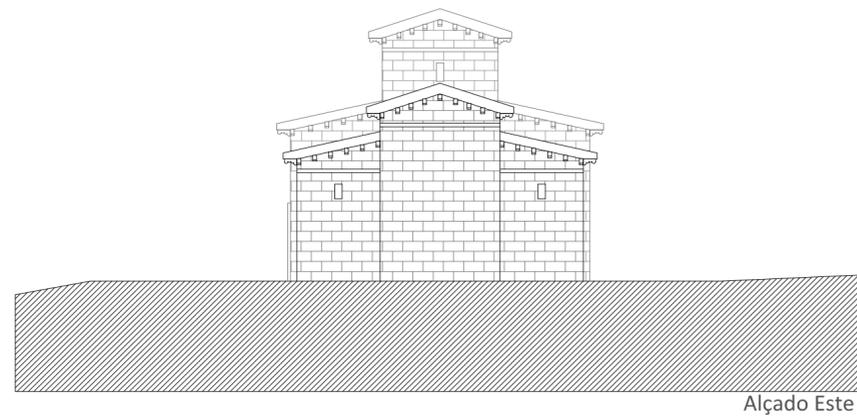
Planta do interior



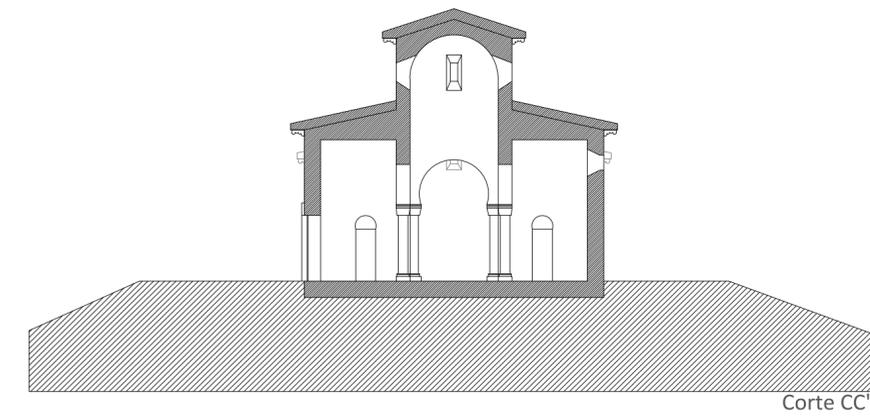
Alçado Sul



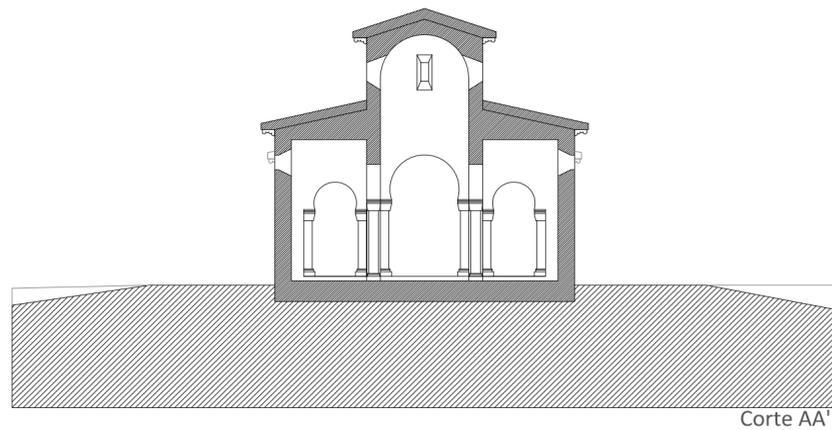
Corte BB'



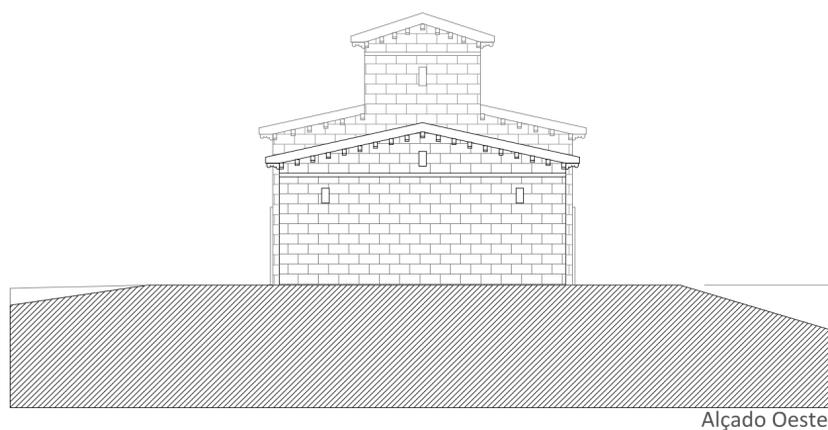
Alçado Este



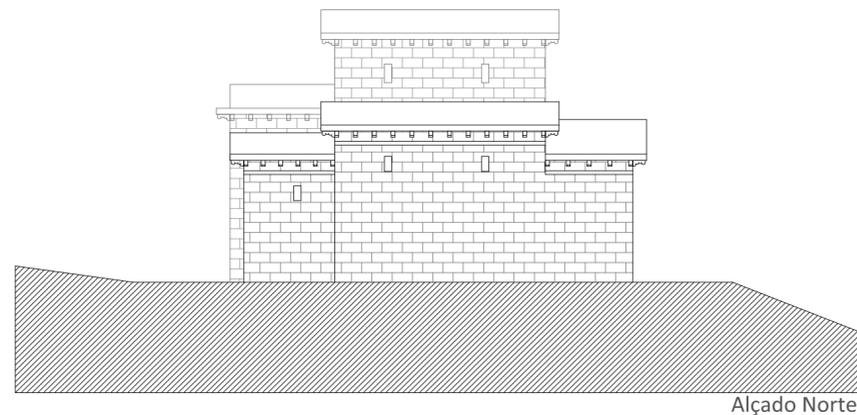
Corte CC'



Corte AA'



Alçado Oeste



Alçado Norte

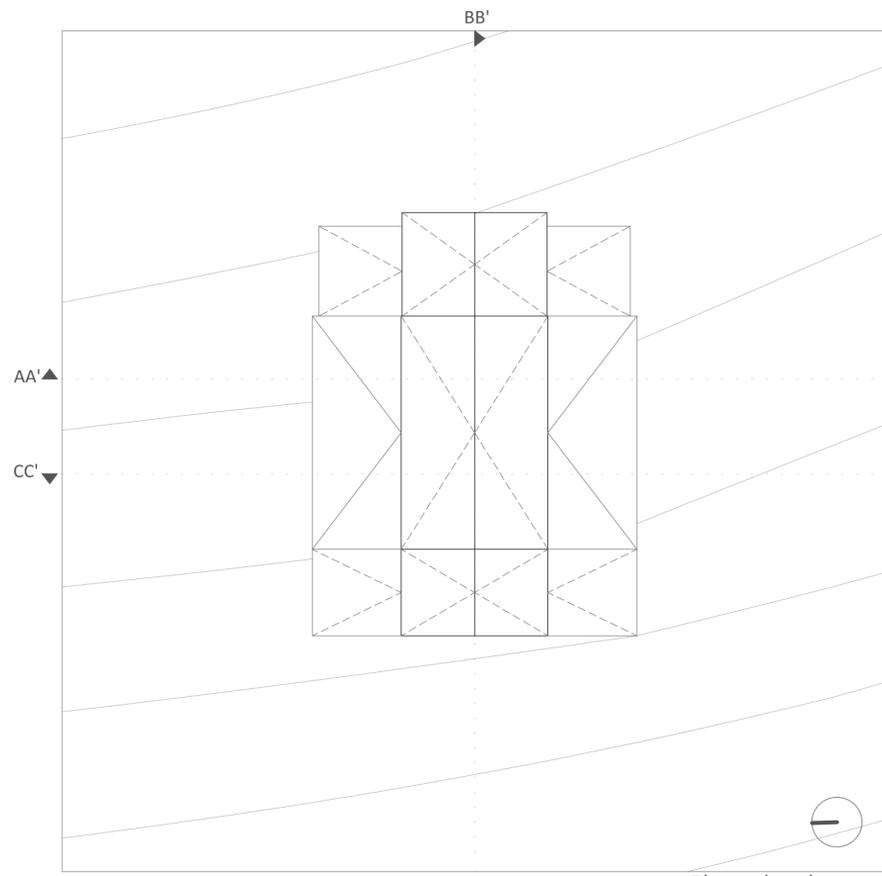
Igreja de Santa Maria de Lebeña: uma interpretação

Anexo - 3

Igreja de Santa Maria de Lebeña - Primeira proposta de reinterpretação.

Plantas e cortes - escala 1/200

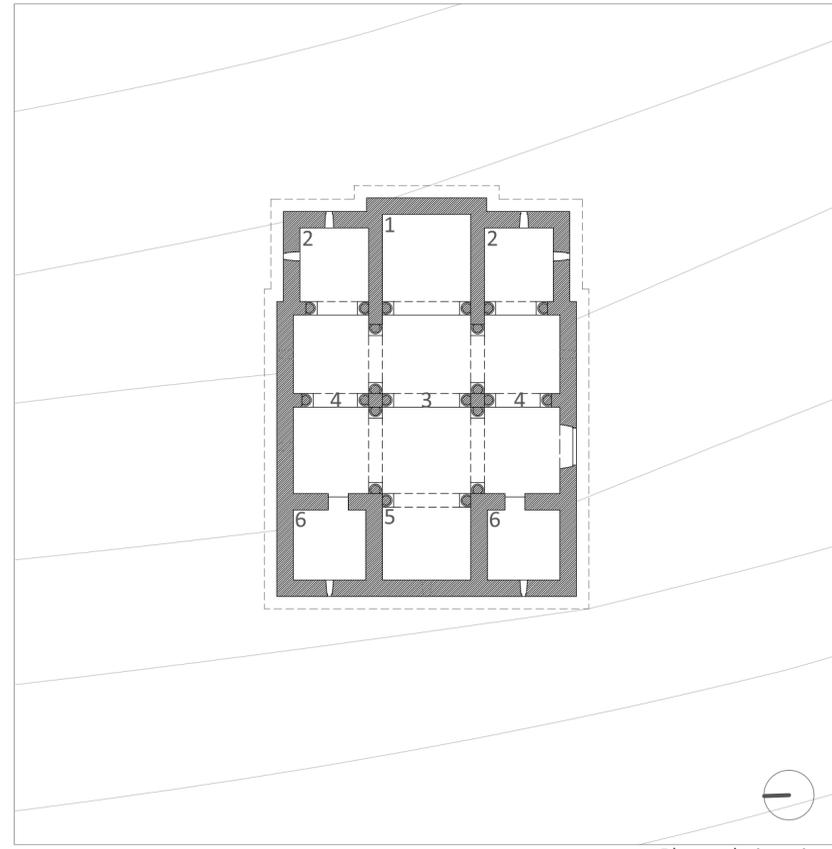
Sara Margarida de Matos Pinto Bronze



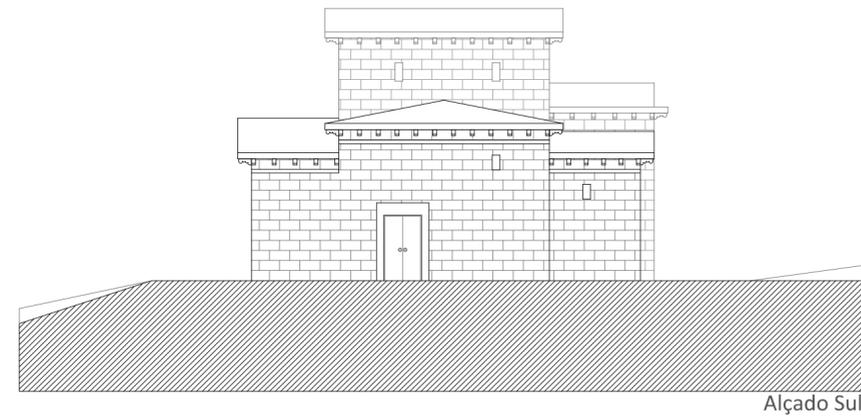
Planta da cobertura

LEGENDA:

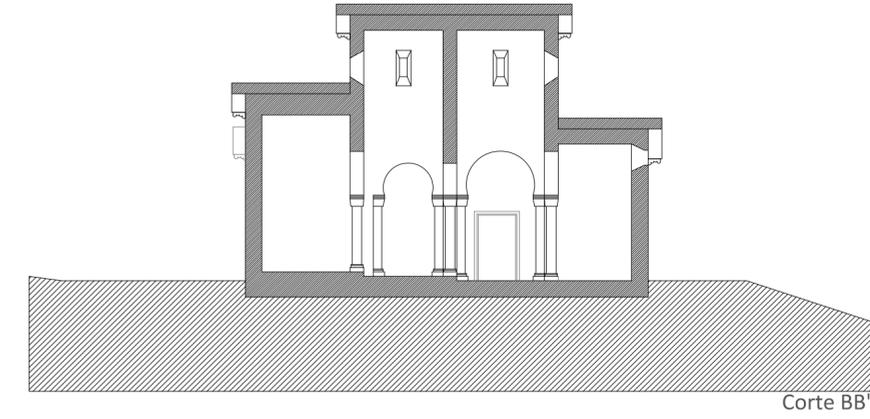
- 1 - Ábside principal
- 2 - Ábside co-lateral
- 3 - Nave principal
- 4 - Nave lateral
- 5 - Contra-ábside
- 6 - Capelas encerradas



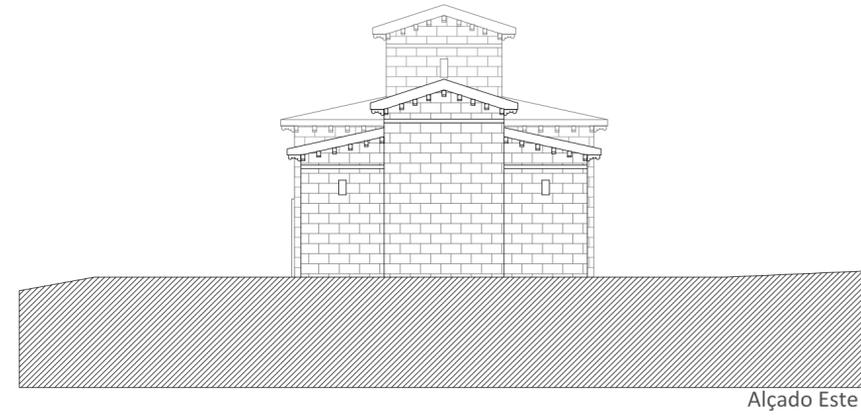
Planta do interior



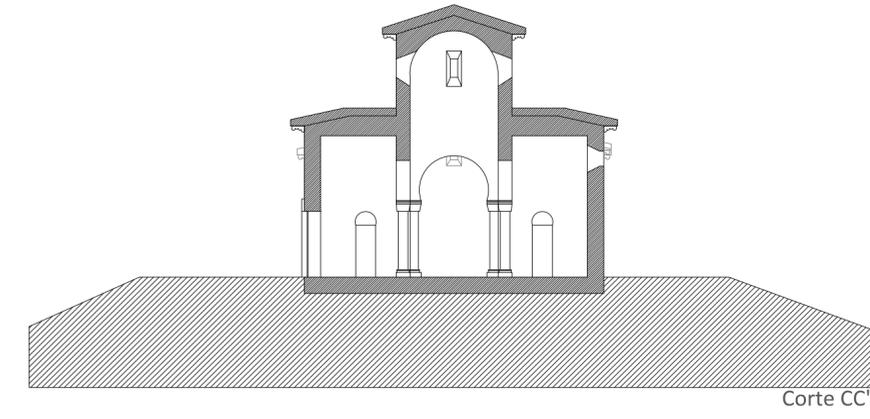
Alçado Sul



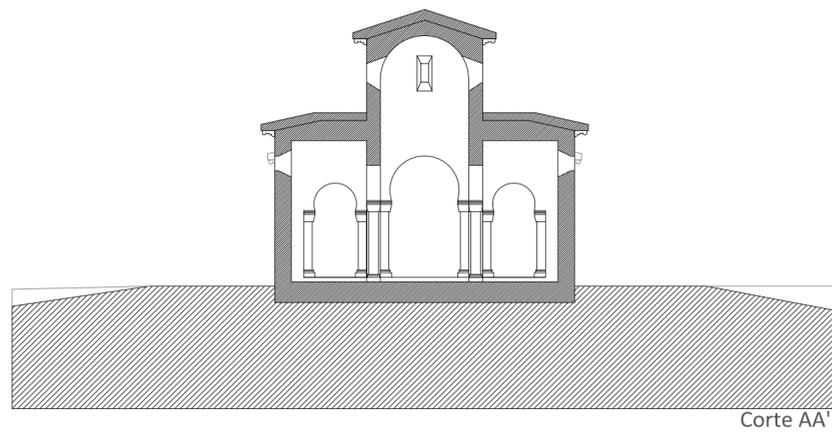
Corte BB'



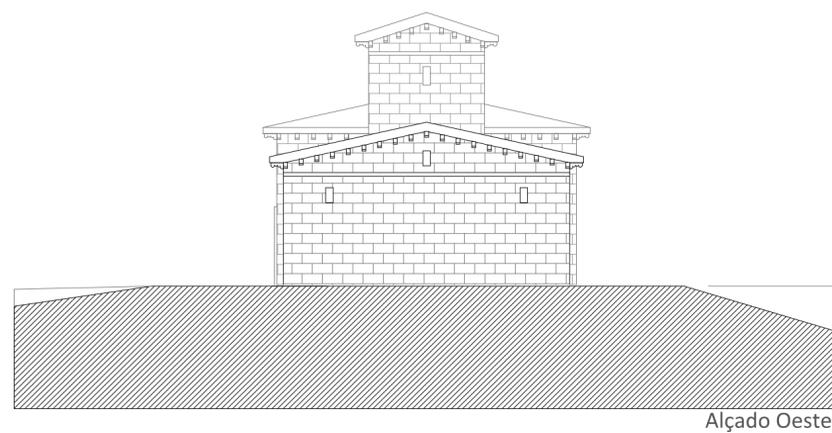
Alçado Este



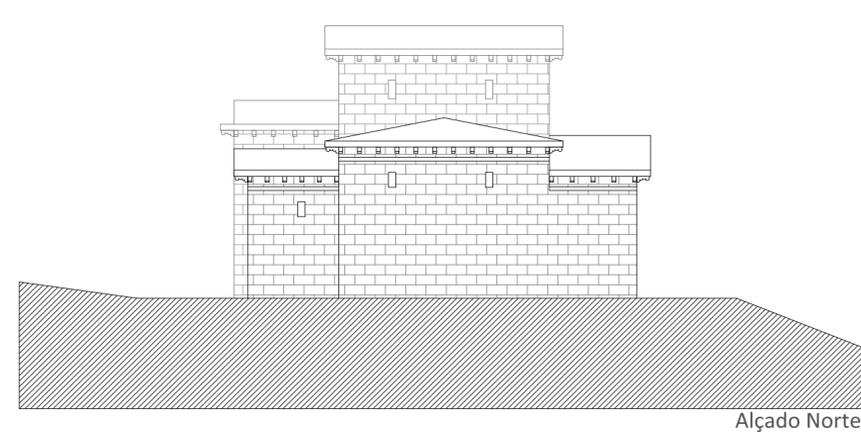
Corte CC'



Corte AA'



Alçado Oeste



Alçado Norte

Igreja de Santa Maria de Lebeña: uma interpretação

Anexo - 4

Igreja de Santa Maria de Lebeña - Segunda proposta de reinterpretação.

Plantas e cortes - escala 1/200

Sara Margarida de Matos Pinto Bronze